

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**AGÊNCIA DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO, PESQUISA, PÓS-**  
**GRADUAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO (AGEUFMA)**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE**

VIVIANE LIMA COIMBRA

**UMA VIAGEM PELO PRESENTE, PASSADO E FUTURO:** o estudo de literatura em  
língua inglesa por meio de recursos digitais no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino  
Manoel Beckman em São Luís - MA

São Luís  
2024

VIVIANE LIMA COIMBRA

**UMA VIAGEM PELO PRESENTE, PASSADO E FUTURO:** o estudo de literatura em língua inglesa por meio de recursos digitais no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís - MA

Dissertação apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Cultura e Sociedade, com área de concentração em Cultura, Educação e Tecnologia, pela Universidade Federal do Maranhão.

Orientadora: Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa

São Luís  
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Coimbra, Viviane Lima.

Uma viagem pelo presente, passado e futuro: o estudo de literatura em língua inglesa por meio de recursos digitais no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís - MA / Viviane Lima Coimbra. - 2024.  
137 p.

Orientador(a): Márcia Manir Miguel Feitosa.  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Ensino. 2. Literatura em língua inglesa. 3. Recursos Digitais. 4. Tecnologia. I. Feitosa, Márcia Manir Miguel. II. Título.

VIVIANE LIMA COIMBRA

**UMA VIAGEM PELO PRESENTE, PASSADO E FUTURO:** o estudo de literatura em língua inglesa por meio de recursos digitais no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís - MA

Dissertação apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão, na área de concentração: Cultura, Educação e Tecnologia.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa (Orientadora)  
Universidade Federal do Maranhão

---

Dra. Sannyia Fernanda Nunes Rodrigues  
Universidade Federal do Maranhão

---

Dr. Nataniel Mendes da Silva  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que  
contribuíram de alguma forma para eu ter  
chegado até aqui.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado a vida e tudo o que me foi necessário para chegar até aqui;

Aos meus pais, Maria do Socorro e Antônio Reinaldo (*in memoriam*), por todo amor que me sustenta;

Aos meus irmãos, Reinaldo, Rogério e Ronald e suas respectivas famílias, por eu saber que com eles nunca me sentirei sozinha;

À minha orientadora, por ter me despertado para a magia da Literatura, além de fazer considerações sempre tão interessantes e pertinentes e de forma muito gentil;

Aos meus familiares, especialmente, as primas Angélica, Síntia, Suéllen, Priscilla e Ângela, por todo o apoio que me foi dado; e aos tios, Alberto, Rosarina, Rosemary e Maria Rita;

Aos amigos, novos e de longa data, dentre eles, Walesca, Silva, Máximo, Girlene Angélica, Girlene Baima, Cris, Eliz, Wil, Lore, Márcio, Nathana, Jú, Vítinho, Lidiane, Érica, Lúcia, Valéria, Meire, D. Chica, Odlá, Gabi, Bianca, Nilza, Welyza, Meneses, Lívia, Ronaldo, Claudomir, Ellen, Cláudia, Letícia, Veuzá, Dani e Ylvia e tantos outros que sempre me acolheram;

À minha turma do mestrado, principalmente, Letícia, Wlisses, Cibele, Isabèle, Jacenilde, Priscila e Paula;

Aos meus professores, todos maravilhosos, por terem nutrido a minha mente, especialmente, Dra. Sanny e Dr. Bottentuit;

Aos gestores, professores, alunos, servidores e funcionários do Centro de Ensino Manoel Beckman, por terem aceitado participar da pesquisa e por terem me recepcionado de forma tão amável, e do Instituto Federal do Maranhão, especialmente, do Campus Pinheiro, por terem acreditado e investido em mim.

“Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo.”

(Malala Yousafzai)

## RESUMO

Esta pesquisa trata do estudo de literatura em língua inglesa por meio de recursos digitais no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman, em São Luís – MA, e o faz por meio de um convite a uma viagem literária pelo presente, passado e futuro. Semelhante pesquisa surgiu a partir da constatação da importância da leitura do texto literário, expressa no texto da Base Nacional Comum Curricular, BNCC, em 2017, aliada à suspeita de que os alunos de língua inglesa, em virtude do pouco tempo disponibilizado a esse componente curricular, estavam tendo esse conteúdo suprimido ou diminuído da ementa da disciplina. Além disso, verificou-se que os conteúdos trabalhados desconsideravam o conteúdo prévio dos alunos e sua afinidade com os recursos digitais de ensino. Objetiva-se investigar a utilização de recursos digitais como instrumentos de auxílio para o estudo de obras de literatura em língua inglesa no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís- MA. Trata-se de uma pesquisa aplicada, no que tange à natureza; qualitativa, em relação à abordagem; intervencionista no que se refere aos objetivos; e, no que concerne aos procedimentos técnicos, bibliográfica e documental. O estudo se inicia com uma visão geral sobre literatura, trazendo importantes teóricos, como Salvatore D’Onofrio (1995), Mikhail Bakhtin (2006) e Ítalo Calvino (2007), e apresenta, em seguida, um panorama histórico da literatura em língua inglesa, segundo autores conceituados, como Jorge Luís Borges (2016), e outros mais contemporâneos como Alexander Meireles da Silva (2006). Posteriormente, trata de tecnologia à luz do Manifesto Ciborgue de Donna Haraway (Tadeu, 2009). Por conseguinte, aplicam-se e demonstram-se os resultados da pesquisa. Por fim, conclui-se que os alunos se sentem mais motivados a estudar literatura em língua inglesa com o uso de recursos digitais; que há um ganho de tempo extra, para os professores, ao utilizarem tecnologia nesse processo; que os alunos se sentem mais protagonistas de seus próprios aprendizados; que, apesar de amarem inovações, os discentes ainda preferem ler os livros na modalidade impressa.

**Palavras-chave:** literatura em língua inglesa; ensino; tecnologia; recursos digitais.



## ABSTRACT

This research is about the use of digital resources in the study of English Literature in junior high school at *Centro de Ensino Manoel Beckman* in São Luís- MA, and it is also an invitation to a literary journey through present, past, and future. The reason of this study came from the confirmation of the importance of reading literary texts, expressed in *Base Nacional Comum Curricular* – BNCC, in 2017 and the presumption that English Language students, due to the little time available for this curricular component, were having part of important English contents suppressed or reduced from that subject. In addition, it was verified that English Planning was not considering students' prior knowledge and their affinity with digital teaching tools. It aims to investigate the use of digital resources for enhancing the study of English literature in junior high school at *Centro de Ensino Manoel Beckman* in São Luís-MA. It is an applied research according to its purpose; qualitative, in relation to the mode of inquiry; interventional, due to its objectives; and bibliographic and documentary because of its technical procedures. The study begins with an overview of literature, bringing together important theorists, such as Salvatore D'Onofrio (1995), Mikhail Bakhtin (2006) and Ítalo Calvino (2007), and then presents a historical journey through English literature, according renowned authors, such as Jorge Luís Borges (2016), and other more contemporary ones, like Alexander Meireles da Silva (2006). So, it explains the concepts of technology based on the ideas of Donna Haraway (Tadeu, 2009) in *Cyborg Manifesto*. After that, it applies and demonstrate the results of the study. Finally, it concludes that students feel more motivated to study English literature with the use of digital resources; there is an extra gain of time for teachers when technology is used in teaching process; students also feel more protagonists of their own learning; and, despite loving innovations, students still prefer to read books in print.

**Keywords:** English Literature; teaching; technology; digital resources.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> Fachada da Escola.....	89
<b>Figura 2-</b> Jardim e Corredores da Escola.....	89
<b>Figura 3 -</b> Apresentação ao Grupo do <i>WhatsApp</i> - Matutino .....	93
<b>Figura 4 -</b> Postagem do <i>link</i> do Questionário I – Alunos – Apêndice A .....	94
<b>Figura 5 -</b> <i>Word Cloud</i> - MAT.....	95
<b>Figura 6 -</b> <i>Word Cloud</i> - VESP.....	95
<b>Figura 7 -</b> Ranking - MAT.....	96
<b>Figura 8 -</b> <i>Ranking</i> - VESP .....	96
<b>Figura 9 -</b> Alunos em contato com as obras .....	98
<b>Figura 10 -</b> <i>Padlet</i> MAT .....	99
<b>Figura 11 -</b> <i>Padlet</i> VESP .....	100
<b>Figura 12 -</b> Enquete <i>WhatsApp</i> MAT .....	100
<b>Figura 13 -</b> Enquete <i>WhatsApp</i> VESP .....	101
<b>Figura 14 -</b> Aplicação do <i>Plickers</i> .....	102
<b>Figura 15 -</b> Leitura dos Cartões <i>Plickers</i> .....	103
<b>Figura 16 -</b> <i>Quiz Plickers</i> .....	103
<b>Figura 17 -</b> Postagem de <i>Podcast</i> .....	104
<b>Figura 18 -</b> Livros para Sorteio.....	106
<b>Figura 19 -</b> Sorteio Virtual.....	106

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 UMA VIAGEM PELA LITERATURA</b> .....	<b>15</b>
2.1 Ser ou não ser literatura? Eis a questão!.....	18
2.2 <i>Dulce et Utile</i> da arte .....	19
2.3 “Tipos relativamente estáveis de enunciados” .....	22
2.4 Um clássico: aquele que precisa continuar dizendo o que precisa ser dito .....	26
2.5 Ao futuro ou ao passado: para uma época em que o pensamento seja livre.....	31
<b>3 LITERATURA EM LÍNGUA INGLESA: SEGUINDO PELA TOCA DO COELHO EM BUSCA DE UMA HISTÓRIA COMPRIDA</b> .....	<b>34</b>
3.1 <i>Beowulf</i> - o príncipe da Suécia.....	36
3.2 Literatura medieval inglesa: entre cruzes e espadas .....	40
3.2.1 Um rei, uma espada, uma mesa: as fascinantes narrativas sobre o Rei Arthur .....	45
3.3 Século XVI: na imensidão que existe entre o Céu e a Terra.....	47
3.4 Século XVII: Céu, Caos, Inferno e Terra .....	49
3.5 Século XVIII: o nascimento do romance .....	51
3.6 Século XIX: entre luzes e trevas.....	55
3.7 Século XX: entre a interpretação dos sonhos e as guerras .....	59
3.8 Século XXI: do ataque às torres gêmeas à pandemia de Covid-19 .....	64
<b>4 SOMOS TODOS CIBORGUES</b> .....	<b>66</b>
4.1 Fantasma do natal presente: refletindo a prática docente em meio às tecnologias digitais de informação e comunicação .....	69
4.2 O fantasma do futuro quebrando as barreiras de tempo e de espaço .....	74
4.2.1 <i>Mentimeter</i> .....	76
4.2.2 <i>Youtube</i> .....	76
4.2.3 <i>WhatsApp</i> .....	77
4.2.4 <i>Google Forms</i> .....	78
4.2.5 <i>Genially</i> .....	79
4.2.6 <i>Canva</i> .....	80

4.2.7 Padlet.....	81
4.2.8 Plickers .....	82
4.2.9 Instagram.....	83
4.2.10 Podcast .....	84
4.2.11 Wattpad.....	84
4.2.12 Kindle.....	85
<b>5 ENTRE PERGUNTAS E DÚVIDAS, NASCE UMA PESQUISA.....</b>	<b>87</b>
<b>5.1 A escola “Centro de Ensino Manoel Beckman” .....</b>	<b>88</b>
<b>5.2 Os participantes da pesquisa .....</b>	<b>90</b>
<b>5.3 A proposta metodológica.....</b>	<b>91</b>
<b>5.4 Aplicação da pesquisa .....</b>	<b>92</b>
<b>5.5 Resultados da Pesquisa .....</b>	<b>107</b>
5.5.6 Alunos.....	107
5.5.7 Professores.....	114
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>117</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário Alunos I.....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE B – Questionário Alunos II .....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE C – Questionário Professores.....</b>	<b>128</b>
<b>APÊNDICE D – Termo de Assentimento [Pesquisa Experimental] com menores de dezoito anos ou legalmente incapazes .....</b>	<b>130</b>
<b>APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>131</b>
<b>ANEXO A – Autorização Comitê de Ética – Parecer Consubstanciado .....</b>	<b>132</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo de literatura nas escolas públicas de ensino básico, especificamente, no 2º ano do ensino médio, objeto deste estudo, está contemplado na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio – BNCC que reforça em seu texto a importância da leitura do texto literário, quando diz “[...] a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir” (Brasil, 2018, p. 491).

Desse modo, a literatura acaba possibilitando a manifestação de uma diversidade de representações culturais, principalmente, através do uso da língua, seja ela nacional ou estrangeira. Logo, sendo a língua inglesa disciplina obrigatória no ensino médio, de acordo com a lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017<sup>1</sup>, art. 3º, § 4º, qual seja: “Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino” (Brasil, 2017, p. 1), faz-se necessária a inserção do estudo de literatura na ementa desse componente curricular.

Cabe ao professor de língua inglesa, portanto, no momento de seu planejamento, fazer essa inserção, disponibilizando materiais e assuntos relacionados ao aprendizado da língua a que se propõe, ao mesmo tempo em que oferecerá e discutirá, dentro do seu cronograma, obras literárias de autores que escrevem originariamente naquele idioma. Isso possibilitará não somente uma ampliação do vocabulário dos alunos, mas principalmente um conhecimento social, cultural e filosófico mais aproximado da realidade vivida pelos falantes de língua inglesa.

Vale destacar que essa oferta não pode acontecer de forma “engessada”, com autores e obras pré-estabelecidos pelo professor e sem possibilidade de mudanças, pois os alunos podem e devem opinar sobre quais gêneros, autores e livros seriam mais interessantes a serem trabalhados em sala, fazendo com que o prazer da leitura se sobressaia ao currículo obrigatório estabelecido. No entanto, isso não significa que o professor irá desprezar as obras clássicas.

---

<sup>1</sup> Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

Elas deverão servir de referência e comparação com as escolhidas, além de serem aclamadas sempre que se fizer necessário.

Como observado acima, estudar uma língua estrangeira moderna, notadamente, a língua inglesa, cuja raiz se difere da língua portuguesa, e ter como objetivo apenas a aquisição do idioma, desconsiderando seus aspectos culturais, sociais e filosóficos, acarretará certamente num problema. Isso, porque o ensino de qualquer língua presume essa contextualização e uma das inúmeras funções da literatura é servir de veículo entre uma cultura e outra, diminuindo as diferenças e os abismos existentes entre elas.

Por esse motivo, de acordo com a experiência da autora desta pesquisa, que atua há 20 (vinte anos) no ensino de língua inglesa nos ensinos fundamental, médio e superior, em escolas públicas do estado do Maranhão, especialmente, da capital, São Luís, tem-se percebido uma frustração por parte dos alunos que não veem conexão da língua que se dispõem a aprender com o contexto em que atualmente vivem e reclamam também da falta de conexão entre culturas que poderia ser estabelecida durante a aula, através do estudo de literatura comparada, por exemplo, visando favorecer o autoconhecimento através da análise do comportamento alheio.

A citação abaixo reflete essa preocupação em valorizar as identidades dos estudantes, inclusive através da língua utilizada nos livros didáticos trabalhados em sala de aula ou no ambiente acadêmico como um todo e sugere que o sejam, em sua maioria, bilíngues ou escritos em língua materna:

*One way of affirming students's identities is to make sure that books in the classroom and school libraries reflect their cultures. [...] Some books will be bilingual and some may be in only one of the home languages represented in the classroom or school [...]* (Cloud; Genesee; Hamayan, 2009, p. 106).<sup>2</sup>

Logo, a inquietação desta autora enquanto professora, aluna e pesquisadora é justamente ter que adaptar a carga horária da disciplina de língua estrangeira, que já é bem exígua - cerca de um ou dois horários de 50 ( cinquenta) minutos cada, por semana - ao rol de conteúdos obrigatórios, sem desconsiderar os saberes, a cultura e as necessidades trazidos pelos discentes e ainda acrescentar um momento para as leituras de obras literárias, juntamente com as discussões advindas dessas análises, combinando tudo isso com tecnologia.

Em relação às leituras, é imprescindível permitir que os alunos façam as suas próprias escolhas no que concerne aos gêneros textuais, aos autores e às obras, desde que sejam de

---

<sup>2</sup> Uma forma de afirmar as identidades dos alunos é garantir que os livros nas salas de aula e bibliotecas escolares reflitam suas culturas, [...]. Alguns livros serão bilíngues e alguns podem estar em apenas uma das línguas nativas representadas na sala de aula ou na escola (Cloud; Genesee; Hamayan, 2009, p. 106, tradução própria).

literatura em língua inglesa, não importando se são clássicas ou contemporâneas; complexas ou elementares; extensas ou curtas; infantojuvenis ou para um público mais maduro; com ou sem ilustrações; traduzidas, bilíngues ou em língua original. O que não significa, obviamente, não lançar mão dos cânones, já que poderão ser citados e utilizados como exemplos nas atividades ou apresentados como curiosidades durante a execução das aulas.

Quanto ao uso de tecnologia, a ideia é sua utilização para o estreitamento de laços com esse público jovem, facilitando, diversificando os modos de aprendizado e otimizando o tempo de sala de aula. Alguns dos recursos digitais que serão aqui estudados são: *Google Forms, Padlet, Genially, Canva, Mentimeter, Plickers, Youtube, Kindle, Podcast, Instagram, Wattpad, WhatsApp*, dentre outros, que podem proporcionar maior engajamento da turma com os textos e uma maior e divertida interação entre os próprios colegas de turma.

Quanto à opção pela escola Centro de Ensino Manoel Beckman para a execução desta pesquisa, tem-se que a escola é pública (estadual), ideal para se fazer análises mais desafiadoras; atende aos alunos do bairro do Bequimão e adjacências, uma área próxima dessa observadora científica, e com alunos de classes sociais bem diversificadas; além de ter sido o local de trabalho dessa pesquisadora por 10 (dez) anos. Apesar de a escola ter turmas de ensino fundamental e de Educação de Jovens e Adultos (EJA), sua maior população é de ensino médio, com 17 (dezesete) turmas de um total de 22 (vinte e duas), e este será o público-alvo da pesquisa, por entender que se está naquele limiar entre a jovialidade despojada e a busca da maturidade.

Para um melhor recorte da pesquisa, optou-se pelo 2º ano do ensino médio, por entender que os alunos do 1º ano ainda estão se recuperando do período de aulas on-line e, possivelmente, com mais dificuldade de adaptação ao ensino médio e os do 3º, provavelmente, centrados no Enem e demais vestibulares. Destarte, a escola conta, segundo a gestora geral, com 5 (cinco) turmas de 2º ano, sendo 4 (quatro) delas no turno matutino e apenas 1 (uma) no turno vespertino. Apenas uma de cada turno servirá de objeto para essa pesquisa, sendo cada uma composta por aproximadamente trinta (30) alunos. Em relação aos professores, a escola dispõe de três (3) para o componente curricular almejado.

Logo, em virtude de essa pesquisadora ter trabalhado nesta escola nos anos compreendidos entre 2009 e 2019, o acesso às dependências físicas do lugar e o contato com os professores, direção, supervisão, alunos e comunidade escolar serão facilitados, ao mesmo tempo em que o fato de não mais estar envolvida diretamente com os atuais discentes acarreta num distanciamento necessário para o não comprometimento das análises dos dados a serem colhidos através de observações, questionários e aplicação de atividades.

Por conseguinte, espera-se investigar a utilização de recursos digitais como instrumentos de auxílio para o estudo de obras de literatura em língua inglesa, valendo-se ainda de metodologias ativas e modernas, visando estreitar os laços entre as culturas envolvidas e verificar se o uso de tecnologia não só tornará o aprendizado mais prazeroso como possibilitará a otimização do tempo de sala de aula, atualmente bastante escasso.

Desse modo, optou-se, logo após a introdução, já no capítulo 2 (dois), por fazer uma viagem pelo mundo conceitual da literatura, por meio de autores, como D'Onofrio (1995), Bakhtin (2006) e Calvino (2007), entendendo não apenas aspectos mais específicos da área, como também a sua importância para melhor apreciá-la. No capítulo seguinte, 3 (três), já de posse de privilegiados entendimentos e de estudos, como os de Borges (2016) e de Silva (2006), a jornada conta com um passeio pela literatura em língua inglesa, partindo desde o seu nascimento até os dias atuais, sem desconsiderar os principais acontecimentos históricos de cada época e suas principais obras e autores. No capítulo 4 (quatro), a tecnologia vem somar-se a essa excursão literária, tornando-a ainda mais prazerosa e apta para as projeções que se faz do futuro cada vez mais eminente, como o diz Donna Haraway em seu Manifesto Ciborgue (Tadeu, 2009). No capítulo 5 (cinco), resolveu-se pôr em prática boa parte das sugestões aqui elencadas para investigar a sua eficácia. Por fim, no capítulo 6 (seis), tem-se as Considerações Finais.

Em relação à metodologia, tem-se que esta pesquisa, quanto à natureza, é aplicada, ou seja, visa transformar uma realidade circunstancial (Gil, 2008); quanto à abordagem, é qualitativa, em que o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave (Prodanov; Freitas, 2013); quanto aos objetivos, é intervencionista; quanto aos procedimentos técnicos, é bibliográfica, pois parte de materiais já elaborados (Gil, 2008) e também documental, por se basear em materiais que não receberam um tratamento analítico (Gil, 2008). Assim sendo, resta desejar uma boa viagem.



## 2 UMA VIAGEM PELA LITERATURA

A palavra “viagem” dá ideia de movimento, deslocamento, sair de um ponto a outro. É o inverso da estagnação. É a possibilidade de se ampliar horizontes, seja no sentido real, seja no imaginário. Pode acontecer por vários motivos, mas em todos eles provoca uma transformação. Aquele que iniciou a viagem, ao chegar ao seu destino, certamente, já não é mais o mesmo. Abaixo, um recorte da apresentação do dossiê: Viagem e Literatura da Revista *Letrônica* da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) sobre o assunto:

A viagem constitui um dos temas mais antigos e frequentes das várias literaturas, e se mantém porque apresenta a capacidade de expressar não apenas relatos sobre o deslocamento físico, mas engloba toda uma representação simbólica do movimento mental e intelectual e da própria vida (Theobald; Minuzzi, 2014, p. 821).

Para explicar o conceito de literatura, pede-se licença ao leitor para uma outra viagem; dessa vez, no tempo. Tem-se como ponto inicial a Antiguidade. Platão (428 a.C – 348 a.C), filósofo grego, em uma de suas mais influentes obras, *A República*, especificamente no livro II, descreve o diálogo entre seu mestre, Sócrates, e Adimanto sobre a utilização de fábulas na educação das crianças:

**Sócrates:** Importa, pois, antes de mais nada, vigiar os inventores das fábulas, acatando o uso de invenções que são boas e rejeitando as que não prestam. Importa convencer as mães e as avós de contar às crianças somente aquelas aprovadas por nós e amoldar, por meio das fábulas, a alma infantil muito mais do que elas modelam o corpo com as mãos. De qualquer maneira, deveriam ser expurgadas quase todas as fábulas que ora estão em voga (Platão, 2007, p.78).

A obra *A República* foi escrita há mais de 2.300 anos e é composta por debates e diálogos propostos através de questionamentos do próprio Platão que tinham sempre natureza política e que até hoje são considerados bem atuais. Ele idealizava um Estado ideal, reconhecido por ele mesmo como utópico, o qual seria “[...] governado por homens justos, sábios e instruídos” (Platão, 2007, p.7).

No entanto, a poesia era entendida apenas no campo da arte contemplativa, sem relação com o saber e sem nenhum compromisso com a verdade. Por essa ótica, os poetas eram considerados meros imitadores. Cabia à Filosofia, pois, o interesse pela verdade, pelas condutas éticas e pelo verdadeiro conhecimento:

**Sócrates:** A vocês vou falar claramente, mas não gostaria que o digam aos poetas trágicos e a todos os outros que recorrem à imitação. Tudo isso me parece veneno para

os ouvintes, pelo menos para aqueles que não podem se servir como antídoto, do conhecimento daquilo que são realmente as obras poéticas (Platão, 2007, p. 341).

Outro grande filósofo da Grécia Antiga, Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C), discípulo de Platão, refutou o conceito de “mimese” estabelecido pelo seu mestre e defendeu o valor da arte. Costa afirma que “[...] a arte passa a ter, com ele, uma concepção estética, não significando mais ‘imitação’ do mundo exterior, mas ‘fornecendo ‘possíveis’ interpretações do real [...]” (1992, p.6).

Então, caberá ao poeta não representar o que aconteceu realmente, mas o que poderia estar prestes a acontecer. Eis, inclusive, a diferença entre o poeta e o historiador, que não reside no meio em que empregam para se comunicar, se em verso, se em prosa; mas no conteúdo daquilo que está sendo dito. O historiador narra os acontecimentos que de fato sucederam; o poeta representa aquilo que é verossímil e necessário (Costa, 1992).

Em outras palavras, “A poesia (arte literária), então sendo anunciadora de verdades mais gerais (universais), é mais filosófica do que a história, circunscrita a relatos de acontecimentos particulares” (Costa, 1992, p.22-23). Pode-se dizer que “O literato apresenta certa liberdade de criação, enquanto que o historiador tem, necessariamente, o compromisso em estabelecer a proximidade com parte de acontecimento cotejado” (Zierer; Feitosa, 2011, p. 299). A literatura pode, por exemplo, dar desfechos distintos para fatos já ocorridos, dando margem à imaginação, sem perder, contudo, a lógica que envolve tais episódios.

Nesse momento, o conceito de verossimilhança nasce como “a equivalência da verdade” (D’Onofrio, 1995, p.20) que se daria em dois planos: interno e externo à obra. No plano interno, “[...] é conferida pela conformidade com seus postulados hipotéticos e pela conferência de seus elementos estruturais [...]” (D’Onofrio, 1995, p. 20). No externo, “[...] confere ao imaginário a caução formal do real pelo respeito às regras do bom senso e da opinião comum” (D’Onofrio, 1995, p.20).

A verdade da arte é diferente da verdade da vida, segundo D’Onofrio (1995), pois ela coloca o poeta, que tem uma visão peculiar de mundo, acima de tudo aquilo que poderia restringi-lo, como as convenções sociais, deixando-o mais próximo de descobrir a verdade original das coisas e de conhecer o ser tal como ele o é, ou seja, longe daquilo que poderia ser proposto se estivesse em condições suscitadas pela sociedade da época. Corroborando com esse pensamento, tem-se, na apologia a Richardson, escrita por Diderot:

A literatura é eficaz na educação dos homens porque os instrui sem que os mesmos se apercebam disso; é o *dulce et utile* de Horácio. Essa característica da literatura possibilita ao leitor/espectador, após uma jornada de leitura pensar de maneiras

diferentes sobre aspectos da vida, sem que se dê conta de que houve um guia a efetuar essa transição, sem que se dê conta de que passara por uma experiência educativa, moral (Santana, 2015, p.162).

A literatura, portanto, tem servido como um meio de transporte, por vezes, encantado, já que se movimenta como uma pena pelo mundo mágico da imaginação, vindo não se sabe de onde e indo parar em lugares jamais esperados e que, mesmo sem essa obrigação, acaba disseminando, chocando e se misturando com diversas culturas mundo afora. A literatura é “[...] uma das expressões de arte que ocupa um espaço importante na compreensão das sociedades através dos tempos” (Abaurre; Pontara, 2010, p.6) e é “[...] um tipo de conhecimento expresso por palavras polivalentes” (Moisés, 1974, p.314), uma vez que se apossa das palavras com muita propriedade e se utiliza da beleza e da força contida em cada uma delas.

Por isso, a escolha das palavras que ajudarão a tecer todo e qualquer texto literário não se dá ao mero acaso. É fruto de uma percepção que exige muita sensibilidade e sabedoria. Não se trata de uma simples combinação ou escolha de vocábulos. Também não é a imitação ou reescritura de um fragmento qualquer, muito embora se saiba que a existência de escrituras anteriores corrobora para o nascer de uma nova literatura, como atesta o autor abaixo:

Toda obra de literatura remete, mesmo que apenas inconscientemente, a outras obras. Apesar disso, o início de um poema ou romance também parece brotar de uma espécie de silêncio, visto que inaugura um mundo fictício que não existia antes. Talvez seja a coisa mais próxima do ato da Criação divina, como acreditavam alguns artistas românticos (Eagleton, 2021, p.17).

Assim, a literatura é, ao mesmo tempo, fruto de criações e recriações; afinal, o poeta, seu criador, vive e sente o mundo e é a partir dessa experiência e dessa sensibilidade que se manifestam seus escritos, como bem o fez William Shakespeare, considerado o maior poeta da língua inglesa, quando num de seus sonetos mais famosos “Sonnet 18” tratou da passagem das estações do ano, tema que reflete a personalidade inglesa, geralmente tida como fria e melancólica, tal como o clima da ilha britânica (Silva, 2006).

Abaixo, o soneto shakespeariano acima mencionado, escrito por volta de 1599, conforme Silva (2006, p. 5), repleto de metáforas, elegância e uma certa complexidade:

Shall I compare thee to a summer's day?  
Thou art more lovely and more temperate:  
Rough winds do shake the darling buds of May,  
And summer's lease hath all too short a date:

Poderei comparar-te a um dia de Verão?  
 Mais serena, tu és também sempre mais amável:  
 Os fortes ventos de maio os brotos oscilam,  
 E o prazo do verão é sempre inconsolável:

Sometime too hot the eye of heaven shines,  
 And often is his gold complexion dimmed,  
 And every fair from fair someti-me declines,  
 By chance, or nature's changing course, untrimmed;

Intenso demais às vezes, brilha o olho estelar,  
 E, não raro, se ofusca a luz de seu semblante,  
 Infausto, o encanto do encanto irá abdicar,  
 Por mera chance ou pelo destino inconstante;

But thy eternal summer shall not fade,  
 Nor lose possession of that fair thou ow'st;  
 Nor shall death brag thou wander'st in his shade,

Mas teu verão, eterno é e jamais morrerá,  
 E não hás de perder o encanto que possuis;  
 E sob a sombra da Morte tu não vagarás,

When in eternal lines to time thou grow'st:  
 So long as men can breathe, or eyes can see,  
 So long lives this, and this gives life to thee.

Pois em versos eternos tu e o tempo sois iguais:  
 Enquanto os olhos possam ver e o homem viver,  
 Vive este canto, e dar-te vida é o seu dever

É bom que se explique que, em virtude das baixas temperaturas suportadas pelos cidadãos da Bretanha, especialmente naquela época, a passagem das estações do ano era geralmente muito comemorada, especialmente, a chegada do verão, sempre associada à alegria, calor, mar e diversão. Por isso, clima e tempo eram sempre motivos de poesia. No Brasil, em virtude da predominância do clima tropical, a passagem de estações costuma se dar de forma mais sutil (Silva, 2006). Daí, a pouca exploração dessa temática pelos poetas brasileiros.

## 2.1 Ser ou não ser literatura? Eis a questão!

No item anterior, destacou-se o conceito de literatura, o preconceito por ela sofrido na sua gênese em relação ao seu papel educativo e o modo como um texto literário é criado, se através de uma inspiração ou fruto de uma recriação. O fato é que, seja como for, a literatura é sempre “[...] resultado de um uso especial de linguagem que, por meio de diferentes recursos, sugere o arbitrário da significação, a fragilidade da aliança entre o ser e o nome” (Lajolo, 2018, p.47).

Como identificar um texto literário? D’Onofrio (1995) destaca algumas características desse tipo de texto, quais sejam: conotação, novidade, estruturação, ficcionalidade e verossimilhança. Ele explica em relação à conotação que a linguagem literária “[...] é sempre polissêmica, ambígua, aberta a várias interpretações” (D’Onofrio, 1995, p. 14). No quesito novidade, esclarece que “A linguagem poética insurge-se contra o automatismo e a estereotipação do uso linguístico, reavivando arcaísmos, criando neologismos, inventando novas metáforas [...]” (D’Onofrio, 1995, p.15).

Quanto às demais características elencadas, ele entende que o texto literário tem uma estruturação formal diferenciada, dentro de um universo semanticamente autônomo e defende nesse tipo de texto uma equivalência com a verdade, que pode ser interna ou externa à obra e, na ausência dela, diz-se que a obra é “[...] incoerente e alocada, aproximando-se do não-sentido” (D’Onofrio, 1995, p.20)”, se interna, ou “[...] entramos no domínio do gênero fantástico” (D’Onofrio, 1995, p.20), se externa.

Por fim, importa dizer que não é simplesmente a escolha por um ou outro tipo de linguagem que vai configurar se um texto é ou não literário. “O que torna qualquer linguagem uma coisa ou outra, literatura ou não literatura, é a situação de uso” (Lajolo, 2018, p.49). Como se pode perceber, as características ajudam a nortear essa identificação, mas é necessário que se analise as relações que as palavras estabelecem entre si e com o contexto em que estão inseridas, bem como sua receptividade, e não simplesmente a presença ou ausência de um determinado atributo.

## ***2.2 Dulce et Utile da arte***

Uma vez entendido o conceito de obra literária, é natural que se pergunte sobre a sua funcionalidade. Aliás, essas discussões remontam à Antiguidade quando Platão subestimava o valor da arte e a tinha como nociva, mentirosa e sem valor e Aristóteles o contradizia atribuindo a função catártica à literatura. Em outro diálogo, Platão atribui uma utilidade cívica à arte e acaba negando a sua própria essência (D’Onofrio, 1995).

Segundo D’Onofrio (1995), é a concepção horaciana que divide a funcionalidade da arte em duas: a útil ou a agradável. A primeira, também chamada de teoria moral ou utilitarista, compreende as funções pedagógica e educativa na tentativa de fazer com que o homem se posicione perante os problemas individuais e coletivos. Já a segunda está focalizada no prazer estético e depende, de modo muito individual, da estruturação linguística e ideológica.

Entretanto, como afirma D’Onofrio (1995), o homem tem diversas atitudes perante a realidade e todas elas são abarcadas pela literatura, a saber: comunicativa, política, pedagógica, cognitiva, além da “[...] prática, científica, teórica, mágico-religiosa e estética” (1995, p. 21). Abaixo, Eagleton (2021, p.13), na tentativa de mostrar que a linguagem não se resume a mero veículo e que ela se constitui de realidade ou experiência, traz um comentário acerca de uma obra de ficção que tem uma função notadamente política:

Em seu romance, *A revolução dos bichos*, George Orwell transpõe a complexa história da Revolução Bolchevique para os moldes de uma fábula sobre os animais de uma fazenda. Em tais casos, os críticos falam em tensão entre forma e conteúdo. Podem tomar essa discrepância como parte do significado da obra.

George Orwell nasceu na Índia quando seu pai trabalhava para o Departamento de Ópio do Serviço Público Indiano da Grã-Bretanha. Estudou em instituições privilegiadas e atuou como agente da polícia imperial na Birmânia. Viveu com os miseráveis das capitais da França e Inglaterra e lutou pela causa republicana na Guerra Civil Espanhola e quase morreu com um tiro na garganta nesse período. Faleceu de tuberculose em 1950, logo após concluir outro romance, *1984* (Orwell, 2021b).

*A Revolução dos Bichos* trata, em linhas gerais, de alguns animais que eram maltratados e resolveram tomar a fazenda e propor um paraíso de progresso. Para isso, elegeram os porcos para assumir o comando. O problema é que, aos poucos, os ideais que haviam sido planejados estavam sendo postos de lado pelos detentores do poder (Orwell, 2021b). A obra, nesse caso, é uma crítica contundente às pessoas poderosas que manipulam as massas iletradas, ignorando os ideais socialistas, e aos líderes comunistas que, infelizmente, acabam se tornando capitalistas.

No caso acima, é muito comum que algumas pessoas ignorem o romance em si para se dirigirem diretamente ao que ele sugere como reflexão. Porém, deixar de lado o estilo é deixar de se deleitar com a genialidade proposta pelo autor, já que as obras literárias exigem do leitor “[...] um tipo de leitura especialmente alerta, atenta ao tom, ao estado de espírito, ao andamento, ao gênero, à sintaxe, à gramática, à textura, ao ritmo, à estrutura narrativa, à pontuação, à ambiguidade” (Eagleton, 2021, p.12).

Procurou-se deixar por último, dada a sua relevância, uma das funções mais poderosas da arte literária, também de cunho político: ser porta-voz de povos menos favorecidos, que coincide com um movimento denominado decolonialismo, que, dada à sua complexidade, não será aqui esmiuçado. Entende-se por decolonialidade, de forma geral, segundo Ávila (2021), um modo de enfrentamento ao capitalismo, à modernidade, à própria colonialidade. Em suma,

é a necessidade de se desconstruir padrões que foram impostos ao povo colonizado desde a época das colonizações e que até hoje tenta diminuir o sonho e a liberdade de pessoas que têm bastante potencial, mas que não conseguem se enxergar como protagonistas de suas histórias, tal como posto na citação abaixo:

[...] Mas tudo mudou quando descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de ser encontrados quanto os estrangeiros, mas, por causa dos escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, minha percepção de literatura passou por uma mudança. Percebi que pessoas como eu, meninas com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo, também podiam existir na literatura. Comecei, então, a escrever sobre coisas que eu reconhecia (Adichie, 2019, p.13-14).

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana feminista que tem assumido o papel de porta-voz daqueles que habitam o continente africano. Ela estudou, por um ano e meio, medicina e farmácia em Nsukka e, aos 19 (dezenove) anos, foi estudar Comunicação na Universidade Drexel, Filadélfia, mudando-se em seguida para *Eastern Connecticut State University*, onde se formou em Comunicação e Ciências Políticas. Em 2003, concluiu seu Mestrado na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore e em 2008 concluiu o mestrado em Estudos Africanos pela Universidade Yale (Adichie, 2019). Abaixo, um trecho que relata a sua experiência com a leitura de livros africanos:

Eu amava aqueles livros americanos e britânicos que lia. Eles despertaram minha imaginação. Abriam mundos novos para mim, mas a consequência não prevista foi que eu não sabia que pessoas iguais a mim podiam existir na literatura. O que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros (Adichie, 2019, p.14).

Em seu livro *O Perigo de uma História Única* (2019), a autora chama a atenção para as histórias que são contadas por um único ponto de vista e acredita que boa parte delas é usada para diminuir e caluniar, porém a literatura também pode ser utilizada para contar o outro lado da história com o intuito de reparar a dignidade que fora despedaçada. Daí a importância de se ler obras de autores e lugares diversos. Ela ainda traz a sua experiência com a colega de quarto americana que ficou surpresa de como ela falava bem o inglês, pois desconhecia que a língua inglesa era a língua oficial da Nigéria, seu país de origem (Adichie, 2019).

Posto isto, percebe-se que a literatura tem esse poder cativante que, ao mesmo tempo em que se vale de várias estratégias para conquistar o leitor, seja em relação à forma, seja em relação ao conteúdo, possibilita uma mudança extraordinária naquele que a consome. O leitor, após deleitar-se com as suas obras preferidas, não apenas satisfaz o seu prazer, como também

abriu a mente em relação às relações humanas. É o *dulce et utile* horaciano que a arte proporciona.

E por falar em preferências, semelhanças e diferenças entre a universalidade de obras que estão à disposição em inúmeros formatos, no item a seguir, far-se-á um pequeno passeio pelos conceitos de gêneros discursivos e/ou textuais e/ou literários modernos.

### 2.3 “Tipos relativamente estáveis de enunciados”

O conceito de gênero não poderia faltar nesta pesquisa. Então, o que é gênero afinal? De início, tem-se “Latim *generu* (m), por *genere* (m), família, raça” (Moisés, 1974, p. 240). Mais adiante, o professor titular de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo explicita:

Os primeiros esboços de um pensamento acerca do que mais tarde receberia o rótulo de ‘gênero’ se encontra na *As Rãs*, de Aristófanes (séculos V-IV a.C), representada em 405 a.C. Entretanto, a mais recuada notícia de uma consciência do problema se localiza na *República* (liv.III, 394), de Platão, para quem haveria três modalidades de imitação ou mimese: 1) a tragédia e a comédia, vale dizer, o teatro, 2) o ditirambo, isto é, a poesia lírica, e 3) a poesia épica e criações afins. Ainda não era, porém, a divisão tripartite dos gêneros, que parece oriunda do espírito romântico. Com Aristóteles, presenciamos a primeira tentativa de uma sistematização das ‘formas’ literárias: como, todavia, a sua *Poética* ficou incompleta, apenas temos uma ideia aproximada de que seria a sua concepção de gênero. Refere a epopeia, a tragédia, a comédia, o ditirambo, a aulética e a citarística, mas se demora tão somente nas três primeiras, sobretudo a tragédia (Moisés, 1974, p.240).

Assim, como mostrado acima, essa primeira divisão dos textos literários com a ideia que se tem de gêneros ocorreu com os filósofos da Antiguidade: Aristófanes, Platão e Aristóteles. Eles evidenciaram não só o gênero lírico, mas, sobretudo, o épico e o dramático. De uma forma geral, pode-se dizer que o gênero literário narrativo ou épico tem como objetivo a contação de história; o lírico, a expressão subjetiva do caráter sentimental do poeta; e o dramático, a encenação teatral.

Antes que se prossiga com a subdivisão desses gêneros, importante se faz trazer umas das mais relevantes contribuições para o entendimento de gênero que se tem hoje: a concepção bakhtiniana de gênero do discurso, conforme colocado abaixo:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso de linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou



daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo de comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (Bakhtin, 2006, p.261-262).

Vale acrescentar que o russo Mikhail Bakhtin (1875-1975) viveu em muitas cidades e em cada uma delas atraiu intelectuais para discutir questões filosóficas referentes à língua, literatura, cultura e arte. Em geral, dá-se o nome de Círculo aos grupos formados por ele, cujos integrantes de maior destaque foram Valentin Volóshinov (1895-1936) e Pavel Medvedev (1892-1938), que surgiram em momentos distintos e assinaram algumas de suas grandes obras, tais como *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) e *O método formal nos estudos literários* (1928), respectivamente (Oliveira, 2013).

Outro elemento imprescindível para a compreensão do gênero bakhtiniano é o conceito de enunciado concreto que “[...] é um todo formado pela parte material (verbal ou visual) e pelos contextos de produção, circulação e recepção. Isso significa que o processo e o produto da enunciação são constitutivos do enunciado” (Oliveira, 2013, p. 49). E o todo a que o autor se refere pode ser composto por uma única palavra ou por inúmeras páginas, sendo o sentido o delimitador dessa fronteira.

Partindo desse entendimento, tem-se que “[...] os enunciados estão sempre ligados a uma atividade humana, desempenhada por um sujeito que tem um lugar na sociedade e na história [...]” (Oliveira, 2013, p.51). Por isso, para Bakhtin, o signo não é linguístico, mas ideológico, já que está “[...] carregado de sentidos que dizem respeito a uma posição social, histórica e cultural” (Oliveira, 2013, p.51).

Daí nasce outro conceito: o dialogismo bakhtiniano. Este é entendido não como um mero diálogo, mas como o entendimento de língua como um elemento de interação verbal, pois a palavra, por exemplo, não só parte de alguém, como se dirige a alguém, servindo, conseqüentemente, como uma ponte ou um território comum entre o interlocutor e o seu leitor (Oliveira, 2013).

Entendidos esses conceitos, fica mais compreensível o que Bakhtin quis dizer com “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados [...]” (Bakhtin, 2006, p.262), pois pertencer a um gênero significa “[...] já nascer em um estado de relações dialógicas com todos os enunciados pertencentes ao gênero que vieram antes dele [...]” (Oliveira, 2013, p.61). Isso é diferente de

pertencer a uma mesma categoria de textos que sejam semelhantes entre si na forma, estrutura e temática, mas que são estáticos e que não se comunicam. Abaixo, uma outra concepção de gênero para melhor entendimento:

Gêneros são considerados dispositivos de comunicação sócio-historicamente condicionados, que estão sempre mudando e aos quais podem ser facilmente aplicadas metáforas como ‘contrato’, ‘ritual’ e ‘jogo’. Embora a noção de gênero tenha vindo originalmente das poética e retórica gregas antigas, essa concepção de gêneros é relativamente recente. Por algumas décadas, particularmente sob a influência da etnografia da comunicação e das ideias de Bakhtin, a categoria de gênero do discurso tem sido usada para descrever uma multiplicidade de variados tipos de enunciados produzidos em sociedade. Como resultado, jornais, programas de entrevista na tv, transações em lojas etc. são considerados gêneros do discurso; eles podem ser indefinidamente diversificados, de acordo com o grau de precisão que os analistas do discurso pretendem obter (Maingueneau, 2010, p.130).

Explicando melhor as metáforas mencionadas pelo autor acima e acrescentando uma, a teatral, entende-se contrato como algo “[...] fundamentalmente cooperativo e regido por normas” (Maingueneau, 2011, p.69); ritual, um ato solene com regras rígidas pré-estabelecidas; teatral “[...] longa tradição de moralistas que consideram as interações sociais como um imenso teatro onde tudo o que se faz é representar papéis” (Maingueneau, 2011, p.69-70); e jogo, “[...] cruzar as metáforas do contrato com as do teatro, enfatizando simultaneamente as regras implicadas na participação em um gênero de discurso e sua dimensão teatral” (Maingueneau, 2011, p.70). Porém, apesar de a ideia de gênero ser vista por alguns dessa forma, o próprio autor revela mais adiante que “[...] as regras do discurso nada têm de rígido” (Maingueneau, 2011, p. 70).

Desse modo, pertencer a um determinado gênero não significa ser rigorosamente fiel a um padrão pré-estipulado, já que, como explicado nos parágrafos anteriores, a noção de gêneros se respalda em práticas e saberes socioculturais, podendo sofrer variações tanto no estilo, quanto na forma composicional e ainda na unidade temática. Os gêneros literários, por exemplo, permitem uma manifestação mais favorável aos estilos individuais, o que não acontece com outros gêneros, como nos documentos oficiais, nas notas fiscais etc. (Koch; Elias, 2009).

Por esse motivo, dada a infinidade de textos que se lê e os diversos enunciados que se ouve e se produz, os estudiosos que tentaram objetivar o levantamento e a classificação dos gêneros textuais, desistiram de fazê-lo, ora pela quantidade, ora pela dinamicidade que resulta, inclusive, na mescla de gêneros, processo denominado hibridização ou intertextualidade intergêneros (Koch; Elias, 2009).

Isso, é o que acontece, por exemplo, quando se escreve uma declaração de amor numa receita de bolo, substituindo os ingredientes por sentimentos e o modo de preparo por ações

amorosas, numa mescla da forma do gênero receita com a função do gênero declaração de amor, prevalecendo, é claro, esta última. Afinal, o objetivo não é ir à cozinha para preparar uma refeição, mas sim declarar o amor do autor por alguém.

Sabendo disso, vale acrescentar que alguns autores utilizam as expressões “gêneros discursivos” e “gêneros textuais” como sinônimos, como os até aqui mencionados, Ingedore Koch, Vanda Elias e Dominique Maingueneau. Há, porém, outros que discordam alegando que:

[...] a teoria dos gêneros do discurso recorre às marcas textuais e linguísticas com vistas à produção de sentido nas situações enunciativas. Já a teoria dos gêneros textuais não apenas recorre aos aspectos textuais e linguísticos como sendo parte da composição textual, como também os considera elementos relevantes na formação e classificação dos gêneros (Farias, 2013, p.28).

Dessa forma, para essa concepção, fica nítido que os gêneros textuais se preocupam fundamentalmente com a materialidade de seu objeto, como se inanimado fosse; enquanto o estudo dos gêneros discursivos vai muito além da substância, ou da forma, ao preocupar-se com o entrelaçamento de todos os aspectos textuais e extratextuais, porque, para eles, o texto não apenas fala, ele está vivo.

Apesar de concordar que o texto vive, para esta pesquisa, será indiferente a opção por uma terminologia ou outra, já que isso não alterará os objetivos aqui propostos. Logo, as expressões “gêneros do discurso” e “gêneros textuais” serão utilizadas como se sinônimas fossem. Além delas, poder-se-á utilizar a expressão “gêneros literários”, já que os textos aqui apresentados se reportarão ao estudo de Literatura. Por vezes, utilizar-se-á “gêneros literários modernos” (romance, conto, poema, canção etc.) para que não se confunda com os já mencionados gêneros literários clássicos (lírico, épico e dramático).

Um aspecto, entretanto, deverá ser observado: que os gêneros textuais, por serem classificados conforme a sua função comunicativa, são produzidos com linguagens e estruturas diferentes, o que quer dizer que cada gênero vai recorrer a um tipo de texto. Estes, por sua vez, “[...] são designados como narrativos, descritivos, argumentativos, expositivos ou injuntivos” (Koch; Elias, 2009, p.119). Logo, são apenas cinco as tipologias textuais e inúmeros os gêneros.

Como exemplo, para os textos narrativos (contação de histórias), tem-se alguns dos gêneros textuais: romance, novela, crônica, conto, contos de fada, lenda, fábula, anedota, biografia, autobiografia; para os textos descritivos (relatos de exposições de pessoas, objetos, lugares, acontecimentos): diário, relato (viagens, históricos, entre outros), notícia, anúncio de classificados, cardápio, currículo; para os textos expositivos (exposição de um tema ou assunto por meio de argumentações): resenha, artigo de opinião, editorial jornalístico, ensaio,

monografia, dissertação e tese de doutorado; expositivo (exposição de ideia por meio de conceitos, informações, descrições e comparações): palestras, seminários, conferências, entrevistas, trabalhos acadêmicos, verbetes de dicionários, enciclopédia, ata; para os textos injuntivos (instrucionais): propaganda, receita culinária, bula de remédio, manual de instruções, regulamento, entre outros (Fernandes, 2023).

Conhecendo essa classificação e observando a imensidão de textos com os quais as pessoas se deparam num único dia, fica mais perceptível as similaridades e as diferenças entre eles, bem como as predileções por um ou outro gênero, ou mesmo por uma obra ou outra. A seguir, tentar-se-á responder a uma pergunta bastante recorrente, sobretudo entre os jovens, acerca da importância de se ler os clássicos. Afinal, há mesmo essa necessidade? Dá para gostar de literatura sem nunca ler essas obras tão comentadas e indicadas por toda a crítica literária? Por que elas são tão suscitadas numa época em que se tem tanta variedade de gêneros e títulos?

#### **2.4 Um clássico: aquele que precisa continuar dizendo o que precisa ser dito**

Qualquer pessoa que perguntar para um amante dos clássicos da literatura os motivos pelos quais eles os leem até hoje, certamente lhe ocorrerá pelo menos uma das seguintes respostas: são obras únicas, inigualáveis e atemporais; debatem questões universais; passeiam pelo mundo fantástico de forma muito natural; são simultaneamente fascinantes e intrigantes; ricas em recursos estilísticos; e, prezam pelo belo, de forma geral.

Para melhor explicar a importância de se ler os clássicos, tratou-se de trazer à tona uma obra do escritor cubano que foi para a Itália logo após o nascimento, Ítalo Calvino (1923-1985), *Por que ler os clássicos* (2007), em que ele enumera 14 (quatorze) itens que serão aqui transcritos e/ou comentados à medida que forem surgindo.

O primeiro item é: “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘Estou relendo ...’ e nunca ‘Estou lendo ...’” (Calvino, 2007, p.9). Para o autor, isso vale especificamente para aqueles que têm a literatura como hábito, especialmente, na idade adulta. Ele diz ainda que “[...] ler pela primeira vez um grande livro na idade madura é um prazer extraordinário: diferente (mas não se pode dizer maior ou menor) se comparado a uma leitura da juventude” (Calvino, 2007, p.10).

O autor entende então que os apreciadores dos livros costumam ler os “seus clássicos” mais de uma vez, mas que nada impede de conhecerem grandes obras numa idade mais adulta. Isso, inclusive, pode levá-los ao êxtase, muitas vezes, e, a partir daí, eles serão muito provavelmente revisitados, nem que seja para a retirada de um trecho ou uma frase que poderá

dar alguma fundamentação ética, moral, social ou mesmo acadêmica em algum momento de sua vida.

O segundo item é: “Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los” (Calvino, 2007, p. 10). Aqui o autor se refere ao melhor momento para se apreciar uma boa leitura. Talvez, porque demanda um certo preparo perceber sutilezas no texto que uma leitura desavisada ou apressada não contemplaria. Sem dúvida, não se apropriar dessas riquezas tão sutis no texto seria um ato imperdoável.

Calvino (2007, p.10) chama a atenção ainda para o fato de que leituras da juventude possam ser “[...] pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida”. Entretanto, vale salientar que isso é apenas uma possibilidade, já que existem jovens cada vez mais antenados nesse tipo de leitura, principalmente, por contarem com a ajuda da tecnologia e da internet, por meio de aplicativos, como o *Wattpad*, por exemplo, que conecta leitores e escritores através do poder das histórias, e que será melhor apresentado no decorrer deste estudo.

O terceiro item é: “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo e individual” (Calvino, 2007, p.10). Ao se falar de esquecimento, torna-se inevitável trazer alguns termos suscitados por Edward Casey, em sua obra *Remembering*, escrita em 1987, denominados *mnemonic modes*, quais sejam: *reminding*, *reminiscing* e *recognizing* (Casey, 1987).

De forma geral, entende-se *reminding* como uma advertência: “[...] lembrar aquilo que deverá ser feito” (Ricoeur, 2007, p.55) e não pode ser esquecido, portanto; *reminiscing*, como uma atividade que “[...] consiste em reviver o passado evocando-o entre várias pessoas, uma ajudando a outra a rememorar acontecimentos ou saberes partilhados” (Ricoeur, 2007, p. 55) e *recognizing*, como uma espécie de reconhecimento através da recordação (Ricoeur, 2007).

Resumidamente, neste item, tomando-se por base os conceitos de Ricoeur (2007), pode-se supor que Calvino se referia a essas importantes obras como aquelas que não podem ser esquecidas, dada a sua relevância, que marcam uma determinada época e, por que não, um lugar e um povo; e ainda que tocam distintamente as pessoas, fazendo-as recordar, de modo muito peculiar, acontecimentos que lhes foram úteis de alguma forma.

O quarto item é: “Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira” (Calvino, 2007, p.11). Isso se dá, porque a pessoa que o lê pela primeira vez não é

mais a mesma que o lê pela segunda, terceira ou quarta vez. A cada leitura, tem-se uma percepção diferente, um olhar diversificado, uma atenção renovada. Calvino (2007, p.11) acrescenta ainda que “[...] deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a visitar as leituras mais importantes da juventude.”

O quinto item é: “Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura” (Calvino, 2007, p.11). Isso pode acontecer, em virtude da expectativa que se criou antes da leitura. Além do mais, o momento e as sensações causadas pela leitura não são as mesmas da escrita da obra, o que pode vir a causar um estranhamento ou ainda surpresas, agradáveis ou não. Aquele que lê, na verdade, faz uma releitura daquilo que foi originariamente escrito.

Ademais, por esse motivo, estar cada vez mais próximo da visão do autor é que se recomenda ler os originais. É claro que se entende que nem sempre isso é possível e que, a depender do público, o primeiro momento deverá ser o mais agradável possível. O público jovem, por exemplo, em sua maioria, rapidamente se entediaria com o uso de palavras muito rebuscadas e incomuns e isso poderia fazê-los desistir da leitura.

O sexto item é: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 2007, p.11). Assim, pode-se pensar que os clássicos são incompletos, mas, na verdade, a cada leitura que se faz, percebe-se algo diferente. É como se a cada olhar mais cuidadoso, uma sensação nova surgisse, e elas sempre aparecem quando são mais que necessárias.

É como se os livros dissessem exatamente aquilo que você precisava ouvir ou, no caso, ler. É bom que se diga que os livros também se modificam, a depender do momento histórico, inclusive. E a essas mudanças, do livro e do leitor, é que se tem um encontro que Calvino (2007, p.11) resolveu denominar de “[...] acontecimento totalmente novo”. Afinal, depois de uma boa leitura, tem-se um ser humano renovado.

O sétimo item é: “os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)” (Calvino, 2007, p.11). Nesse caso, o autor admite a influência que uma obra exerce sobre a outra e o legado que se deixa para a posteridade ao se fazer um registro de tamanha magnitude. É através dessas escrituras que se consegue, por exemplo, conhecer um pouquinho mais sobre culturas em tempos e lugares diversos.

O oitavo é: “Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente a repele para longe” (Calvino, 2007, p.12). Nesse item, cabem bem duas famosas frases do autor irlandês Oscar Wilde na obra *O Retrato de*

*Dorian Gray*, publicado em 1890, que alguns dizem ser um retrato de sua própria vida. A primeira diz, logo no prefácio, “Não existe livro moral nem imoral. Os livros são bem ou mal escritos. Eis tudo” (Wilde, 2002, p.13) e a segunda diz “Por quê, se a coisa pior do que falarem de nós é não falarem de nós?” (Wilde, 2002, p. 16).

Oscar Wilde, um dos grandes escritores da língua inglesa, nasceu em 1854, em Dublin, na Irlanda e com suas atitudes nada convencionais acabou por escandalizar o mundo literário da sua época. Pertencia a um movimento artístico-literário que valorizava o belo, o esteticismo, e defendia o hedonismo, doutrina filosófica surgida na Antiguidade que defendia a busca pelo prazer como finalidade última da vida. Em 1895, o autor foi condenado a dois anos de prisão por ser homossexual e veio a falecer, na pobreza, em 1900, na França.

E qual a relação do oitavo item de Calvino com as frases de Wilde? A resposta está num ditado popular no Brasil: “quem desdenha quer comprar”, ou seja, quando a obra é realmente boa, ela irá gerar inúmeros comentários, bons e ruins. A obra-prima acima descrita de Wilde, por exemplo, apesar de não ter sido bem recebida pelos críticos da época, por ser considerada “envenenadora de costumes” (Wilde, 2002, P. 183), foi considerada, tempos depois, um clássico da era vitoriana ao tratar sobre a aparência, a virtude, a vida pública e a esfera privada, além do desejo pela juventude eterna.

O nono item é: “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (Calvino, 2007, p. 12). É muito curioso este item, porque é exatamente isso que acontece, ou seja, por mais que se conheça o enredo de uma determinada obra, quando o leitor reservar um tempo para se debruçar sobre sua leitura é que irá sentir sensações que no primeiro momento, ao conhecer a história por terceiros, não lhe atingiram. É neste instante, pois, que a leitura começa a fazer suas transformações naquele indivíduo.

Quando se fala em transformações, pretende-se deixar claro que não é que o livro tenha necessariamente que ensinar algo que o leitor não conhecia, mas “[...] às vezes descobrimos algo que sempre soubéramos (ou acreditamos saber) mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação [...]” (Calvino, 2007, p. 12).

O décimo é: “Chama-se de clássico um livro que se configura como equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs” (Calvino, 2007, p.13). Como colocado no item anterior, os clássicos costumam estabelecer uma relação pessoal com quem o lê. Logo, “[...] os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas por amor. Exceto na escola: a escola deve

fazer com que você conheça bem ou mal um certo número de clássicos dentre os quais (ou em relação aos quais) você poderá depois reconhecer os “seus” clássicos” (Calvino, 2007, p.13).

Semelhante item é fundamental para esta pesquisa, pois muitas pessoas creem que se deve obrigar outras a lerem o que não desejam. É dever, sim, da escola apresentar um leque de opções aos seus alunos, tentar conquistá-los, mas caberá a cada um deles fazer as suas próprias escolhas, levando em consideração seus anseios, gostos e preferências. Desse modo, evita-se que se tenha um efeito inverso ao pretendido, qual seja, terem ojeriza à literatura, especialmente, aos clássicos.

O décimo-primeiro item é: “O ‘seu’ clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele” (Calvino, 2007, p.13). Neste item, o autor aponta para algo interessante: a relação de amor e ódio com os livros e os seus respectivos autores. É muito comum as pessoas se identificarem com certas obras e autores. Alguns conseguem se identificar e constantemente se emocionam com o enredo e outros têm um irresistível desejo de criticar e contradizer algumas delas. Seja qual for o caso, há muita paixão envolvida nessas escolhas.

O décimo-segundo item é: “Um clássico é um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele reconhece logo o seu lugar na genealogia” (Calvino, 2007, p. 14). Aqui, vale a pena reproduzir as falas do próprio autor para uma melhor compreensão: “Aquilo que distingue o clássico no discurso que estou fazendo talvez seja só um efeito de ressonância que vale tanto para uma obra antiga quanto para uma moderna, mas já com um lugar próprio numa continuidade cultural” (Calvino, 2007, p.14).

Entende-se, nesse caso, que os clássicos não assim chamados à toa. Eles carregam consigo toda uma cultura e, em boa parte das vezes, foram escritos tendo por base outros importantes escritos, sejam eles registros documentais, técnicos e/ou pessoais, além de compactuarem numa relação de muita intimidade com o leitor que o autor sequer conhece, mas ora com quem se identifica e o compreende, ora com quem se revolta e o repele.

O décimo-terceiro item é: “É clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo” (Calvino, 2007, p.14). Neste item, a preocupação do autor foi explicar o porquê de ler os clássicos ao invés de dedicar mais tempo às notícias daquele momento. Como ele bem diz: “O dia de hoje pode ser banal e mortificante, mas é sempre um ponto em que nos situamos para olhar para frente ou para trás” (Calvino, 2007, p.14).

Ele entende, então, que, para obter um rendimento máximo da leitura, o leitor sábio se alterna entre a leitura dos clássicos e das atualidades numa dosagem considerada ideal. Lembra



ainda que “[...] é suficiente que a maioria perceba a presença dos clássicos como um reboar distante, fora do espaço invadido pelas atualidades como pela televisão a todo volume” (Calvino, 2007, p.15). É preciso estar com o espírito completamente entregue à leitura para um melhor aproveitamento.

O décimo-quarto item é: “É clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (Calvino, 2007, p. 15). Em outras palavras, o autor se refere aqui ao mundo caótico em que vivemos, sempre com muita pressa e com pouco tempo disponível e se, ainda assim, o leitor conseguir captar a realidade como se estivesse do lado de fora da janela e acompanhar o discurso dos clássicos, é porque de fato esteja lendo um clássico.

Por fim, depois de expostas essas razões, é necessário que três coisas tenham ficado bem claras: a primeira é que cada um é livre para indicar os seus próprios clássicos, não necessitando citar livros célebres como bons apenas porque outros assim o consideram; a segunda é que não se lê um clássico, porque ele serve para alguma coisa, mas pelo mero prazer de fazê-lo; a terceira é “A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos” (Calvino, 2007, p. 16).

No item seguinte, a literatura será apresentada como verdadeiramente o é: livre de paradigmas e preconceitos, podendo transitar entre o real e o imaginário, em todos os espaços e épocas, com e para todos os públicos.

## **2.5 Ao futuro ou ao passado: para uma época em que o pensamento seja livre**

O título acima remete a uma passagem do livro intitulado *1984* do já mencionado George Orwell. A proposta do romance é, através de uma previsão sobre o futuro, projetar uma visão sobre a vida moderna. Nela, há a onipresença da televisão, o uso de uma linguagem distorcida e o pesadelo do totalitarismo que tudo vigia e controla (Orwell, 2021a). Sem dúvida, assustador, porém algo que de certa forma já acontece em alguns lugares, mesmo que em menor proporção.

Entendidos os motivos pelos quais se deve ler os clássicos da literatura e já fazendo um elo com a ideia de futuro exposta acima, percebe-se o quão à frente do seu tempo a literatura está. O famoso *Big Brother*, presente em todos os lugares e tão questionado, já havia sido previsto por Orwell na obra acima (2021a). A ideia do ciborgue, como um “híbrido de máquina e organismo” (Tadeu, 2009, p.36), manifestada pela escritora, filósofa e antropóloga Donna Haraway, através de seu texto *Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista*

*no final do século XX* (2009), é outro exemplo ainda mais recente dessas projeções (Tadeu, 2009).

Donna é uma lenda entre os jovens que amam tecnologia. Ela mesma se declara uma ciborgue “Se pensarmos em termos de uma transformação generalizada, se pensarmos em termos de indivíduos que estão tão isolados do ‘mundo’ que só podemos imaginá-los como nós que estão interligados por meio de redes [...]” (Tadeu, 2009, p.20). Ela se tornou também um ícone para as mulheres que passaram a se entender como ciberfeministas (Tadeu, 2009).

Essa capacidade de Donna de se conectar com o público jovem, antenado em tecnologia, e essa visão futurista colocada em seus livros demonstram a importância de refletirmos problemáticas muito mais preocupantes do que discussões que já deveriam estar superadas sobre raça, credo, gênero, etc. Essas diferenças na verdade é o que une as pessoas enquanto seres humanos, porém questionamentos como “Até que ponto determinadas pessoas são humanas?”, “O que diferencia homem e máquina?” e “A inteligência artificial veio para libertar ou para aprisionar as pessoas?” precisam ser debatidos com urgência. Isso, porque essa tecnologia já existe e a cada dia se supera, tanto positivamente, quanto negativamente.

Desse modo, a literatura rompe barreiras e preconceitos ao apresentar personagens com tons de pele e cabelo diversificados, famílias de todas as espécies, animais com características humanas e humanos com características selvagens, além de antever o advento e o alastramento da tecnologia numa velocidade em que já não se encontra espaço para os debates morais e éticos, conforme se constata no trecho abaixo:

As doenças evocadas por essas máquinas limpas ‘não passam’ de minúsculas mudanças no código de um antígeno do sistema imunológico, ‘não passam’ da experiência do estresse. Os ágeis dedos das mulheres ‘orientais’; a antiga fascinação das garotas vitorianas anglo-saxãs por casas de bonecas; a atenção – imposta – das mulheres para com a miniatura – tudo isso adquire novas dimensões nesse mundo. Talvez exista uma Alice-ciborgue tomando nota dessas novas dimensões (Tadeu, 2009, p.44-45).

A literatura, então, perpassa por todos os assuntos, em todas as épocas, inclusive pelo futuro. Ela possui o que se chama de licença poética. Por esse motivo, é importante que a relação do leitor com a literatura não se dê por um único meio. Há várias formas de se contemplar os textos literários que vão desde a mais tradicional, livros impressos, até a mais moderna, utilização de recursos digitais. Independentemente do meio escolhido, o importante é reconhecer tanto a liberdade de quem escreve, como a de quem consome literatura em todo e qualquer lugar do mundo.

No capítulo seguinte, será apresentado um panorama geral sobre a história da literatura em língua inglesa e aproveita-se para explicar que ela se refere a toda literatura escrita em inglês, mas não necessariamente por ingleses, dada a prioridade estratégica que a Inglaterra deu às grandes navegações que acabaram “[...] ampliando assim o poder político, econômico e cultural do país e sua presença e influência no mundo” (Lanzoni, 2015, p.7). Assim, sugere-se continuar a leitura.

### 3 LITERATURA EM LÍNGUA INGLESA: SEGUINDO PELA TOCA DO COELHO EM BUSCA DE UMA HISTÓRIA COMPRIDA

Quem aqui nunca ouviu falar da personagem Alice da obra do inglês Lewis Carroll, *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, publicada em 1865? Esta seção é, pois, um convite a uma viagem pelo túnel da toca do coelho, semelhante ao percorrido por Alice, porém com o objetivo de trazer um arcabouço histórico da literatura em língua inglesa, ou seja, pincelar sobre o seu surgimento, seus principais autores, obras e suas atualizações.

No início, “[...] a toca do coelho seguia na horizontal [...]” (Carroll, 2009, p.14) e, no decorrer deste caminho, depara-se com o primeiro poema lírico (originariamente composto para ser cantado) da Bretanha, que introduz o nascimento da literatura inglesa, e que fora apresentado na obra *Ecclesiastical History of the English People*, do venerável Beda (673-735), historiador, teólogo e cronista anglo-saxão que viveu quase sempre em monastérios ingleses e que escreveu muitos documentos de assuntos diversos, como religião, retórica e ciência (Silva, 2006).

O título do referido poema é “*The story of Caedmon*” e está datado entre 658 e 680. Abaixo, em destaque, um trecho na língua inglesa original, século VII, seguida de uma versão no inglês moderno e da sua tradução para a língua portuguesa, segundo Silva (2006, p. 35):

*Nu scylun hergan hefaenricaes uard,  
Now we must praise heaven-kingdom's Guardian,  
Metudes maecti end his modgidanc,  
The Measurer's might and his mind-plans,  
Uerc uuldurfadur; sue he uundra gihuas  
The work of the Glory-Father, and how to Wonders all,  
Eci Dryctin or astelidae.  
Eternal Lord, the beginning established.*

Agora nós devemos louvar o Guardiã do reino dos céus,  
A força do Poderoso e seus projetos,  
O trabalho do Pai Glorioso, e, como para maravilhar a todos,  
O Senhor Eterno, o começo estabeleceu.

Observando o poema acima, conclui-se que, como diria Jorge Luis Borges (1899-1986), aceito como professor titular da cátedra de literatura inglesa e norte-americana na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires em 1956 e nomeado diretor da Biblioteca Nacional Argentina em 1955, “A poesia é, em todo caso, anterior à prosa. Parece que o homem canta antes de falar” (2016, p.7).

Vale acrescentar que Borges, aclamado como um gênio e considerado um dos melhores escritores do século XX, por ter pertencido a uma família culta e de posses, também pela influência da avó paterna inglesa, teve uma alfabetização bilíngue e já aos 10 anos de idade entregava seu primeiro relato e tradução para o espanhol de um conto de Oscar Wilde para um jornal local. Ele completou sua formação em Gênova e Cambridge, voltando para a Argentina em 1921 (Borges, 2016).

Em 1955, perdeu quase que completamente a visão, mas continuou a trabalhar com a ajuda da mãe e, posteriormente, da aluna e amiga, Maria Kodama, que veio a tornar-se a sua esposa, não deixando filhos. Ele faleceu em meio a conferências pelo mundo, em Genebra, em 1986. Hoje, sua viúva é a sua maior divulgadora. A propósito, seu livro que ajuda a enriquecer este trabalho é resultado de transcrições de aulas gravadas por seus alunos, a fim de que aprendessem melhor a matéria (Borges, 2016). É um verdadeiro presente à posteridade.

Um ponto em comum deste trabalho com o de Borges na qualidade de professor é que ambos buscam não apenas capacitar os estudantes, mas entusiasamá-los a ponto de levá-los à leitura das obras e à descoberta de novos escritores. Em não raros momentos, a realidade dos fatos ou cenas relatados por Borges era posta em segundo plano, em prol da emoção que cada um deles despertava (Borges, 2016).

Voltando para o início do desenvolvimento da literatura inglesa, fins do século VII ou começo do século VIII, sabe-se que parte da literatura desses povos supõe-se ter sido perdida com as conquistas territoriais e com a contagem limitada das genealogias, quinze ou vinte gerações, no máximo (a partir daí já se confundiam com os deuses e os patriarcas hebreus). Assim, desse período, restaram os quatro códices que continham a poesia anglo-saxã que se tem notícia nos dias de hoje: *Cotton Vitellius A. XV*, *Junius II*, *Codex Exoniensis* ou Livro de Exeter, *Codex Vercellensis* ou Livro de Vercelli (Borges, 2016).

Há ainda outros códices, como a Crônica Anglo-Saxã, um Diálogo de Salomão e Saturno e, em seguida, vêm as epopeias – “[...] narrativa em verso que trata de batalhas, heroísmos, feitos sobre-humanos, perigos, forte presença do sobrenatural, amor, honra e amizade na qual mito, lenda e história se encontram para criar um efeito maior que a vida” (Silva, 2006, p.42), como *Beowulf*, composição com aproximadamente 3.200 (três mil e duzentos) versos, repleta de ação, monstros e feitos heroicos e que servira de inspiração para a trilogia *The Lord of the Rings (O Senhor dos Anéis: 1954-1955)* de J.R.R. Tolkien (Silva, 2006).

Borges chama a atenção para o significado da palavra “verso”, usada no parágrafo anterior: “Um verso, uma vez composto, age como modelo. Repete-se outra vez, e chegamos ao poema. (2016, p. 7). Para ele, essa palavra tem um sentido bem distinto a depender do povo

e da época. Além do valor poético, utilizavam-se os versos como um recurso mnemônico. Os livros da lei da religião hindu, por exemplo, na Índia, tinham seus códigos em verso para facilitar a sua recordação.

Explica ainda que os versos germânicos daquele período não eram escritos um sob o outro, mas de forma corrida e sem sinais de pontuação. Entretanto, descobriu-se que em cada um daqueles versos havia três palavras, sendo tônica a primeira sílaba de cada uma delas, e que estavam aliteradas, encontrando-se, então, rimas não casuais, o que poderia ajudar a incorrer numa unidade, mas que não poderia constituir uma estrofe, já que, ao final de tantos versos, o primeiro desapareceria da mente (Borges, 2016).

Outro recurso poético utilizado pelos germânicos foi o uso de metáforas descritivas, cristalizadas. A poesia era somente épica naquele período, pois a poesia sentimental só passa a existir a partir do século IX, com as elegias (canto melancólico ou triste) anglo-saxãs. Logo, nas poesias épicas, tinha-se dificuldade de nomear as coisas cujos nomes não começavam com as mesmas letras, formando-se então as palavras compostas e essas palavras podiam perfeitamente ser usadas como metáforas, como: mar – caminho da baleia, rei – pastor do povo, nau – cervo do mar (Borges, 2016).

A partir daí, surgiram as metáforas das metáforas, por exemplo: “Como o escudo era a ‘lua dos piratas’ – os escudos eram redondos, feitos de madeira – e a lança era a ‘serpente do escudo’, já que os destruía, então a lança seria a ‘serpente da lua dos piratas’” (Borges, 2016, p.10). Isso, sem dúvida, dificultou o trabalho dos transcritores de épocas posteriores, mas vale acrescentar que esse fenômeno ficou mais concentrado na região da Escandinávia, especificamente, na poesia culta, ficando a Inglaterra com as metáforas primárias (Borges, 2016).

Enquanto isso, Alice continuava “Caindo, caindo, caindo” (Carroll, 2009, p.15) e por que não se pode fazer o mesmo? Que tal voltar um pouco mais e cair de paraquedas numa rápida análise do poema *Beowulf*? No tópico seguinte, pretende-se considerar um pouco dessa história em que se tem um herói sueco que vive suas aventuras na Escandinávia, trazendo à tona reflexões sobre a influência do cristianismo na literatura em língua inglesa.

### **3.1 *Beowulf* - o príncipe da Suécia**

Antes de adentrar na história propriamente dita, há de se observar os motivos que a fizeram constar neste trabalho. Sem dúvida nenhuma, além de ter sido um marco para a literatura em língua inglesa, o poema se configura como um molde para as literaturas

posteriores, inclusive, as de agora. Isso, porque seu “[...] protagonista é um cavaleiro que, como veremos, encarnará as virtudes que eram apreciadas na Idade Média: a lealdade, a coragem, tudo isso está no livro de Beda, o Venerável” (Borges, 2016, p. 13), virtudes até hoje admiradas.

Além disso, a presença de monstros, do caráter nacionalista do herói, do bom uso da força e de desafios e situações que exigem muita perspicácia, prometendo muita ação, costumam prender qualquer amante do gênero. A única coisa que o leitor certamente não encontrará nesse poema será o tédio. Não por acaso, serviu de inspiração para a obra do escritor inglês John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973), a trilogia *O Senhor dos Anéis*, como já fora mencionado anteriormente, e que fora adaptada para o cinema, tornando-se, na Inglaterra, o livro mais popular depois da Bíblia (Silva, 2006).

Para iniciar, é bom que se fale do significado do nome *Beowulf* que nada mais é do que uma metáfora que significa “[...] ‘lobo das abelhas’, e seu sentido é ‘urso’” (Borges, 2016, p.13). A epopeia é regida pelas regras dos versos germânicos: aliteração; tem linguagem intrincada, devido ao uso constante de hipérbatos e de stóca dos germânicos, nesse ponto, por não ter objetividade; presença e inspiração de alguns versos da *Eneida*, poema épico latino escrito por Virgílio no séc. I a.C., e que ajudou a caracterizar o autor como um sacerdote, em virtude do acesso a textos barrocos, na época, restrito a alguns clérigos, e à erudição do texto (Borges, 2016).

Percebe-se também uma preocupação ao falar sobre os deuses pagãos, bem como em se referir a Cristo ou à virgem, optando o autor por não os mencionar, dada a época em que viviam, era cristã, porém com muitos resquícios da era pagã. Preferia usar as palavras *God*, Deus, e *Wyrd*, este entendido aqui como destino, mas que para a mitologia germânica significava uma força superior aos próprios deuses (Borges, 2016). Abaixo, uma característica curiosa da composição:

Uma característica curiosa do poema é que se localiza primeiro na Dinamarca, depois na Suécia, nas regiões do Sul. Isso significa que, ao cabo de 300 anos ocupando novas terras, os anglo-saxões ainda tinham saudade de suas antigas pátrias do mar Báltico, e isso leva a supor uma afinidade entre os escandinavos e os anglo-saxões. Os personagens do poema são escandinavos: o próprio herói é príncipe da Suécia. Isso supõe, para o pesquisador, uma tentação: na tradição do povo godo encontra-se a lenda da sua origem, fazendo-o descender do Norte da Europa. Mas não há nenhuma prova disso. Comprovou-se que as primeiras notícias que deles se têm os situam ao sul do Danúbio (Borges, 2016, p.15).

Dito isto, destacam-se ainda outras importantes características, como priorizar a hospitalidade, os presentes, a cortesia em relação aos feitos militares e o registro de diferentes ritos funerários dos povos germânicos, como se evidencia no fim do poema: “[...] em que se

realiza o enterro de Beowulf numa pira funerária em frente ao mar, tão alta que do mar fosse divisada pelos navegantes, e ornada com armas, escudos, elmos” (Borges, 2016, p. 18), traço também encontrado na *Odisseia*, poema épico atribuído a Homero em que narra o percurso de volta do herói Ulisses depois da Guerra de Tróia, na Grécia antiga.

De volta à trama, o primeiro episódio trata especialmente de um rei mítico da Dinamarca, Scyld Scefing, cujo nome significava “escudo de espiga”, em virtude de sua lenda de origem. Certo dia, um bebê chega à costa da Dinamarca num barco sem condutor, deitado num leito de armas, joias e espigas e, tempos mais tarde, ele se torna rei. Considerado forte e lutador, era bastante respeitado (Borges, 2016).

Quando ele percebe que já envelheceu, prepara seu próprio funeral rumo às terras onde morria o sol, além do mar, com seus súditos chorando e empurrando a nau, semelhante àquela que para lá o levava, como acontecia nos costumes germânicos da época. Esta é uma das cenas mais emocionantes do texto. Era bem comum, inclusive, enterrar os mortos com o cachorro aos pés, enterro de *vikings*, como era chamado, ou acompanhado de servos e outros animais de estimação (Borges, 2016).

Mais adiante, fala-se de Beowulf, filho de Ecgtheow e sobrinho de Hygelac, o rei dos geats. Quando criança, nadou por sete dias e sete noites até chegar ao país Hetware e ajudou o rei ao matar alguns de seus inimigos, inclusive, carregando nas costas as armaduras deles quando nadava de volta ao navio. Tempos depois, num de seus maiores feitos, soube que o reino de Hrothgar, atual Dinamarca, estava sendo atacado por um monstro denominado Grendel, como será explicado mais abaixo (Silva, 2006).

Um traço interessante de *Beowulf* é que, apesar de se tratar de uma história primitiva, pueril e de ser considerada uma fábula (narrativa de caráter ficcional, cujos personagens são animais com características humanas, e que usa a alegoria – representação abstrata através de uma realidade concreta - para construir seus sentidos) de características bárbaras, o ambiente em que se desenrola a trama não é aquele fantástico mundo dos contos de fadas, pois os detalhes são abundantemente realistas. Seus personagens eram corteses e não gostavam de violência, apesar de a época ser bárbara. (Borges, 2016).

Voltando ao rei da Dinamarca, Hrothgar, ele constrói um palácio chamado Heorot que, de acordo com o poeta, parece resplandecer por todos os reinos. Imagina-se uma sala central em que o rei se alimenta acompanhado de seus vassalos e algumas de suas reuniões eram acompanhadas pelo instrumento musical comum aos germânicos, a harpa. Ali, o rei tem sua corte e costumava dar de presente anéis e braceletes de ouro aos seus súditos. Daí um de seus títulos ser o “dador de anéis” (Borges, 2016).



O problema era que a barulheira das festas incomodava o monstro que vivia ali perto, numa região pantanosa e desértica. Ele tinha forma humana, porém com tamanho gigante. Assemelhava-se a um ogro, na mitologia germânica, mas como viviam na era cristã, dizia-se que era descendente de Caim. Esse monstro vivia com a mãe, que era uma bruxa (também chamada de loba ou feiticeira do mar), no fundo de uma laguna, numa caverna subterrânea, que só poderia ser encontrada se o herói nadasse o dia inteiro após mergulhar nela (Borges, 2016).

Pelo menos vinte versos foram dedicados somente à descrição da laguna acima. Talvez, esse sentimento seja semelhante ao dos anglo-saxões quando se estabelecem no até então país desconhecido, a Inglaterra. Numa bela noite, o ogro força as duas portas do castelo e consegue devorar um dos senhores do rei, apesar das orações que fizera. As notícias se espalham até o país vizinho, a Suécia, e chamam a atenção do príncipe Beowulf, que sai com quatorze companheiros numa nau (Borges, 2016).

Beowulf, após enfrentar um mar tempestuoso, é recebido com muita cortesia em seu destino. No turno da noite, enquanto todos dormiam, ele se permitiu ficar nu, já que soubera que as armas não feririam os monstros, além de confiar apenas na sua força física, tida como extraordinária, e que equivaleria, somente no seu punho, a trinta homens. O monstro chega, derruba as trancas da porta, devora as mãos e os pés de um guerreiro e se aproxima de Beowulf (Borges, 2016).

Antes mesmo de se levantar, segundo a mesma fonte, Beowulf pega a mão do ogro e quebra-a. Trava-se então uma luta entre os dois. Ambos gritam. Com uma das mãos, o príncipe arranca o ombro e o braço do ogro. O palácio treme. O ogro ferido cai e foge para morrer em casa. No dia seguinte, ao celebrar a morte do monstro, penduram seu braço como troféu na sala do palácio e, à noite, a bruxa, também muito forte, aparece repentinamente, mata um guerreiro e leva o braço do filho de volta.

Beowulf resolve então sair em busca do charco, região em que o monstro morava, sob as águas. Na superfície daquele lugar, encontram-se restos mortais e espuma que parecem ser do ogro. Ele mergulha e nada por um dia inteiro até chegar à caverna. Lá, ele encontra a bruxa que quase o derrota, ela era bem mais forte que o monstro, mas o herói arranca uma espada na parede e a mata. A bruxa exala um veneno pelo seu sangue que consome toda a espada. O príncipe leva a empunhadura da espada, foi o que restou dela, e a cabeça do ogro como troféus. Foram necessários dois homens para levar a cabeça do monstro à superfície, dado o seu peso.

Após as honrarias e presentes recebidos, Beowulf volta para o seu reino ao sul da Suécia. Cinquenta invernos depois, o príncipe continua realizando algumas façanhas militares, mas nada comparadas à primeira e à última aqui apresentadas e que eram os focos do poema. Elas

fizeram de Beowulf alguém semelhante a Hércules, semideus da mitologia grega que tinha uma força física surpreendente e, além disso, dizia-se justo por nunca ter matado nenhum parente.

Por conseguinte, chega a ele a história de um dragão que vivia numa cova, guardando tesouros, figura comum na antiguidade germânica. Ele vai até a cova dele e o desafia. Consegue, em seguida, matá-lo, mas o fogo que sai pelas narinas do dragão o envenena. O único servo que o acompanhava, Wiglaf, relatou que Beowulf entregou a alma ao Senhor e tinha certeza de que iria para o céu, pois tinha tido uma vida justa e deixa ordens para o seu funeral: ordena que seja erguida uma alta pira com elmos, escudos e armaduras brilhantes como adornos e um túmulo bem alto de modo que se pudesse ver o mar. Assim, ele não seria esquecido. Por fim, doze guerreiros a cavalo cantaram suas elegias e celebraram louvores ao redor da sepultura (Borges, 2016).

Vale ainda observar que o último verso do poema dizia que “[...] ele era ‘*manna mildust*’, ‘*the mildest of men*’, o mais suave, o mais bondoso dos homens e o mais desejoso de elogio” (Borges, 2016, p.32). Isso, porque na Idade Média acreditava-se que os elogios eram sempre justos. Quanto à exaltação de sua coragem, ficou mesmo no decorrer do texto. E aí? Alguma semelhança com as leituras de hoje? Certamente, muitas. A seguir, tratar-se-á da literatura medieval inglesa.

### **3.2 Literatura medieval inglesa: entre cruzes e espadas**

O início da Idade Média na Inglaterra se dá em 1066, logo após as invasões e conquista daquele país pelos normandos. Seu último rei saxão, Edward – também conhecido pela alcunha “o confessor”, porque durante o seu reinado construiu diversas igrejas e mosteiros, inclusive a Abadia de Westminster - faleceu naquele ano sem deixar herdeiros e, por ter sangue normando, despertou nos nobres da Normandia o desejo de reclamar a coroa inglesa para si (Silva, 2006).

Desse modo, o duque da Normandia, William, entrou em batalha com o rei saxão, Harold, e, juntamente com sua tropa, conseguiu vencê-lo, culminando com a morte deste último. Os normandos eram descendentes dos povos *vikings* que, por sua vez, já haviam invadido a Inglaterra no século IX e acabaram por se estabelecer numa região que hoje pertence à França, concedida pelo rei Carlos, denominada Normandia, que significa “Terra dos homens do Norte” (Silva, 2006, p.52).

Os normandos eram bem diferentes dos anglo-saxões, apesar de possuírem alguns antepassados em comum. Na literatura, por exemplo, “[...] a cultura dos normandos é mais viva

e colorida, devido ao clima mais quente de sua região” (Silva, 2006, p.53). Isso fez com que a relação entre saxões e normandos fosse turbulenta, inclusive, na cerimônia de coroação de William, o conquistador, em que algumas casas ao redor da Abadia de Westminster tiveram que ser incendiadas (Silva, 2006).

Até meados do séc. XIV, a Inglaterra enfrentou vários períodos de turbulência, a começar pela retirada de títulos de lordes saxões para a sua redistribuição a nobres que vinham da França até a insatisfação causada pelas altas taxas reais e pela ganância de terras. Em 1086, como William I havia perdido a conta da quantidade de terras distribuídas aos nobres com o intuito de satisfazê-los, resolveu enviar vários encarregados para fazer um levantamento com essas famílias, uma espécie de censo dos dias atuais, e o povo ficou tão atônito com essa possibilidade que apelidou o documento de “[...] *Domesday Book* (o livro do juízo final) [...]” (Silva, 2006, p.54), fazendo alusão, pois, à passagem bíblica do Juízo Final que diz que toda a vida da pessoa será analisada. Esse documento ainda existe e é um excelente registro da Inglaterra do final do séc. XI, de acordo com a fonte acima mencionada.

Depois de algumas outras sucessões, Henry II foi coroado rei em 1154. Ele era amigo do arcebispo de Canterbury, Thomas Becket, mas como o rei tinha pretensões de controlar a igreja, acabou se desentendendo com o religioso. Após reclamar em voz alta que queria se livrar daquele “[...] ‘padre turbulento’, quatro cavaleiros foram até a Catedral de Canterbury e mataram Becket no altar em 29 de dezembro de 1170” (Silva, 2006, p.55).

Os cristãos então se escandalizaram, a ponto de o rei ser obrigado a pedir perdão ao papa o que permitiu que fosse chicoteado por padres em 12 de julho de 1174. Becket, por outro lado, foi canonizado em 1173, e o caminho para a Catedral de Canterbury, bem como para o seu túmulo viraram rota de peregrinação para os cristãos da Europa. Este, inclusive, será o pano de fundo para a maior obra da literatura medieval inglesa: *The Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer (Silva, 2006).

Mais tarde, Henry II acabou se desentendendo com o rei da França e os seus próprios filhos ficaram contra ele que acabou sendo derrotado. Seu filho Richard I assume então o trono e, “[...] apelidado de Richard *Lionheart* (Richard Coração de Leão), é, até hoje, um dos mais conhecidos reis da Inglaterra” (Silva, 2006, p.55), apesar de ter ficado apenas seis meses em solo inglês. Simbolizava, segundo a referência acima, o ideal do cavaleiro, juntando-se às Cruzadas para tomar a Jerusalém dos muçulmanos, mas foi morto na França e o seu irmão, John, acabou assumindo o trono em 1199.

John foi um rei que tinha muita ganância por dinheiro e por terras e isso fez com que desagradasse praticamente todos os segmentos da sociedade inglesa: a nobreza, os comerciantes

e a Igreja. Por conta disso, os lordes comandaram uma marcha contra ele em 1215 para o forçá-lo a assinar um documento, conhecido como Carta Magna, a fim de que reconhecesse suas obrigações enquanto senhor feudal (Silva, 2006).

Há registros também que é desse período que nasceu a lenda do famoso personagem Robin Hood. Há um documento datado de 1226 que registra um fora da lei perseguido pelo xerife de Yorkshire e que fora preso e pendurado numa corrente até morrer. Ele era chamado de Robert Hode, sendo que, na Idade Média, Robert e Robin eram o mesmo nome. Essa lenda se tornará muito popular nos séculos XIV, XV e XVI, mas somente no fim do século XV é que ganha sua primeira forma escrita. Antes disso, fora disseminada por canções de menestréis e trovadores medievais (Silva, 2006).

A balada, *A Gest of Robyn Hode*, é a obra mais conhecida de Robin Hood, composta por várias narrativas sobre a lenda do herói popular, fora da lei, que vivia na floresta de Sherwood e que era conhecido por tirar dos ricos para dar aos pobres. O personagem contava com a ajuda de um arco e flecha durante as suas façanhas e de um bando. O poema tem quatrocentas e cinquenta e seis estrofes (456), em que se apresentam o seu bando, as suas lutas, as suas ações de proteção aos pobres contra os opressores normandos e a sua morte (Silva, 2006).

Vale um adendo para explicar melhor o que são as baladas. No geral, pode-se dizer que elas têm a sua origem no meio popular. A princípio, eram transmitidas oralmente, tendo sido feitas para serem cantadas ou recitadas e se tornaram populares na Idade Média e no reinado da rainha Elizabeth. As escritas eram vendidas em ruas e feiras da Inglaterra do século XVI e têm autoria desconhecida, sendo simplistas, impessoais, objetivas, dramáticas e episódicas e se utilizam de expressões estereotipadas. Basicamente, as mais famosas tratavam ou de incidentes históricos, como a do próprio Robin Hood, ou de narrativas folclóricas, como *Lord Randall* (Silva, 2006).

Outra importante obra da literatura inglesa medieval, de acordo com o autor supracitado, é *Piers Plowman*, de William Langland. Trata-se de uma alegoria (figura de linguagem conhecida pelo seu uso retórico, em prosa ou verso, e que transmite tanto um sentido literal quanto um ou mais sentidos novos) que critica os vícios e os rumos da Igreja, exaltando o trabalho árduo e as virtudes do homem. Como o poema é produto de um sonho, as imagens acabam adquirindo um duplo sentido.

E por falar em Igreja, tem-se também nesse período as líricas medievais que tinham origem religiosa ou secular. A primeira tratava basicamente sobre fé e o amor de Cristo pelos homens; a segunda, sobre temas mais cotidianos, como primavera, relacionamentos amorosos

e corrupção do clero. Como exemplo, citam-se: *Alison, The Cuckoo Song, The Corpus Christi Carol*, etc. (Silva, 2006).

A Igreja também foi a temática principal dos dramas medievais. No início, como instrumento de conversão e instrução utilizada pelos padres nos ritos litúrgicos. Alastrou-se, em seguida, pelas vilas e feiras livres da época, atingindo, inclusive, pessoas sem vínculos religiosos diretos. Eles se dividem em: peças de Mistério, relacionadas às festividades da Igreja Católica; peças de Milagre: alusivas à vida e aos milagres concedidos por Deus; peças de Moralidade, referentes às lutas entre o bem e o mal e à busca pela salvação da alma; e os Interlúdios, peças menores apresentadas, em geral, nos intervalos de outras peças, *in locu* (Silva, 2006).

Voltando um pouco para o momento político, vale destacar que, quando o rei John faleceu em 1216, seu filho Henry III, de apenas nove (9) anos, assumiu o trono e somente aos vinte e cinco (25) anos conseguiu governar por conta própria e isso acabou despertando a ira dos nobres, já que ele costumava seguir conselhos de estrangeiros. Assim, perdeu o poder para os nobres que foram liderados por Simon de Montfort em 1258. Entretanto, Montfort criou um *Parliament*, conselho de nobres ou reunião para debates em francês, que acabou se manifestando em favor de Henry, o qual retomou então o poder e matou Montfort (Silva, 2006).

Como forma de manter o equilíbrio entre nobres e rei, segundo essa mesma fonte, o Parlamento foi mantido. No começo existia apenas a Câmara dos Lordes, mas o sucessor de Henry III, seu filho, Edward I, percebendo a importância econômica exercida pelos homens do comércio, acabou criando a Câmara dos Comuns e até hoje o Parlamento inglês é composto por essas duas casas. Esse período também foi marcado pelos esforços de Edward I para controlar o País de Gales e a Escócia e da resistência de alguns homens desses países que acabaram se tornando heróis de seus povos.

Llewelyn, príncipe de Gwynedd, acreditou que poderia libertar o País de Gales da Inglaterra, mas foi morto por Edward I em 1282 que acabou nomeando seu filho, ainda bebê, príncipe de Gales, como forma de humilhação aos galeses. Até hoje, o primeiro filho do rei inglês recebe esse título. Já na Escócia, Edward I lutou contra o bravo William Wallace, cavaleiro escocês, e seu exército popular, conseguindo vencê-lo. Colocou então a cabeça de William num poste na ponte de Londres, gerando revolta no seu povo que terminou constituindo um novo exército, agora liderado por Robert Bruce que derrotou e expulsou as tropas inglesas de lá (Silva, 2006).

Assim, Robert Bruce foi proclamado rei da Escócia e ainda resistiu a outras investidas de Edward I. Este último faleceu em 1307 sem conseguir seu intento e, por isso, em seu túmulo

foi escrito “Edward, o martelo dos escoceses” (Silva, 2006, p. 58). Seu filho e sucessor, conforme essa fonte, Edward II, também não logrou êxito nos combates com Bruce e nem na administração do seu reino e acabou sendo morto por ambiciosos nobres e substituído por seu filho de onze (11) anos, Edward III. Deste reinado até o reinado seguinte, de seu neto, Richard II, a literatura inglesa viveu um período bem significativo, com o aparecimento de grandes nomes, como William Langland (1330-1387) e Geoffrey Chaucer (1343-1400).

É neste período também, século XIV, que a Inglaterra sofre com mortes, guerras, fome e pestilência, tal como os quatro cavaleiros do Apocalipse. A peste negra, como ficou conhecida, dizimou cerca de um terço da população europeia (Silva, 2006). Infelizmente, fenômeno similar ao que ocorreu no mundo contemporâneo com o enfrentamento pandêmico da Covid-19, em 2020, e que ainda hoje, três anos depois, faz muitas vítimas. É naturalmente nestes períodos que surgem produções mais melancólicas.

Entretanto, em 1476, a Idade Média testemunha uma verdadeira revolução: a imprensa. A técnica criada na Alemanha para reproduzir textos que antes eram escritos por copistas permitiu a propagação de grandes obras literárias, de forma mais barata, facilitando, inclusive, um aumento no número de pessoas alfabetizadas e o estabelecimento de um padrão nas regras gramaticais. William Caxton foi o pioneiro na implementação da imprensa na Inglaterra, reproduzindo obras de sucesso, como a já mencionada *The Canterbury Tales* (1386-1387), de Geoffrey Chaucer e *Morte D'Arthur* (1485), de Thomas Malory (Silva, 2006).

A obra de Chaucer foi escrita originariamente em latim, porém com o ressurgimento do patriotismo inglês, na época da Magna Carta, a língua romana fora rejeitada e o rei Edward III também proibiu o uso da língua francesa com a finalidade de recuperar a identidade inglesa. Então, *The Canterbury Tales* foi reproduzido em inglês. Seu autor era filho de um próspero comerciante de vinhos de Londres, o que lhe garantiu acesso a uma boa educação. Chaucer atuou ainda como soldado na Guerra dos Cem Anos e foi diplomata na Itália e na França. Em 1386, tornou-se um cavaleiro (Silva, 2006).

Em relação à trama, *The Canterbury Tales* certamente se baseou em obras como o *Decameron* do italiano Boccaccio, mas os críticos consideram a obra de Chaucer superior às de seus antecessores. O autor faz um compilado de contos sobre trinta peregrinos que estão a caminho de Canterbury para visitar o túmulo de Thomas Becket, já mencionado aqui. Ao se encontrarem em Southwark, numa hospedaria, o dono do local propõe um acordo: que cada um contasse duas histórias na ida e mais duas na volta e aquele que contasse a melhor delas seria contemplado com um jantar naquele recinto. O melhor de tudo é que havia representantes de

todas as áreas da sociedade: “[...] *from upper class to humble craftsmen* [...]” (Lanzoni, 2015, p.47), ou seja, da classe mais alta às mais humildes.

Outro aspecto interessante é que ele se vale dessas narrativas, dispostas em dezessete mil (17.000) versos, utilizando ora rimas emparelhadas - rimas com dois versos seguidos, ora passagens em prosa. Todas elas estão, portanto, ligadas entre si por prólogos, uma espécie de introdução, e epílogos, equivalente à conclusão, por meio de uma coletânea de estilos literários diversos, como o romance de cavalaria, a fábula, o conto e a sátira. Este último, aliás, é bastante utilizado para criticar a corrupção e os vícios da sociedade, especialmente dos membros do alto clero, considerado muito audacioso para a época, inclusive, e por exaltar os mais humildes. O autor faz tudo isso com muita leveza, pois utiliza-se de outro recurso importante: a comédia.

Faz-se necessário lembrar que entre a invasão normanda no século XI e o final do século XIV, época da era Chaucer, a língua inglesa deixou de ser a língua oficial da aristocracia normanda, já que fora substituída pelo francês, língua do povo invasor. Por esse motivo, tem-se poucos registros de produções em língua inglesa nesse interstício, apesar de a língua inglesa ter se mantido viva na oralidade, como se percebeu nas baladas, nas líricas e até nas charadas, espécie de literatura universal estruturada a partir de uma questão enigmática (Silva, 2006).

E pensar que a Idade Média ficou conhecida como um período de poucas criações, não é mesmo? Algo bem intrigante dado o que se mostrou até agora. E não para por aqui. Ainda há bastante coisa para se ver. Aliás, no próximo item será apresentada a figura lendária do Rei Arthur, emoldurada pelas narrativas folclóricas, pelo desenrolar dos fatos históricos, pelos romances de cavalaria e por muita ação, tudo propiciado pelo desenvolvimento da literatura inglesa. Então, que se conheça o tão falado Rei Arthur.

### 3.2.1 Um rei, uma espada, uma mesa: as fascinantes narrativas sobre o Rei Arthur

Um rei: Arthur. Uma espada: Excalibur. Uma mesa: Távola Redonda. Sim, certamente já se ouviu falar sobre esses e muitos outros símbolos que permeiam o mágico mundo do lendário cavaleiro que não se tem certeza de que de fato existiu ou se era apenas mais um personagem de ficção investido com todas as potencialidades esperadas para um grande herói daquela época. Caberá a cada um decidir por uma ou por outra opção.

Quanto ao nome, Arthur, há duas teorias. A primeira faz, inclusive, acreditar na presença do herói quando os romanos ainda estavam na Bretanha que é o fato de Arthur ser a forma galesa do nome romano Arthorius. A segunda, advinda de registros da cavalaria romana, é a

constatação do nome de um de seus oficiais ser chamado de Lucius Artorius Castus, cavaleiro que liderou os bretões contra os invasores da época no século II (Silva, 2006).

Arthur, portanto, surgiu como esperança do povo bretão que, após a saída dos romanos de seus territórios, teve que enfrentar seus próprios invasores, no caso, os germânicos, também conhecidos como os saxões, em lutas com alternância de vitórias e derrotas. Em 577 d.C., os germânicos conquistaram o território com a batalha de Deorham e os bretões e os saxões acabaram se misturando, em sua maioria. Outra parte resolveu se refugiar no País de Gales ou atravessar o canal rumo à Bretanha Armoricana, Britânia ou Pequena Bretanha (Silva, 2006).

Em sua memória, segundo o autor acima, os bretões guardaram a lembrança do guerreiro romano Ambrósio Aureliano que conseguira fazer com que os invasores recuassem e o período de paz se perdurasse por quarenta e quatro (44) anos. Essa vitória fez com que o povo bretão alimentasse a esperança de volta daquele que foi o líder naquela ocasião. A partir daí, fato e ficção se misturam.

Uma importante característica de Arthur é que “[...] *his skills as a general and knight but the character of King Arthur is must known as a leader, a fair ruler [...]*” (Lanzoni, 2015, p.59)<sup>3</sup>, isto é, ele tem habilidades de general e cavaleiro, mas seu personagem, Rei Arthur, é mais conhecido como um líder e governante justo. Histórias antigas contam ainda que, após a morte do Rei Uther, a Inglaterra ficou sem rei por um tempo, já que a tradição dizia que o mago Merlin havia fincado uma espada numa pedra e proferido que quem conseguisse removê-la seria o novo rei e, após algumas rebeliões, Arthur se sobressaiu e conseguiu remover a espada, sendo então coroado por Merlin (Lanzoni, 2015).

Em seguida, Arthur se casa com Guinevere e recebe do pai dela a tábua redonda como dote, uma espécie de mesa circular criada por Merlin para agrupar cerca de cento e cinquenta (150) cavaleiros, a fim de que se encontrassem e celebrassem seus feitos. Naquela época, as espadas também tinham nomes e a espada de Arthur recebeu, a princípio, o nome de Caladfwich, porém, tempos depois, estimulado por Merlin, vai até a Dama do Lago atrás de uma espada digna de reis que ficou conhecida como Excalibur, a mesma que usou em sua última batalha contra o seu filho-sobrinho, Mordred. (Silva, 2006).

Antes de explicar sobre Mordred, é necessário lembrar que essa história aqui contada é apenas uma das muitas lendas sobre o Rei Arthur, cuja origem remonta ao livro *Morte D'Arthur*, concluído em 1470 e publicado em 1485, por Thomas Malory. Na trama, a sede do governo de

---

<sup>3</sup> [...] suas habilidades como general e cavaleiro, mas o personagem do Rei Arthur é conhecido como um líder, um governante justo [...] (Lanzoni, 2015, p.59, tradução própria).



Arthur era Camelot e Lancelot era um dos cavaleiros mais famosos da Távola Redonda. Morgana era a meia-irmã de Arthur.

Voltando à história, de acordo com o mesmo autor, quando Lancelot chega a Camelot, ele começa um lento e gradativo romance com a rainha Guinevere, o que deixou Arthur extremamente desolado. Por esse motivo, ele acaba cedendo às investidas da irmã e gera com ela um filho-sobrinho. Quando a traição de Guinevere vem a público, ela é condenada, mas é salva por Lancelot no último instante. Mordred, por seu turno, resolve tomar o trono do seu pai numa batalha sangrenta e acaba sendo morto por ele.

O Rei Arthur matou Mordred, mas este também o feriu mortalmente. Antes de morrer, ordena a um de seus cavaleiros que jogue Excalibur no lago e, quando ele o faz, a Dama do Lago ergue a mão para buscá-la. O corpo de Arthur é colocado numa barca sob a vigília de três rainhas. Naquela época, acreditava-se que a alma viajava para outro mundo encontrado nos mares e lagos e que Arthur partira para Avalon, uma ilha mágica, para tratar seus ferimentos. Sua ex-esposa se torna uma freira e a lenda de Arthur se espalha com a frase: “Aqui jaz o célebre rei Arthur, rei do passado e do futuro” (Silva, 2006, p. 95).

Eis o romance de cavalaria. O cavaleiro era, sem dúvida, um dos grandes símbolos da literatura medieval, considerado um tipo superior de humanidade. Era alguém destemido, honrado e que colocava os seus princípios acima de seus desejos. Vestiam armaduras, usavam lanças e espadas. Eram corajosos, fortes e leais. Cabia a eles também o conhecimento da ética cavalheiresca, do amor cortês, um verdadeiro trovador romanesco. No próximo tópico, adentrar-se-á no século XVI, época do surgimento do brilhante poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare.

### **3.3 Século XVI: na imensidão que existe entre o Céu e a Terra**

Para iniciar esse tópico, mais um pouquinho de história será necessário. Isso porque, como já se percebeu até aqui, Literatura e História estão sempre de mãos dadas, muitas vezes até se confundindo. O rei, então, era Henry VII (1485-1509), que tinha o apoio de mercadores e comerciantes, porque, além de incentivar a construção de navios mercantes para impulsionar a economia, também era contra o envolvimento do país em guerras. Por conta disso, ao falecer, em 1509, deixou os cofres ingleses bem abastecidos.

Henry VIII (1509-1547) assumiu a coroa em 1509 e, ao contrário do pai, gastava muito dinheiro com guerras desnecessárias. Por ter gastado demasiadamente, acabou por se interessar pelas terras da Igreja Católica. Ele era casado há vinte (20) anos com Catarina de Aragão,

católica, que lhe concedera uma única filha, Mary. Resolveu pedir, então, o divórcio ao Papa, Clemente VII, a fim de se casar com sua amante, Ana Bolena, para providenciar novos herdeiros. O problema é que o Papa era subordinado ao Rei da Espanha, Carlos V, sobrinho da esposa de Henry VIII e que, obviamente, negou o pedido.

O rei, então, teve uma ideia: tomou as terras da Igreja e, ao mesmo tempo, se casou com Ana Bolena. Assim, terminou por fundar a Igreja Anglicana, com os mesmos princípios da Igreja Católica que o excomungou. Isso gerou uma tensão, pois o rei era anglicano, o povo era católico e o Parlamento, representado pela burguesia, era calvinista ou luterano. Ana Bolena acabou dando à luz uma outra menina, Elizabeth. Porém, o rei não desistiu de ter um filho e forjou uma acusação de adultério que resultou na execução de Ana. Henry VIII casou-se novamente, agora com Jane Seymour a quem amou verdadeiramente e que veio a falecer em 1537, no parto de Edward VI. Henry VIII ainda se casou mais três vezes e faleceu em 1547. (Silva, 2006).

Aos nove anos, Edward VI (1547-1553) assume o trono, mas faleceu de tuberculose em 1553. Mary Tudor (1553-1558), filha de Catarina de Aragão, assume o trono e tenta restabelecer a Igreja Católica na Inglaterra. Entretanto, Mary I mandou queimar trezentos (300) protestantes, o que revoltou seus súditos e a fez ganhar o apelido de *Bloody Mary*. Ela ainda prendeu a meia-irmã, Elizabeth, na Torre de Londres. Com a morte de Mary I em 1558, Elizabeth I (1558-1603) assume o trono e consegue equilibrar as relações entre protestantes e católicos, além de se firmar como líder da Igreja Anglicana, ao dizer que só existia um Jesus Cristo e uma fé (Silva, 2006).

Elizabeth I provou, assim, sua habilidade em governar e a Inglaterra se tornou um dos países mais poderosos da Europa em poucos anos, principalmente pela separação clara entre o poder religioso e o poder político. Provavelmente, essa situação política deve ter influenciado as criações de Shakespeare, pois muitas de suas peças tratavam de política, Estado, reis, rainhas, príncipes, nobres e tronos. Foi também nesse momento que a cultura floresceu na Inglaterra, especialmente em Londres e tudo com o apoio da rainha. Vivia-se aí o Renascimento (Lanzoni, 2015).

No Renascimento, a ênfase era o homem como centro do Universo e a razão em detrimento do pensamento religioso. Isso levou ao desenvolvimento do humanismo, racionalismo e nacionalismo. Dentre os destaques na cultura e na literatura, tem-se: Thomas Moore (1478-1535), autor de *Utopia* (1516); William Shakespeare, autor de *Hamlet* (1601-1602); os poetas Sir Philip Sidney e Edmund Spenser e Christopher Marlowe, autor de *The Tragical History of Dr. Faustus* (1588) (Silva, 2006).

Quanto à vida de Shakespeare, sabe-se que ele nasceu em Stratford upon Avon, Inglaterra, em 23 de abril de 1564 e lá faleceu em 1616, no dia do seu aniversário. Aos dezoito anos, casou-se com Anne Hathaway e teve com ela três (3) filhos: Susanna, Hamnet e Judith, sendo os dois últimos gêmeos. Já em 1592, despertava a crítica de alguns escritores, tal como a de Robert Greene que também era dramaturgo. Shakespeare participou do consórcio que construiu o *Globe Theater* a partir de 1599 e passou a escrever exclusivamente para a sua companhia. Sua carreira de sucesso continuou até 1609 e, em 1613, saiu de Londres rumo à sua cidade natal, com um bom dinheiro, em busca de uma vida mais pacata (Silva, 2006).

Naquela época, Shakespeare era autor e ator de suas peças, embora isso não fosse visto com bons olhos por aquela sociedade. Ele escrevia para os palcos e não para os livros. Sua maior tarefa era agradar o público bem diversificado, dos mais pobres aos mais requintados e, portanto, tinha um cuidado maior com a maneira com que a história estava sendo contada. *Hamlet* (1601-1602), segundo Lanzoni (2015), por exemplo, é uma de suas peças mais famosas, ápice do teatro elizabetano, e fornece elementos essenciais sobre a literatura classicista da Inglaterra do século XVI.

Quanto à trama, trata do luto de Hamlet, príncipe da Dinamarca, pela recente morte do pai e do estranhamento pelo rápido casamento da mãe, rainha Gertrude, com seu tio, rei Claudius. Num encontro de Hamlet com o fantasma do pai, descobre que seu pai fora envenenado pelo tio e pela mãe num plano para tomar a Coroa e é conclamado pelo pai a se vingar de seus algozes, a começar pelo seu tio Claudius. Para isso, Hamlet se faz de louco e dá início à tragédia que termina com várias mortes, inclusive a dele.

E a cada século, uma obra melhor que a outra. No item seguinte, será apresentado um pouco do que aconteceu no século XVII.

### **3.4 Século XVII: Céu, Caos, Inferno e Terra**

E a era elisabetana termina com a morte da virgem rainha Elizabeth I em 1604. Como não deixou herdeiros, seu primo, James VI, rei da Escócia, é coroado como James I da Inglaterra e dá início à dinastia Stuart que levou a Inglaterra a um fato inédito: um governo republicano. Esse fato fez com que até a literatura tomasse posições políticas bem definidas, o que durou até o reinado de Charles I (1625-1649).

O reinado de James I foi caracterizado por inúmeras pressões, inclusive, religiosas. Ele não só não satisfez os desejos dos parlamentares protestantes, como também despertou a fúria dos católicos. Por conta disso, os católicos planejaram um atentado contra o rei, a Conspiração

da Pólvora, que acabou sendo descoberto pouco antes de ser executado em 05 de novembro, dia hoje celebrado com fogos e fogueiras. Os puritanos, como eram conhecidos os protestantes, tentavam “purificar” a Igreja Anglicana dos elementos católicos, enquanto James I queria a sua conversão ao anglicanismo ou os levaria para longe dali, como o fez através do navio Mayflower que levou alguns grupos de puritanos à América.

Com a morte de James I em 1625, assume o seu filho, Charles I, que também enfrentou problemas com o Parlamento, pois, quando precisava de dinheiro, fazia promessas que não eram cumpridas. Por isso, certa vez, o Parlamento resolveu negar o pedido de liberação de fundos ao rei, o que gerou uma Guerra Civil: de um lado, os *cavaliers*, do lado do rei; do outro, os *roundheads*, soldados do lado do Parlamento. Estes últimos foram liderados pela genialidade de Oliver Cromwell e acabaram sendo vencedores em 14 de julho de 1645, na batalha de Naseby, que acabou culminando com a morte do rei em 30 de janeiro de 1649.

A execução do rei foi um escândalo considerado maior que o assassinato de Thomas Becket já aqui comentado. Em 1653, Cromwell tomou para si a responsabilidade de liderar a nação e dissolveu o Parlamento, “[...] sendo declarado ‘lorde protetor’ da Inglaterra” (Silva, 2006, p. 142). Cromwell incentivou a construção naval e o comércio marítimo, lançando as bases para a Revolução Industrial no século seguinte, porém, no campo cultural, fechou teatros, casas de jogos e tudo que desviasse a atenção do povo da igreja, punindo com multas, xingamentos, prática de esportes e uso de roupas ornamentadas.

Muitos *cavaliers* foram enviados ao Novo Mundo, tal como aconteceu com os puritanos no governo anterior. Em 1658, Cromwell vem a falecer, seu filho Richard não conseguiu dar continuidade ao governo por falta de habilidade e o povo juntamente com o exército convidaram o filho de Charles I, Charles II (1660-1685), a assumir a coroa, período esse conhecido como A Restauração. Antes disso, em 1611, nascia a primeira versão autorizada da Bíblia para o inglês que influenciou o curso de literatura inglesa e a maior obra do século XVII, *Paradise Lost*, de John Milton, que se baseia em acontecimentos narrados nela.

Como dito anteriormente, a literatura tomou posições políticas bem definidas nesse período e a maioria dos artistas ficaram do lado do rei. Entretanto, dois poetas de destaque da época eram defensores das causas puritanas, são eles: John Bunyan (1628-1688) e John Milton (1608-1674). O primeiro era de família pobre e o único livro que conhecia bem era a Bíblia. Ele criou uma alegoria popular na literatura inglesa, *The Pilgrim's Progress* (1678-1679), uma espécie de jornada cristã em meio a vários obstáculos. O segundo, com linguagem altamente rebuscada, será tratado no parágrafo seguinte.

John Milton escreveu um dos poemas épicos mais conhecidos da língua inglesa: *Paradise Lost* ou *O Paraíso Perdido* (1667), que trata da queda do homem e de sua expulsão do paraíso. Milton tinha uma formação erudita: dominava latim, grego, italiano, hebraico e conhecia bem a Europa. Colocou todo o seu conhecimento à disposição das causas puritanas, escrevendo e defendendo Cromwell até a Restauração da monarquia em 1660 com Charles II. Por conta disso, foi preso, ficou cego, sem dinheiro e só foi solto por conta dos amigos. Para sobreviver, passou a lecionar e tempos depois, em 1667, publica *Paradise Lost*.

Quanto ao enredo de sua obra-prima, ela trata do fascinante Satã que, ao se encontrar no Caos, logo após a queda do Paraíso, convoca seus demônios para a criação de um novo mundo. Quando Deus prediz a Seu Filho sobre a possibilidade de Satã corromper a espécie humana, este se oferece para salvar o mundo. Deus aceita as súplicas e, após Adão e Eva serem corrompidos por Satã, por intermédio de Seu Filho, acaba perdoando-os, mas os expulsa do Paraíso. Na trama, a descrição do Satã como alguém majestoso e belo chama muito a atenção em relação aos outros personagens e isso influenciou bastante o movimento romântico que está prestes a nascer. Isso, entretanto, será assunto para o próximo tópico.

### **3.5 Século XVIII: o nascimento do romance**

Em 29 de maio de 1660, Charles II retoma o poder. Uma de suas primeiras providências foi reabrir teatros, casas de jogos, bordéis, como era ansiosamente aguardado pelo povo da época. Esse período de Restauração foi marcado por pelo menos três episódios: formação dos dois partidos políticos ingleses, o incêndio de Londres e a peste. Além disso, Charles II mandou exumar o corpo do assassino do pai, Cromwell, e ordenou que sua cabeça fosse cortada, assim como os dedos das mãos e pés e uma orelha (Silva, 2006).

Em relação aos partidos criados, tinha-se de um lado o *Whigs*, palavra depreciativa para boiadeiros e vaqueiros, que representava posições mais liberais, como liberdade religiosa, controle do poder da monarquia e atenção às causas sociais inglesas. Do outro, tinha-se o *Tories*, palavra irlandesa que significava ladrões, com atuação mais conservadora, ligado ao poder real e à Igreja Anglicana e representado pelos produtores e comerciantes.

Em 1665, Charles II teve que enfrentar uma epidemia, a peste bubônica, que dizimou cerca de vinte mil (20.000) ingleses, levando a corte real a se mudar para o campo. No ano seguinte, em 1º de setembro de 1666, um incêndio que durou três dias havia começado em Pudding Lane e, ante o descaso do prefeito, Charles II mandou explodir todos os prédios que

estavam no caminho do incêndio e deixou cerca de duzentas mil (200.000) pessoas sem teto (Silva, 2006).

Em seguida, como plano de reconstrução da cidade, contratou um arquiteto e professor de Astronomia, Christopher Wren, para reconstruir os prédios, dessa vez, com pedras e materiais não-inflamáveis, agraciando Londres com cinquenta e três igrejas e uma catedral em estilo neoclássico, rivalizando com a Basílica de São Pedro em Roma, e construiu ruas mais largas e retilíneas.

Em 1685, Charles II morre e seu irmão James II (1685-1688) assume o trono. Ele, porém, tentou restabelecer a Igreja Católica, elevando-a ao mesmo patamar da Igreja Anglicana ao tentar retirar as leis que impediam que católicos pudessem ocupar cargos públicos e, em sua defesa, alegou o direito divino. Em represália, o Parlamento depositou suas esperanças em Mary, filha de James II e esposa do governante da Holanda, William de Orange. Este último desembarcou na Bretanha em 05 de novembro, enquanto James II, sem apoio, havia fugido para a França. O Parlamento coroou William e Mary como os regentes da Inglaterra numa batalha sem sangue, A Revolução Gloriosa.

O Parlamento então se utilizou de seu poder para fazer com que os novos regentes assinassem a *Bill of Rights* ou Carta de Direitos, transformando a Inglaterra numa monarquia constitucional. Em 1701, através do Ato de Fixação, ficou assegurado o direito de apenas protestantes poderem herdar a coroa e, em 1707, nasce o Parlamento da Grã-Bretanha que incluía o governo da Escócia com o governo da Inglaterra, mantendo o sistema legal e a igreja de fora do acordo.

O século XVIII ficou conhecido então como o século em que predominava a Razão. Não mais se aspirava à prosa extravagante, como a do século passado, com seus poetas metafísicos, barrocos. Agora, procurava-se a luz, a claridade, a eloquência e a lógica na justificação das expressões. Em relação ao pensamento abstrato, predominavam as palavras de origem latina (Borges, 2016).

A ciência foi, sem dúvida, um grande impulso aos ideais iluministas. Nomes como Isaac Newton e dos primeiros cientistas sociais, como Adam Smith e Edward Gibbon, começaram a despontar. Na literatura, houve grande destaque para a sátira, como a obra de Jonathan Swift, *Gulliver's Travels*, em 1726, em que critica os interesses mesquinhos dos dois partidos ingleses e compara a humanidade a bestas humanas que são movidas por instintos primitivos (Silva, 2006).

Outro aspecto importante é que, após a morte dos regentes William e Mary, a coroa passou para a irmã de Mary, Anne, que reinou de 1702 até 1714 sem deixar herdeiros diretos.

Assim, assumiu o primo da rainha, George I, regente da germânica Hanover, que reinou de 1714 até 1727, e seu herdeiro, George II, de 1727 até 1760. Porém, por não terem muito interesse no exercício do poder, deixaram isso a cargo dos ministros, especialmente, o maior deles, Robert Walpole, que acabou fundando o Banco da Inglaterra em 1694 e juntando os ministros num pequeno grupo chamado *Cabinet*, responsável pelas grandes decisões do governo.

Em 1760, George III, nascido na Inglaterra, assume o trono até 1820 e tentou recuperar o poder real, mas se mostrou incapaz e os *Cabinets* continuaram governando a Inglaterra e, dizem os historiadores, o rei terminou sua vida vagando como louco nos corredores de Windsor. Em 1773, por exemplo, devido a uma série de desentendimentos com os colonos americanos, estes resolveram jogar ao mar toda a carga de chá advinda da Inglaterra em protesto às altas cobranças de impostos e ao monopólio inglês em relação às importações americanas, culminando com a Guerra de Independência Americana, de 1775 até 1783, na qual a Inglaterra saiu perdedora e reconheceu, em 4 de julho de 1776, a independência daquele país (Silva, 2006).

Nesse mesmo período, em 1789, eclodia a Revolução Francesa com seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Esse fato amedrontou o Parlamento inglês que temia revoltas, sobretudo do campo, já que o sistema de *enclosures*, cercamentos de terras que visavam produzir mais alimentos com técnicas agrícolas sofisticadas, estavam excluindo os moradores da área rural que acabaram migrando para as grandes cidades. Entretanto, ao contrário do que acontecia na França, a burguesia inglesa já se encontrava no poder através da Câmara dos Comuns, e a Revolução não tinha espaço nesse campo.

No campo das artes, por outro lado, encontrou-se um terreno fértil e, a partir desse panorama, nascia o Romantismo. Obras como *O declínio e queda do Império Romano* (1788), de Edward Gibbon (1737-1794) e as teorias de Adam Smith (1723-1790) que defendiam o *laissez-faire* ou a economia dirigida pela livre lei de oferta e de procura defendiam os interesses da classe burguesa. A vacina antivariólica também surge como um advento da razão e das ideias iluministas e foi deveras debatida nas obras de Alexander Pope e Jonathan Swift. O interessante é que até hoje a vacina é motivo de muito burburinho, sobretudo quando o Estado precisa intervir sobre a liberdade de escolha em prol de um bem maior: a vida humana.

De volta à literatura, há de se explicar que em inglês tem-se duas palavras para romance. A primeira é *romance*, termo utilizado para os romances de cavalaria, em que se tinha a presença de um herói com atributos fantásticos e extravagantes, sem preocupação com a realidade, criaturas míticas; e a segunda é *novel*, em que o herói é um homem comum em um lugar também comum, com descrições muito próximas da realidade, envolto em assuntos do

dia a dia, enfrentando problemas de cunho pessoal ou mesmo questões sociais. É esse romance que surge na Inglaterra no século das luzes.

Como se tem mostrado até aqui, a burguesia inglesa daquela época era o que se chama hoje de classe média e à medida que ela progredia economicamente e se infiltrava na política, mais tendia a querer expandir seu conhecimento cultural e, por isso, o interesse por obras literárias aumentou naquele período, especialmente por aquelas mais próximas das realidades por ela vivenciada. Dessa época, duas obras dividem os críticos como os primeiros romances da língua inglesa: *Pamela* (1740), de Samuel Richardson e *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe.

*Robinson Crusoe* foi publicado quando Daniel Defoe tinha quase sessenta anos e foi considerada a sua obra-prima. Na história, percebe-se como os seres humanos são levados a superar dificuldades quando se tem paciência, esforço e muita criatividade. Revela também a necessidade de o homem de se comunicar e viver em sociedade. Na trama, Robinson Crusoe parte num navio comercial com o desejo de aumentar a fortuna da família, porém enfrenta muitos problemas, dentre eles, um naufrágio que o faz viver aparentemente sozinho numa ilha. Ele se adapta e sobrevive por anos. Consegue resgatar um nativo de um grupo de canibais e passa a chamá-lo de Sexta-feira, dia em que foi resgatado. Sobrevive por vinte e oito anos até que é resgatado e retorna à Inglaterra, onde passou a viver confortavelmente, apesar de não mais ter encontrado os seus pais com vida (Defoe, 2016).

A obra de Defoe virou um clássico da literatura universal, criando uma vertente literária, conhecida como a ficção da ilha deserta. Há um grande cuidado com a descrição dos detalhes e, ao mesmo tempo, a utilização de uma linguagem coloquial, menos formal. É a primeira vez que a ideologia imperialista inglesa aparece num romance. A ilha é vista como um local de reflexão em que outros aspectos devem ser considerados ante os dogmas racionalistas.

Na poesia, destacam-se nomes como John Dryden e Alexandre Pope com temas sobre racionalismo e moralismo. O primeiro tem como obra principal a sátira poética *Absalom and Achitophel* (1681) que trata de uma trama no campo político contra o rei Charles II; o segundo, era um corcunda, numa época em que se cultuava a perfeição, e católico, numa época em que católicos não podiam frequentar faculdades. Daí, escreveu poemas que refletiam sua preocupação moral com a sociedade inglesa, como *Essay on Man* (1733-1734), e até hoje, juntamente com Shakespeare, é bastante citado, em frases como “Errar é humano, perdoar é divino” (Silva, 2006, p.187). No século seguinte, esses conflitos entre as convenções neoclássicas e a liberdade de criação ficarão ainda mais evidentes.



### 3.6 Século XIX: entre luzes e trevas

Começa-se o século em meio à busca por um governo mais democrático e a críticas aos efeitos sociais produzidos pela Revolução Industrial. Apesar de o rei representar apenas uma figura decorativa na monarquia constitucional, o Parlamento não era o que se esperava em relação à representação popular. Tanto a Câmara dos Lordes quanto a Câmara dos Comuns eram eleitas por apenas um sexto da população adulta masculina inglesa. Somente os mais prósperos representantes da classe média podiam votar. Entretanto, em 1832, a Primeira Carta da Reforma estendeu o direito ao voto a toda a classe média (Silva, 2006).

No país em que a Revolução Industrial se iniciou, seu lado perverso também eclodiu na mesma proporção: a exploração dos mais pobres. A classe trabalhadora, composta por homens, mulheres e crianças, trabalhava dia e noite por salários miseráveis e seus pequenos povoados rapidamente se transformavam em cidades e, por isso, se via forçada a trabalhar nas fábricas e morar em cortiços, fato que a maioria dos ingleses preferia ignorar.

O pastor anglicano John Wesley, ao contrário, havia organizado um grupo de estudantes de Oxford para a prática de religião, os metodistas (assim chamados por conduzirem suas vidas e estudos religiosos pelas regras e pelos métodos), que se guiava pela mensagem de amor e de perdão a Deus e que eram levadas até o lugar onde os pobres se encontravam: nas fábricas, nas prisões e nas colônias do Novo Mundo, ou seja, na Inglaterra e, posteriormente, na América.

Tal movimento despertou os olhares da Igreja Anglicana e do governo para as suas responsabilidades, levando-os a abrirem escolas religiosas e a construírem hospitais. Tal episódio ficou conhecido como o “despertar puritano” e isso incentivou vários cristãos a trabalharem pela sociedade e a reivindicarem melhores condições nas prisões e a questionarem o comércio de escravos e a exploração do trabalho infantil. Com isso, os *quakers*, através de sua figura de destaque, Elizabeth Fry, denunciavam, em suas pregações, constantes maus tratos, o que fez com que o Parlamento aprovasse em 1802 o Ato das Fábricas, limitando o trabalho infantil a doze horas por dia e, mais tarde, em 1819, proibissem o emprego de crianças com menos de nove anos nas fábricas.

É necessário que se diga que, apesar do apoio desses religiosos no campo social, eles eram bem conservadores no campo político, o que certamente evitou uma revolução tal como a ocorrida na França. Graças a eles, os trabalhadores passaram a se organizar melhor e a vislumbrar o nascimento dos sindicatos. Isso também contribuiu para que a simplicidade e naturalidade prevalecessem, em detrimento do artificialismo do século anterior. Nas artes, por

exemplo, as casas nos moldes clássicos estavam sendo substituídas por modelos da Idade Média de estilo gótico, com tetos altos e janelas arqueadas.

Ainda no fim do século XVIII, um tipo de literatura se tornou bem popular: o romance gótico que surgiu entre as décadas de 1760 e 1820 e até hoje influencia as histórias de terror de que se tem conhecimento. Ela surgiu como reação ao racionalismo e ao moralismo da literatura neoclassicista e é uma espécie de fusão do *romance* com o *novel*. A obra que inaugura esse estilo literário na Inglaterra é *The Castle of Otranto* (1764), de Horace Walpole.

Outras características do Romantismo despontaram, como a redescoberta das belezas da natureza, a emoção em detrimento da razão, o interesse pela vida das pessoas no campo e o resgate do passado, movido por uma atmosfera de mistério ou por fatos heroicos relacionados à história do país. Da mesma forma, o romance gótico também evoluiu e abandonou o sobrenatural, passando a incluir as mesmas mudanças pelas quais a sociedade passava, tal como a obra *Frankenstein*, de Mary Shelley, publicada em 1818, em que a ciência passa a fascinar e aterrorizar as pessoas, simultaneamente. Por isso, a literatura romântica foi considerada rebelde e idealista (Silva, 2006).

Em 1798, William Wordsworth (1770-1850) e Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) publicaram *Lyrical Ballads*, obra que foi considerada um grande evento na história da poesia inglesa desde Milton pela Enciclopédia Britânica. Nessa primeira fase do Romantismo inglês, percebe-se claramente dois opostos: as luzes e as trevas, representadas no período neoclássico por Robert Burns (1759-1796), o poeta do povo, simbolizando a luz pela valorização da natureza e do homem comum, e William Blake (1757-1827), um humanitarista, que representava as trevas através da valorização de aspectos místicos, sobrenaturais, misteriosos e posições políticas radicais. Da mesma forma, tem-se respectivamente os já mencionados William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge.

Quanto aos destaques da prosa do século XIX, cita-se Walter Scott (1771-1832) e Jane Austen (1775-1817). O primeiro começou como editor de baladas na Escócia e logo adquiriu sucesso com suas coletâneas de poemas narrativos. Abandonou a poesia, porque dizia que Byron o superava. Seus romances históricos, entretanto, o fizeram inigualavelmente popular, como a sua obra *Waverly* (1814) que tratava da revolta jacobina em 1745. O segundo, Jane Austen, não se enquadrava num estilo literário, pois suas obras combinavam preocupações neoclássicas, românticas e realistas com estratégias ficcionais. Dentre as suas obras, cita-se *Orgulho e Preconceito* (1813), seu romance mais lido, considerado o ponto alto de seu trabalho.

Na poesia, tem-se ainda uma segunda geração romântica. Dessa vez, marcada pela decepção com o não atingimento dos ideais franceses, com o envolvimento com as causas

políticas e com o fato de terem vivido pouco tempo. Os principais pensadores dessa geração são: Lord George Gordon Byron (1788-1824), considerado um dos maiores poetas do Romantismo da Inglaterra, especialmente, por artistas, como Álvares de Azevedo no Brasil, Goethe na Alemanha e Balzac e Stendhal na França; Percy Bysshe Shelley (1792-1822), um idealista que aspirava reformar o mundo e que se apaixonou e se casou com a já mencionada Mary Godwin ou Mary Shelley; e John Keats (1795-1821) que, segundo a crítica, se tivesse vivido mais, teria alcançado a mesma fama de Chaucer e William Shakespeare. *Childe Harold* (1817), *Prometheus Unbound* (1819) e *On First Looking into Chapman's Homer* (1816) são, respectivamente, importantes produções desses autores.

Já na segunda etapa da Revolução Industrial (1860-1900), novas fontes de energia, como o petróleo e a eletricidade; a produção do aço; a invenção do telégrafo, do telefone, da locomotiva elétrica; e o avanço das técnicas de impressão ajudaram a criar a cultura do consumo. Toda essa transformação foi refletida na história e na literatura. Pensadores, como Karl Marx e John Stuart Mill, e romancistas, como Charles Dickens, continuavam as denúncias iniciadas pelos pregadores religiosos contra a exploração e a miséria dos trabalhadores e agora o próprio povo resolveu se manifestar, criando um movimento, denominado Cartismo, que acabou por pressionar o Parlamento a aprovar, em 1845, algumas leis que protegiam os trabalhadores (Silva, 2006).

O século XIX ficou conhecido na Inglaterra como a era vitoriana. Isso porque, após a morte de William IV, em 1837, Alexandrina Vitória Regina foi coroada aos dezoito anos em um dos reinados mais duradouros da história daquele país, perdurando até 1901, e as transformações ocorridas nesse período levaram a Inglaterra a se transformar no maior império do mundo. Em 1861, o príncipe Albert, seu marido, vem a falecer. Após um período de isolamento, a rainha volta à cena e se torna uma das regentes mais populares do país. Isso, sem contar com as suas características sofisticadas e com a sua excepcional pontualidade que acabaram por caracterizar o povo inglês.

Em 1886, uma obra de Robert Louis Stevenson, *The Strange Case of Sr. Jekyll and Mr. Hyde*, mostra com perfeição a hipocrisia da sociedade da época. Durante o dia, os homens abdicavam de fumo, bebidas e jogos para se manterem na sociedade. À noite, porém, encontravam-se nos prostíbulos. Às mulheres, cabia um comportamento frágil, muito prudente e extremamente fútil. Entretanto, foi o “assassino de Whitechapel” ou “Jack, o estripador”, em 1888, quem chamou a atenção para as condições sociais dos pobres no país que mais se destacava economicamente no mundo (Silva, 2006).

Graças a esse temeroso evento é que as prostitutas que até então eram ignoradas pela sociedade tiveram suas vidas expostas. Aproximadamente cinco delas foram mortas por Jack, fora as que eram assassinadas por clientes ou em brigas entre si. Em sua maioria, eram mulheres que vinham do campo ou fugidas de casamentos violentos. O assassino as estrangulava e as mutilava, mas nada delas roubava e a polícia se mostrou extremamente ineficiente e despreparada no caso. A sociedade, em meio à hipocrisia, acreditava que o crime era cometido por algum estrangeiro. Em seguida, em virtude das habilidades cirúrgicas na execução das mortes, algumas suspeitas recaíram sobre o neto da rainha, príncipe Albert, por frequentar prostíbulos de Whitechapel, e sobre pessoas importantes, como o autor Lewis Carroll e o pintor expressionista Walter Richard Sickert. O fato é que o assassino desapareceu sem deixar pistas (Silva, 2006).

Outro acontecimento que mudou a maneira de enxergar o mundo foi a publicação de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, em 1859. Até então, acreditava-se no relato bíblico sobre a origem do homem. A teoria evolucionista dividiu as pessoas e, na literatura, alguns autores resolveram escrever sobre o conflito entre religião e ciência, como Tennyson, ou se posicionar em favor da ciência, como H.G. Wells. Além disso, as superproduções das indústrias geraram um outro problema: o escoamento das mercadorias. Com isso, abriu-se o caminho para a corrida imperialista, justificada também pelo sentimento de superioridade dos países mais ricos. Em 1900, a Inglaterra estava no auge de seu poder, tendo conquistado Canadá, Austrália, Índia, sul da Arábia e muitas regiões da África (Silva, 2006).

Essa nova fase é chamada pela literatura de realista ou vitoriana e foi subdividida em: moralista (1830-1870) e esteticista (1870-1900). A primeira, relaciona-se às transformações de valores da sociedade inglesa e está representada por: George Eliot, Charles Dickens, as irmãs Brontë, Charlotte, Emily e Anne. Na poesia, Lord Alfred Tennyson, Matthew Arnold e Robert Browning. No drama, George Bernard Shaw. A segunda, também chamada de literatura da decadência, está relacionada aos conceitos de esteticismo, arte servindo apenas a ela mesma. Os autores que se destacaram foram: Algernon Charles Swinburne, Dante Gabriel Rossetti, Christina Rossetti e William Morris. No drama, Oscar Wilde.

Quanto aos temas de cada uma dessas fases, tem-se na fase moralista o choque entre os hábitos de vida no campo e na cidade, a deterioração dos valores religiosos em prol da valorização do pensamento racionalista, os contrastes entre as classes sociais, a alienação do sujeito da cidade, a tensão entre o público e o privado. Já na fase esteticista, tem-se a completa despreocupação com as temáticas sociais e políticas, busca pelas sensações, egocentrismo e

hedonismo, fascinação pelo exótico, atmosfera de decadência, atenção aos detalhes, presença de elementos fantásticos, utilização de temas com forte apelo popular (Silva, 2006).

Dentre as obras de destaque do século, pode-se citar as mais exploradas pelo cinema: *A Christmas Carol* (1843), de Charles Dickens; *Dracula* (1897), de Bram Stoker; *Wuthering Heights* (1847), de Emily Brontë e *Alice's Adventures in Wonderland* (1865), de Lewis Carroll. Esta última foi classificada na vertente poética como *nonsense*, ou seja, apresenta um jogo intencional de palavras que aparentemente não tem um sentido formal, mas que internamente segue uma lógica. Na obra, há uma planejada e precisa crítica ao racionalismo vitoriano, combinada com a visão do homem como uma figura ridícula, num mundo que parece não ter nenhum propósito existencial (Silva, 2006). Em meio a isso, com a morte da rainha Vitória em 1901, eis que surge o século XX.

### **3.7 Século XX: entre a interpretação dos sonhos e as guerras**

O século XX na Inglaterra se inicia com o reinado de Edward VII (1901-1910), filho da rainha Vitória. Antes, em 1900, tem-se a publicação do influente livro do austríaco Sigmund Freud, intitulado *A interpretação dos sonhos*, que contribuiu, juntamente com outras publicações da época, para que as pessoas se voltassem mais para “[...] o mundo oculto por trás da mente consciente, o ‘inconsciente’: um mundo governado por sensações e percepções” (Festino; Bandejas, 2012, p.52). Filósofos, como o francês Henri Bergson, destacavam o poder da intuição sobre a razão, abrindo portas para novas formas narrativas, uma vez que o realismo já não recriava a realidade de forma satisfatória.

O movimento modernista teve suas sementes plantadas ainda no século anterior, com os avanços científicos e tecnológicos; a problematização das crenças cristãs a partir de novas teorias, como a de Darwin; o crescimento das cidades e da população em detrimento dos ideais da natureza; o surgimento do proletariado com seu desafio à burguesia face à publicação do Manifesto Comunista de Marx e Engels em 1848. A civilização parecia exausta. Os artistas se rebelavam contra a corrupção do Estado e a sua sociedade medíocre (Festino; Bandejas, 2012).

A literatura, pois, refletiu todas essas incertezas, a começar com o início de uma grande guerra, que teve como ponto de partida o assassinato de um militante sérvio, herdeiro do império austro-húngaro, e que acabou por tomar dimensões globais até então nunca vistas na história. De um lado, tinha-se a Tríplice Aliança e seus aliados, formada pela Alemanha, Império Austro-Húngaro, Itália, Bulgária, Turquia; do outro, a Tríplice Entente e seus aliados, formada por

França, Inglaterra, Bélgica, Rússia, Japão, Sérvia, Estados Unidos, Grécia e Brasil, único país sul-americano envolvido nesse conflito (Silva, 2006).

Ao contrário do que se imaginava, a guerra não apagou as marcas do passado, nem tampouco purificou o mundo. Pelo contrário, o mundo ficou ainda mais destruído e vazio e as pessoas ficaram ainda mais desacreditadas nas instituições e nos seus valores medíocres. Muitos jovens se voluntariaram para participar da guerra, entendendo aquele momento como necessário para o engrandecimento das nações, porém todo esse furor foi rapidamente substituído por desespero, numa guerra diferente, em que a tecnologia e os avanços da Revolução Industrial estavam sendo usados para matar.

Quando os Estados Unidos entraram na guerra, a Tríplice Entente recebeu novos materiais e recursos financeiros, contribuindo para a vitória do bloco. A Alemanha assinou, em 11 de novembro de 1918, um acordo de paz que a deixou em completa desvantagem, dando subsídios para a eclosão de uma outra grande guerra que viria a surgir duas décadas depois: a Segunda Guerra Mundial. Além disso, desencadeou-se uma crise generalizada: desempregos, inflação e explosão de manifestações populares. Para controlar melhor tal situação, os governos acabaram adotando um controle mais rígido, formando assim os governos autoritários, como o nazismo na Alemanha, o fascismo na Itália e o Estado Novo no Brasil.

Em 1939, depois da invasão da Polônia pela Alemanha, a Inglaterra e a França deram início à Segunda Guerra Mundial após declararem guerra à Alemanha. Com a entrada dos Estados Unidos e da União Soviética no confronto, a Alemanha acabou sendo vencida e seu maior expoente, Hitler, acabou se suicidando em 30 de abril de 1945. Em 08 de maio daquele mesmo ano, a Alemanha assinou sua rendição. Em 06 de agosto, a cidade japonesa de Hiroshima é atacada com a bomba atômica. Três dias depois, acontece o mesmo com a cidade de Nagasaki. Somente aí, depois de oitenta e quarenta mil mortes, respectivamente, o Japão se rendeu e pôs fim à guerra (Silva, 2006).

No reinado de George V (1910-1936), na tentativa de desviar o olhar dessas cenas sangrentas e após os artistas voltarem a equilibrar seus valores e sentimentos e a descrever as mudanças desse novo século, nasce a literatura modernista. A característica mais marcante desse período era a incerteza de valores, tempo, consciência. A primeira, porque o artista passa a assumir uma visão própria ou a empregar uma multiplicidade de olhares; a segunda, porque o tempo deixa de ser uma série de momentos cronológicos e passa a ser um fluxo constante de eventos; a terceira, porque a consciência era resultado de memórias que refletiam desejos, tensões e imagens do passado.

Surge então o romance psicológico, cujas características são: o fluxo da consciência, que descreve os sentimentos que perpassam pela mente; o monólogo interior, técnica em que se apresenta o fluxo de consciência dos personagens de um romance ou conto; e o impressionismo, apresentação de cenas, personagens e comportamentos que aparecem num dado momento e que não compreendem o todo. Um dos primeiros artistas a se destacar nesse tipo de romance foi o irlandês James Joyce (1882-1941), cuja obra-prima foi publicada em 22 de fevereiro de 1922, *Ulysses*, considerada a odisseia dos tempos modernos.

Joyce utilizou as divisões da *Odisseia* de Homero para uma reinterpretação cômica, sem falar que o seu Ulisses voltou para casa em um único dia, ao invés dos dez anos do Ulisses homérico. Ele demonstrou ainda uma preocupação com a linguagem ao utilizar instrumentos diferentes, como o monólogo, o diálogo e as perguntas e respostas. Foi reconhecido mundialmente como um dos gênios da literatura do século XX e influenciou outros autores, como Virgínia Woolf, em sua obra *Mrs. Dalloway* (1925).

Adeline Virgínia Woolf (1882-1941), além de uma das maiores expressões da literatura inglesa como um todo, foi uma forte defensora dos direitos da mulher. Ensaaios como *A Room of One's Own* (1929) e *Three Guineas* (1938) já apontavam os problemas que as mulheres enfrentavam na sociedade. Ela ficou bem conhecida pela sua franqueza ao debater assuntos polêmicos, como a sua bissexualidade, posteriormente refletida em sua obra *Orlando* (1928). Em 1912, ela se casou com Leonard Woolf que pareceu ser um bom companheiro. Após o terror da Segunda Guerra Mundial, sua sanidade ficou abalada e, em meio à depressão, acabou cometendo suicídio por afogamento.

Quanto às temáticas da literatura modernista da primeira metade do século, tem-se: solidão e vazio espiritual, individualidade, dificuldades de relacionamento entre pessoas e falta de comunicação eficiente. Dentre os escritores de destaque, além dos acima citados, tem-se: Joseph Conrad (1857-1924), David Herbert Lawrence (1885-1930), Edward Morgan Foster (1879-1970), Katherine Mansfield (1888-1923). O romance distópico também mostrou essa preocupação com os relacionamentos, numa espécie de descrença dos ideais utópicos de outrora, e teve como principais expoentes Aldous Huxley (1894-1963) e o já mencionado George Orwell (1904-1950).

Na poesia, as principais contribuições vieram de fora da Inglaterra: o americano Thomas Stearns Eliot (1888-1965) e o irlandês William Butler Yeats (1865-1939), mas dois ingleses que também se destacaram: Dylan Thomas (1914-1953) e W. H. Auden (1907-1973). Nesse período, floresceu também um movimento denominado imagismo, poemas sem excessos e com eficiência informativa, que tinham como principais representantes os norte-americanos Ezra

Pound (1885-1972), Amy Lowell (1874-1925) e W.C Williams (1883-1963). No drama, o destaque foi o Teatro Abbey, na Irlanda, que, após sofrer um incêndio, foi reconstruído em 1966 e ainda sobrevive. Seus principais representantes foram: o acima descrito W. B. Yeats, Lady Isabella Augusta Gregory (1852-1932), John Millington Synge (1871-1909) e Sean O'Casey (1880-1964).

Já na segunda metade do século XX, a Inglaterra não exercia a posição de país mais poderoso do mundo e acabou testemunhando a independência de muitas de suas colônias, boa parte em virtude do deslocamento de poder para os Estados Unidos e União Soviética. Além disso, o período pós-guerra desenvolveu uma consciência anticolonialista nos europeus, especialmente, por entender ser contraditório lutar contra a opressão dos regimes totalitários e ao mesmo tempo oprimir os povos colonizados.

A Índia, por exemplo, liderada por Mahatma Ghandi, conquistou sua independência em 1947, transformando-se em República da Índia (de maioria hindu) e República do Paquistão (de maioria muçulmana). A essa geração que marcou a década de 1960 com seus movimentos contestadores, nascida entre 1946 e 1964, deu-se o nome de *baby boomers* e se caracterizou pelos protestos contra o autoritarismo, o falso moralismo e o sistema social estabelecido.

A situação econômica da Inglaterra começou a mudar com Margaret Thatcher em 1979. A primeira mulher a ocupar a posição de primeira-ministra britânica foi apelidada de Dama de Ferro, devido às suas atitudes impopulares, como o incentivo às privatizações das estatais e ao corte de gastos com incentivos sociais. Nascia aí o tão contestado neoliberalismo. Em virtude da melhora na economia, Thatcher conseguiu se reeleger, mas como as críticas continuaram, foi obrigada a renunciar em 1990, tendo sido substituída por John Major (1990-1997) e depois por Tony Blair (1997-2007).

Quanto à família real, após a morte de Edward VII em 1910, assume o seu filho George V que reinou até a sua morte em 1936, tendo conquistado muita popularidade. Assume em 10 de janeiro daquele ano, o seu filho, Edward VIII, que abdicou meses depois, em dezembro, antes mesmo de ser coroado, para se casar com uma mulher americana divorciada. Assume então o seu irmão, George VI, que reinou até o ano de sua morte, em 1952. A partir daí, assume a sua filha, Elizabeth II, defensora da Igreja Anglicana. Ela reinou até a sua morte em 2022. Sem dúvida, a mais longeva monarca do Reino Unido, pois governou por setenta anos.



Chega-se então ao pós-modernismo<sup>4</sup>. No fim da década de 1960, surge a internet para revolucionar o mundo moderno com mudanças, como a descentralização do poder, a fragmentação do indivíduo em meio a tanta informação, a angústia causada pela velocidade e a crise de identidade, dentre tantas outras transformações. Obviamente, a literatura acompanhou todas essas modificações e questionou as ideologias subjacentes. Como características da literatura desse período, praticamente todas presentes na obra *Shrek* (2001), do americano William Steig, tem-se: a valorização da heterogeneidade; a metaficcionalidade; o desconstrucionismo; o desafio aos limites impostos pela sociedade; *disclosure*, quando o sentido do texto é entendido de forma aberta; intertextualidade; ironia; e a evocação de um texto em outro texto (Silva, 2006).

De uma forma geral, o pós-modernismo é marcado por variados debates entre intelectuais de diversas vertentes: social, cultural, política e econômica. Isso desencadeou uma multiplicidade de vozes, questões e conceitos que viria a abalar com a unanimidade antes defendida pela tradição ocidental. Além disso, nesse mesmo período, nascem outros movimentos e discursos, como o pós-colonialismo, entendido como uma preocupação em analisar os efeitos do império, levantando questões sobre exploração e racismo. O romance *Foe* (1986), por exemplo, do sul-africano e ganhador do prêmio Nobel John Maxwell Coetzee, nascido em 1940, toca em assuntos extremamente relevantes, como o *apartheid* e a violência das práticas políticas de seu país.

Na prosa, pode-se citar alguns autores, como Angela Carter (1940-1992), Anthony Burgess (1917-1993), David Lodge (nascido em 1935), Graham Greene (1904-1991), entre outros. Na poesia, retrataram o cinismo através de uma linguagem bem popular, como a americana Anne Stevenson (nascida em 1933) e o inglês Philip Larkin (1922-1985). No drama, dominou o teatro do absurdo, que reconhece a natureza absurda do mundo e a angústia e a perplexidade do homem no universo, destacando-se o irlandês Samuel Beckett (1906-1989), o tcheco Tom Stoppard (nascido em 1937) e o inglês Harold Pinter (1930-2008).

No século seguinte, essas questões angustiantes que tanto despertaram aflições em seu povo, mais notadamente refletidas nas principais obras de seus artistas, ficarão ainda mais evidentes na arte como um todo.

---

<sup>4</sup>Há algumas discussões sobre a origem do nome “pós-modernismo”, mas os críticos pretendiam apenas indicar as reações que ocorriam no interior do modernismo. Como bem diz Agamben, “Conceitos como os de pós-moderno, de novo renascimento, de humanidade ultra-metafísica, revelam o grão de progressismo escondido em todo o pensamento de decadência e no próprio niilismo: o que importa é, em todos os casos, não perder a nova época que já chegou ou chegará [...]” (1999, p. 82).

### 3.8 Século XXI: do ataque às torres gêmeas à pandemia de Covid-19

Em 11 de setembro de 2001, o ataque às torres gêmeas do World Trade Center em Nova York marca o mundo para sempre. A Inglaterra, por estar intimamente atrelada aos Estados Unidos, país que fundou, temia um segundo ataque, dessa vez, em solo inglês (Silva, 2006). O avanço da tecnologia com inteligências artificiais cada vez mais inteligentes, a pandemia de Covid-19 que se iniciou em março de 2020 e teve seu fim decretado em 05 de maio de 2023 (mesmo ceifando vidas até os dias atuais, sete meses depois) e as guerras (Rússia x Ucrânia e Israel x Hamas) também vêm marcando o século que começou de forma muito sangrenta. A morte pacífica da rainha Elizabeth II, aos noventa e seis de idade, em 08 de setembro de 2022 e a coroação do rei Charles III, seu filho mais velho, em 06 de maio de 2023, se juntam aos grandes acontecimentos do século.

Quanto à literatura inglesa e em face dos estudos de decolonialidade, despertados desde o século anterior, é cada vez mais frequente a busca por outras literaturas inglesas que não se concentrem apenas na Inglaterra. Afinal, como mostrado ao longo deste trabalho, a história da imperialista Inglaterra impôs a sua língua em colônias espalhadas por todo o mundo. Abaixo, uma reflexão sobre isso:

No sistema pedagógico concebido para a Índia, os alunos aprendiam não só a literatura inglesa, como também a superioridade intrínseca da raça inglesa. Aqueles que contribuíam para a nascente ciência de observação etnográfica na África, Ásia e Austrália, tal como os descreve George Stocking, levavam consigo meticulosos instrumentos de análise e também um conjunto de imagens, noções, conceitos paracientíficos sobre a barbárie, o primitivismo e a civilização; na disciplina nascente da antropologia, o darwinismo, o cristianismo, o utilitarismo, o idealismo, a teoria racial, a história jurídica, a linguística e o conhecimento de intrépidos viajantes misturavam-se numa surpreendente combinação, mas nenhum deles vacilava quando se tratava de afirmar os valores superlativos da civilização branca (isto é, inglesa) (Said, 2011, p.173)

Desse modo, tem-se autores como a já aqui mencionada nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, com publicações de sucesso, como *Meio Sol Amarelo* (2008), vencedor do *Orange Prize* e adaptado ao cinema em 2013, e o romance *Americanah* (2014), *best-seller* vencedor do *National Book Critics Circle Award* (Adichie, 2019). Além dela, destacam-se autores como o americano Dan Brown, autor de livros, sucesso de vendas, como *O Código da Vinci* (2003) e *O Símbolo Perdido* (2009) (Brown, 2004) e a indiana, romancista e ativista, Arundhati Roy, vencedora do *Booker Prize* em 1998 e que voltou à ficção em 2017 com a publicação de *O ministério da felicidade absoluta* que trata das violações de direitos humanos em seu país (Tag, 2019).

Assim como a Alice do País das Maravilhas, tem-se a sensação de que a queda não terminará nunca e de que uns seis mil e quinhentos quilômetros já foram percorridos, como ela mesma diz: “Devo estar chegando perto do centro da Terra” (Carroll, 2009, p. 15), depois dessa longa e aventureira viagem pela literatura em língua inglesa. E há muito mais sendo produzido e desvelado, graças aos progressos propiciados pela tecnologia e pela internet que têm estreitado laços entre autores e leitores em toda a parte do mundo, de todas as classes sociais, religiões e credos. No capítulo seguinte, alguns desses avanços serão aqui apresentados e analisados.

#### 4 SOMOS TODOS CIBORGUES

Nenhum título melhor que esse para representar o quão tecnológico o ser humano se tornou. É estranho pensar numa pessoa que não tenha ao menos um aparelho de *smartphone*, uma *smartTV* ou um *laptop* em casa. Imaginar alguém completamente desprovido de internet, de um simples relógio digital ou sem nunca ter ouvido falar em redes sociais está se tornando algo cada vez mais raro. Esse pensamento é bem representado por Donna Haraway no seu já mencionado texto *Manifesto Ciborgue*, conforme abaixo:

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. (Tadeu, 2009, p.37)

A própria Donna se declara como uma ciborgue, “[...] um tipo de corpo que representa a quintessência da tecnologia” (Tadeu, 2009, p. 20). Para ela, “[...] não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde as máquinas começam” (Tadeu, 2009, p.22). Basta que se faça uma pequena reflexão e se observe toda a tecnologia por trás de roupas, calçados, alimentos, cosméticos, brinquedos, entre outros. Pode-se dizer que a tecnologia está em toda a parte, dentro e fora de todos os espaços físicos e humanos. Para corroborar com essa afirmação, tem-se, sobre a tecnologia, que:

Ela se faz presente no mundo, nos equipamentos que permeiam o cotidiano dos sujeitos, dos mais simples como um lápis aos mais elaborados como um *Kindle*. Assim, a tecnologia não abrange somente artefatos digitais e recentes, mas todo e qualquer objeto que auxilia na execução de atividades (Almeida; Vieira; Amorim, 2020, p.35).

Em relação à origem da palavra “tecnologia”, tem-se “[...] uma junção do termo *tecno*, do grego *techné*, que é saber fazer, e *logia*, do grego *logus*, razão” (Veraszto; Silva; Miranda; Simon; 2009, p.21), resultando em “razão do saber fazer”. Mesmo na primitividade, “Nossos antepassados primitivos já utilizavam objetos achados na natureza como instrumentos que lhes garantissem uma extensão do corpo, porém não mostravam nenhuma intenção de modificá-los ou melhorá-los” (Veraszto; Silva; Miranda; Simon; 2009, p.22), o que só aconteceu com o *Homo erectus* ao talhar a pedra. Desse ponto em diante, pode-se dizer que a tecnologia sempre esteve presente.

Dessa forma, a tecnologia pode ser entendida como “[...] um conjunto de saberes inerentes ao desenvolvimento e concepção dos instrumentos (artefatos, sistemas, processos e ambientes) criados pelo homem através da história para satisfazer suas necessidades e requerimentos pessoais e coletivos” (Veraszto; Silva; Miranda; Simon; 2009, p.38). Em outras palavras, é necessário não apenas o conhecimento de como fazer, mas fundamentalmente saber fazer e/ou improvisar soluções que satisfaçam uma determinada necessidade. A esse conhecimento, dá-se o nome de tecnológico.

É importante que se diga que a cada época corresponde uma tecnologia e, portanto, a evolução social do homem depende delas. O uso dessas tecnologias, como ferramentas e técnicas que correspondem ao uso a que o homem as impôs, vem alterando comportamentos, seja de modo individual, seja de modo coletivo, como o que aconteceu com a invenção da roda que transformou radicalmente o modo como as pessoas se deslocavam. As tecnologias mudam também a forma de se comunicar e de adquirir conhecimentos (Kenski, 2003).

Com o advento da internet, as possibilidades de utilização desses recursos tecnológicos potencializaram-se. A internet surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos, como uma tentativa do Departamento de Defesa daquele país de descentralizar e proteger informações preciosas que, com os bombardeios, poderiam ser perdidas por estarem em um único servidor. Naquele momento, somente militares e pesquisadores tinham acesso a ela, pois temia-se o mau uso dessa tecnologia pela população em geral. No Brasil, somente em 1995 é que se teve a abertura da internet para fins comerciais (Brasil Escola, 2023).

A partir dessa abertura, pode-se dizer que dentre as mudanças consideradas fundamentais nesse período, destaca-se a “[...] possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador (CMC)” (Recuero, 2009, p.24) que, por estarem em rede, ou seja, conectados entre si, deixam rastros de seus padrões de conexão e visualização, especialmente, por meio de redes sociais que serão tratadas mais à frente.

Sabe-se que “[...] a Internet atualmente é acessível a bilhões de computadores e dispositivos controlados por computadores no mundo todo” (Deitel, P; Deitel, H., 2010, p.5). Com ela, segundo esses autores, surgiu o *World Wide Web*, ou rede mundial de computadores, que tornou possível aos usuários de computador ter acesso a assuntos e documentos diversos pela internet e concluem com o que já se considera óbvio: a internet se tornou um dos principais meios de comunicação do mundo. Abaixo, mais considerações sobre esse assunto:

Antigamente, a maioria dos aplicativos de computador executava em computadores que não se comunicavam entre si. Hoje em dia, é possível escrever aplicativos que permitem que os computadores se comuniquem por todo o mundo. A internet, combinando tecnologias de computação e comunicação, torna o trabalho das pessoas mais fácil. Ela torna informações acessíveis mundialmente de forma instantânea e conveniente. Permite aos indivíduos e empresas de pequeno porte local obter exposição mundial. Ela está mudando a maneira como os negócios são feitos. As pessoas podem procurar os melhores preços em praticamente todos os produtos ou serviços. Comunidades de interesse especial podem permanecer em contato entre si. Os pesquisadores podem tornar-se instantaneamente cientes dos últimos avanços científicos (Deitel, P; Deitel, H., 2010, p.5).

E, já que se mencionou computador, aproveita-se para conceituá-lo, como “[...] um dispositivo que pode realizar cálculos e tomar decisões lógicas fenomenalmente mais rápido do que os seres humanos” (Deitel, P; Deitel, H., 2010, p.3). Eles podem, inclusive, realizar bilhões de cálculos em um único segundo ou, no caso dos supercomputadores, milhares de trilhões (quatrilhões) de instruções por segundo. Quanto à sua estrutura, é composto pelo *hardware*, parte física (teclado, *mouse*, tela, discos, memória, unidades de processamento, entre outros), e pelo *software*, programas que executam o próprio computador. Com a redução dos custos ao longo do tempo, os computadores pessoais ou *laptops* têm se tornado um bem de consumo bastante popular e necessário.

Há de se esclarecer que a tecnologia pode ser boa ou má, ou melhor, a sua utilização pode ser para uma finalidade positiva ou negativa, depende não só de quem a pensou, mas de quem detém o poder sobre ela. Trazendo para a literatura, tem-se uma interessante passagem que reflete bem esse pensamento:

Pelas costas de Winston, a voz da teletela seguia tagarelando sobre o ferro-gusa e o excedente produtivo do Nono Plano Trienal. A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer barulho que Winston fizesse, acima do nível de um sussurro muito baixo, era captado por ela; ademais, enquanto ele permanecesse no campo de visão alcançado pela placa metálica, seria visto e também ouvido. Obviamente, não havia como saber se você estava sendo observado em dado momento nem com frequência, ou por qual sistema, pois a Polícia do Pensamento se conectava a um cabo específico. Era provável que eles observassem todas as pessoas o tempo todo, já que poderiam se conectar a seu cabo quando quisessem. Você era obrigado a viver (e realmente vivia, pois o hábito se tornara instinto) supondo que cada ruído que fizesse seria ouvido, e todo movimento, rastreado, menos na escuridão (Orwell, 2021a).

O autor de *1984* suscita uma importante reflexão sobre como o avanço da tecnologia pode servir como uma espécie de aprisionamento do ser humano. Esta é apenas umas das desvantajosas consequências de sua má utilização, pois é certo que a aparelhos de TV, por exemplo, não tinham como finalidade inicial a transmissão de atos transgressores, mas sim o entretenimento.

De posse dessas informações, ficará mais fácil entender como as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) vêm “[...] transformando a forma como nos relacionamos uns com os outros e com o conhecimento” (Almeida; Vieira; Amorim, 2020, p.103). No que concerne ao processo de ensino e de aprendizagem de línguas e literaturas estrangeiras, foco dessa pesquisa, tem-se que:

O avanço das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) e sua articulação com o ensino e línguas têm apontado inúmeros caminhos para o desenvolvimento de novas práticas que empoderam tanto docentes quanto discentes. A crise sanitária global vivida ao longo de 2020 veio a acentuar ainda mais a necessidade de pensarmos o uso produtivo das TDIC a favor do ensino e da aprendizagem (Mayrink; Albuquerque-Costa, 2021, p.17).

Viver num mundo indubitavelmente tecnológico e encontrar na sala de aula práticas ainda muito ultrapassadas de trocas e/ou transmissão de conhecimentos é algo que deve gerar, no mínimo, uma reflexão. Não que se deva abolir por completo um modelo ou outro de exposição de conteúdo; nem que os professores terão agora que se utilizar de artefatos tecnológicos como se fossem varinhas de condão que, quando acionadas, farão a magia de fazer o outro aprender instantaneamente; mas, sobretudo, para não frustrar o aluno que vive dividido entre dois mundos, o real e o virtual, e que encontra nas aulas notadamente tradicionais um ambiente completamente inóspito.

Da mesma forma, como a internet potencializou o acesso às informações e à comunicação, a escola também precisa integrar-se a esse novo universo digital. Para que isso ocorra, ela precisa investir em infraestrutura, a começar pela instalação de uma internet de qualidade e amplo alcance, rede wifi, salas multimídias, computadores, projetores, quadro digitais, entre outros (Kenski, 2003).

Na seção seguinte, o foco será a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) para o ensino de língua e literatura estrangeira, notadamente a inglesa, e sua relação com a formação docente.

#### **4.1 Fantasma do natal presente: refletindo a prática docente em meio às tecnologias digitais de informação e comunicação**

Os fantasmas de Dickens (2019) tinham um objetivo único: evitar que o personagem principal, Ebenezer Scrooge, tivesse o mesmo fim trágico que seu amigo, Jacob Marley, qual seja, vagar a esmo depois de morto. Para isso, esses fantasmas representaram os natais passados,

presente e futuros de Scrooge e detiveram-se nessa viagem ao tempo para provocar uma reflexão no seu protagonista, demonstrando, ao fim, que a generosidade é sempre a melhor escolha. E o que isso tem a ver com tecnologias digitais e prática docente?

O ponto em comum é a palavra “reflexão”. Refletir no presente o que se fez no passado para melhor planejar o futuro. É isso. Parece simples, mas o temor é que se faça das ações diárias algo engessado e, portanto, impossível de ser mudado. Pode começar com uma simples repetição do dia anterior, que em seguida virará uma rotina. E, quando algo ou alguém tenta mudar qualquer coisa no seu habitual dia, aquilo pode ser visto como uma ameaça ou até mesmo um pesadelo. Quem consegue enxergar além, entretanto, poderá avaliar com mais racionalidade os prós e os contras que uma (ou mais) mudança(s) poderá (ão) causar.

No que tange à educação, não é diferente. A sociedade contemporânea tem enfrentado inúmeras transformações políticas, sociais, econômicas e tecnológicas e a escola é a instituição que mais sofre com essas mudanças, pois ao contrário do que acontece com as demais instituições, o processo de atualização ainda é muito lento, especialmente, quando se trata de incluir tecnologias mais modernas no dia a dia escolar (Almeida; Vieira; Amorim, 2020). Quando a escola é pública, o desafio é ainda maior, pois em virtude de os trâmites de repasses de verbas demorarem mais, as tecnologias já chegam com um certo atraso ou mesmo ultrapassadas.

Não se trata aqui de equipar a escola com os aparatos tecnológicos mais modernos e internet, mas sim de se refletir sobre a possibilidade dessa utilização no cotidiano escolar, aproveitando, inclusive, os aparelhos que já se encontram em sala, como *smartphones*, *ipods*, *tablets* etc. e que já são bem familiares para os alunos e, infelizmente, com limitado uso pedagógico por alguns educadores que ainda os temem.

No atual contexto educacional, a parceria das escolas com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação pode “[...] levar o aluno a desenvolver habilidades pedagógicas digitais para a aprendizagem, além de saber refletir e argumentar” (Mayrink; Albuquerque-Costa, 2021, p.26). Afinal, não cabe mais pensar a escola como o berço universal do conhecimento e o professor como o super detentor do saber. Isso, muitas vezes, acaba por distanciar ainda mais essa relação professor-aluno.

Além disso, “[...] observamos quão comum ainda é nos depararmos com alunos em formação e mesmo com professores em serviço, que sentem dificuldades em lidar com as TDIC, tanto para usos pedagógicos, como para usos pessoais” (Mayrink; Albuquerque-Costa, 2021, p.22). Essa constatação ficou evidente no período da pandemia de COVID-19, inclusive para esta pesquisadora que vivenciou tal experiência durante as aulas síncronas, ao perceber que



alguns docentes tinham uma certa dificuldade em lidar com a tecnologia, ao mesmo tempo em que observou que muitos discentes não conseguiam fazer *downloads/uploads* de atividades ou convertê-las em pdf, tarefas consideradas simples no meio acadêmico.

A ideia que os professores tinham era de que essa geração mais jovem já dominava as mídias digitais, mas o que se percebeu é que eles também têm muita dificuldade nessa interação e parte do que aprenderam foi de forma robotizada e baseada na utilização do dia a dia, nos ensinamentos dos colegas e dos familiares e, principalmente, por meio de tentativa-erro. Poucos aprofundam esse conhecimento ou buscam ir além das redes sociais, “[...] ferramentas de modelagem para o funcionamento estrutural (global) de um conjunto social a partir das interações locais” (Araújo; Leffa, 2016, p.38).

Vale destacar que *sites* e aplicativos, como o extinto e pioneiro *Orkut*, o *Facebook*, o *Instagram*, o *WhatsApp*, o *LinkedIn*, entre outros, funcionam apenas como suporte para as redes sociais, pois quem as constitui são seus usuários. Afinal, cabe a essas plataformas fazer o elo ou a captação de pessoas com interesses em comum e, assim, “Eles podem apresentá-las, auxiliar e percebê-las, mas é importante salientar que são, em si, apenas sistemas” (Recuero, 2009, p.103).

Voltando para as reflexões que todo docente deve ter sobre a sua prática, especialmente, quanto à utilização de tecnologias digitais, após as considerações feitas acima, percebe-se a relevância que tem a inclusão dessas tecnologias no cotidiano da escola, pois é lá que se tem como missão não só o desenvolvimento intelectual do aluno, mas também a sua socialização e preparação para a vida. Almeida, Vieira e Amorim (2020, p.20) afirmam que:

Por meio da reflexão temos a possibilidade de ver a nossa prática de forma mais rigorosa com um olhar e uma curiosidade epistemológicas. O nosso olhar sobre a nossa prática deixa de ser infantil e passa a ser maduro e científico. Refletir sobre a nossa prática como elemento indissociável da prática pedagógica poderá proporcionar a nós, professores, oportunidades para o nosso desenvolvimento e emancipação profissional.

Dessa forma, ao repensar a própria prática pedagógica, o professor poderá avaliar se os métodos, técnicas e instrumentos utilizados alcançaram os objetivos esperados e se poderão ser mantidos ou substituídos. O ideal, portanto, é que essa avaliação repercuta em sua prática e não fique apenas na reflexão e que o conhecimento difundido na escola esteja em consonância com a vivência dos alunos. Caso contrário, não terá sentido incluir um determinado assunto na grade curricular do aluno que, na verdade, não lhe servirá para nada.

Por esse motivo, é tão importante o investimento pessoal e, principalmente, institucional em formação continuada de professores. Francisco Imbernón (2011, p.15), sobre esse assunto, acrescenta que essa formação vai “[...] abrir caminho para uma verdadeira autonomia profissional compartilhada, já que a profissão docente deve compartilhar o conhecimento com o contexto”.

Em outras palavras, Imbernón (2011) chama a atenção para o fato de que não basta apenas estar atualizado em relação ao conhecimento científico, didático ou pedagógico. É necessário se criar espaços de reflexão, participação e formação para que as pessoas aprendam a conviver com a incerteza e com as mudanças, possibilitando, assim, a inovação no contexto educacional. É necessário ainda que esse profissional tenha tempo e oportunidade de se familiarizar com as novas tecnologias, suas possibilidades e limites para que possa fazer escolhas de modo consciente e adequado a cada tipo de conhecimento e complexidade no tempo devido (Kenski, 2003).

Os alunos, por sua vez, vivem envoltos com tecnologias diversas, mas ainda é pouca a sua utilização para tarefas pedagógicas. Sabe-se que essa “[...] utilização constante dos aparelhos digitais tem modificado a maneira como as pessoas leem, escrevem e se comunicam, realizam compras, fazem transações bancárias, etc e, da mesma forma, tem modificado o modo como os alunos aprendem e lidam com a obtenção de conhecimento” (Almeida; Vieira; Amorim, 2020, p.30).

E é justamente a falta desse ajuste entre escola e realidade vivenciada pelos seus atores que os índices brasileiros das escolas têm sido cada vez mais preocupantes, em que se observa “[...] alunos que terminam a educação básica com graves problemas de aprendizagem, expansão de um número cada vez mais crescente de analfabetos, de analfabetos funcionais e de baixas taxas de escolaridade, dentre outras questões” (Mayrink; Albuquerque-Costa, 2021, p. 26-27).

É necessário, pois uma articulação conjunta entre o suporte, representado pelo computador; o meio, conexão com uma internet de qualidade; e os mediadores, formação de professores, para assim favorecer o processo de ensino e de aprendizagem que esteja alinhado com o atual contexto sócio-histórico e cultural dos envolvidos.

Sabendo-se que boa parte dos alunos já trazem consigo um conteúdo razoável acerca das tecnologias digitais de informação e comunicação, resta ao professor estabelecer uma ligação entre o conteúdo didático e essas tecnologias para que a aula seja ainda mais prazerosa e interessante, tanto para os alunos, como para ele, o professor. Dado esse motivo, é necessário que ele tenha obtido formação em letramento digital no seu curso de formação inicial para

melhor preparar esse planejamento e, obviamente, que continue se atualizando. Afinal, a educação é um processo que exige continuidade.

Quando se fala em letramento digital, pensa-se naqueles que adquirem um certo conhecimento de tecnologia digital, exercendo práticas de leitura e escrita na tela, ao invés de exclusivamente no papel. Conforme Almeida, Vieira e Amorim (2020, p.133), esse termo é utilizado para “expressar o domínio de novas habilidades que nos permitam interagir e produzir significado no meio digital”.

Almeida, Vieira e Amorim (2020, p. 269) entendem que:

[...] se aliadas às mudanças de valores, ideias, conteúdos, atitudes e estratégias tem-se nas TDIC muitas possibilidades, pois podemos utilizar o poder da linguagem digital, a capacidade de convergência de diferentes mídias, de trabalho em rede, de *feedback* instantâneo, gamificação, mobilidade, flexibilidade e interatividade a favor de uma aprendizagem

Assim, estando os alunos em contato com textos que traduzem bem a sua forma de pensar e agir, por meio de tecnologias que lhes são familiares, há de haver, certamente, com essa identificação, uma motivação a mais para se obter prazer com as leituras. Como exemplo, pode-se sugerir que após a leitura de um determinado texto, os alunos tenham que acessar uma certa plataforma e, a partir de perguntas sobre aquele assunto, portas poderão ser abertas com base nas respostas. Assim, sentindo-se desafiado ou mesmo curioso para chegar até a última etapa, o aluno será capaz de ter um entendimento mais aprofundado daquilo que foi proposto.

Percebe-se que “A interação por meio de redes sociais e aplicativos de conversas em nossas atividades pessoais e profissionais cotidianas tem oferecido inúmeras oportunidades de investigação sobre os possíveis usos desses ambientes como espaços de aprendizagem de línguas” (Mayrink; Albuquerque-Costa, 2021, p.147) e suas literaturas. Afinal, já é possível disponibilizar nesses ambientes vídeos, *links*, imagens, textos, *Tiktoks*, *shorts* e obras completas sobre o que se desejar.

As práticas que envolvem troca, interação e participação por meio da linguagem, falada e escrita, permitem que seja possível o entrelaçamento dos fios das relações sociais, culturais, da organização do trabalho, da construção e reconstrução das relações interpessoais. Logo, também são importantes pontos de contato com a aprendizagem de língua e de literatura, nacional e estrangeira, e as redes sociais *online* (Mayrink; Albuquerque-Costa, 2021). Por isso, é tão importante o ato de repensar e renovar as atividades em sala de aula, conforme Almeida, Vieira e Amorim (2020, p.32):

Desse modo, a busca por formação (capacitação, qualificação, aperfeiçoamento) pode se constituir como um primeiro passo para a reconfiguração da prática pedagógica e se tornar um momento para o professor (re)pensar, (re)fletir, (re)avaliar, (re)considerar e (re)fazer seu agir em sala de aula tendo como objetivo o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem que considere o educando em todas as suas dimensões: educacional, pessoal e social.

Considerar o aluno nas três dimensões elencadas acima é, antes de tudo, um ato de respeito a ele, que deva ser entendido como um indivíduo que já traz consigo uma bagagem cultural, sentimental e de conhecimento. Ele não apenas está no mundo, mas interage com ele, por meio de pessoas, pensamentos e subjetividades. Ignorar esses aspectos e tratá-lo como uma folha em branco em que se digita um comando qualquer e se exige dele o que se bem entende pode ser considerado desumano. Como analogia, pode-se dizer que ele vive no mundo colorido da tecnologia, mas muitas vezes ele entra na sala de aula e parece voltar no tempo ao enxergar tudo em preto e branco.

No tópico seguinte, serão apresentados alguns recursos digitais e suas possibilidades pedagógicas, especialmente, ao dar acesso a esse mundo mágico literário por meio de uma viagem no tempo e no espaço.

#### **4.2 O fantasma do futuro quebrando as barreiras de tempo e de espaço**

Viajar no tempo e no espaço, conforme apresentado até aqui, é uma das consequências a que todo leitor se submete ao mergulhar no mundo mágico literário. Em uma fração de segundos, sentimentos como desprezo, raiva, alegria, ansiedade e medo podem ser despertados como se o indivíduo estivesse numa outra dimensão, numa espécie de transe. Da mesma forma, a tecnologia e seus recursos parecem estar em sintonia com a literatura, pois compartilham desse importante poder de teletransporte.

Para exemplificar o que foi dito no parágrafo anterior, e já trazendo para a esfera da educação, tem-se alguns aplicativos e programas que foram desenvolvidos para o ambiente da aprendizagem, ou não, e que no período pandêmico foram amplamente utilizados, rompendo as barreiras físicas impostas pela Covid-19, em 2020, possibilitando que escolas não parassem e, portanto, que alunos não perdessem o ano letivo.

Dentre esses programas e aplicativos, destacam-se: *Google Sala de Aula (Google Classroom)*, *Teams*, plataforma *Moodle*, *Google Meet* e *WhatsApp*, sendo os três primeiros plataformas em que é possível interagir com os usuários, por meio da disponibilização de materiais, compartilhamento de vídeos, disponibilização de notas e recebimento de trabalhos;

enquanto os dois últimos não são específicos para o ambiente de aprendizagem, mas permitem o contato do grupo com o administrador e vice-versa, inclusive em tempo real, e com *feedback* instantâneo.

Tem-se aí o que se pode chamar de sala de aula expandida ou aumentada, pois mesmo que se tenha como modelo de aprendizagem o presencial, esse ambiente vai se expandindo aos poucos, por meio dos novos aparelhos de comunicação e interação, tornando essa conexão ainda mais eficiente e constante. As quatro paredes da sala de aula dão lugar a novos espaços oferecidos por essas tecnologias, seja nas gravações e edições de vídeos feitas em casa, seja nas publicações em redes sociais (Mayrink; Albuquerque-Costa, 2021).

Falou-se nos parágrafos anteriores desses novos espaços, mas e os novos tempos? Eles, segundo Mayrink e Albuquerque-Costa (2021), acompanham a chegada dos novos aparelhos, sobretudo o computador, à vida das pessoas. Então,

Com as TIC, esses tempos são novos tempos, dado que elas possibilitam que nos sincronizemos adequadamente com os tempos dos alunos, mais precisamente, de cada aluno, respeitando seus ritmos de trabalho, de aprendizagem e de progresso no processo de ensino/aprendizagem (Mayrink; Albuquerque-Costa, 2021, p.94).

Logo, não há como negar que se vive um momento notadamente tecnológico, em que se tem ampliadas as possibilidades de comunicação e informação, por meio de equipamentos, como telefone, tv e computador. Por meio da tv e do computador, pode-se tomar conhecimento de tudo o que está acontecendo no mundo: trânsito, previsão do tempo, filmes, livros e músicas, em tempo real. Pessoas em lugares completamente opostos podem se comunicar instantaneamente, mesmo estando em fusos horários bem diferentes. As pessoas passaram a ser tele/web dependentes e cabe a escola viabilizar-se como um espaço crítico em relação ao uso, à democratização e à apropriação dessas novas tecnologias.

Desse modo, essas novas tecnologias ajudaram a flexibilizar tanto os espaços quanto o tempo. É óbvio que isso tem consequências positivas e negativas. De uma forma bem generalizada, pode-se dizer que, positivamente, tem-se a ampliação dos espaços de aprendizagem, que pode ser tanto um espaço virtual e irreal, como as plataformas de *games*, de museus virtuais e o próprio metaverso (uma espécie de mundo paralelo que imita o mundo real), quanto físico que, apesar de reais, podem estar a quilômetros de distância entre si, unidos unicamente pela internet ou pelos dispositivos tecnológicos, de forma síncrona ou assíncrona. Negativamente, pode-se citar a diminuição de vínculos afetivos mais aprofundados, a pouca

disposição às atividades físicas, o aumento da ansiedade gerado pelas respostas quase que instantâneas, dentre outras.

Com esse entendimento, conforme anunciado no tópico anterior, serão sugeridos alguns recursos tecnológicos que poderão ajudar o docente na sua prática em sala de aula, desde que para isso ele tenha se preparado para tal, e suscite no aluno a curiosidade para ir além daquilo que lhe será apresentado. A ideia é que esses recursos sejam meios para se alcançar o conhecimento. A ordem em que serão aqui apresentados será puramente aleatória, mas coincide em sua maioria com a utilização que fora feita durante a aplicação desta pesquisa.

#### 4.2.1 *Mentimeter*

O *Mentimeter* (2023), de acordo com a própria apresentação constante no site, é uma plataforma interativa que permite apresentações das mais simples às mais complexas. Ele permite, por exemplo, a realização de enquetes que pode ocorrer concomitantemente a uma palestra on-line. Além disso, há a possibilidade da realização de *quizzes* divertidos e a formulação de perguntas e respostas informativas. No site, pode-se escolher, por meio de uma biblioteca virtual, alguns modelos para a apresentação de slides.

É utilizado tanto no campo da educação, mantendo os alunos constantemente envolvidos com a formação de nuvens de palavras, com perguntas desafiadoras e com a observação de *rankings*, quanto no trabalho, com reuniões e *workshops* mais interativos, inclusivos e divertidos, tornando os dois ambientes muito mais produtivos, participativos e, especialmente, leves.

No campo da literatura, pode-se aproveitar a ferramenta para criar nuvens de palavras com o assunto que mais chamou a atenção deles na obra ou ainda realizar uma espécie de jogo de perguntas e respostas sobre o texto estudado, comentando, principalmente, as respostas mais inusitadas dos alunos. Além disso, é possível desenvolver apresentações criativas, envolvendo os personagens ou as suas principais características.

#### 4.2.2 *Youtube*

O *Youtube* (2023), de acordo com a própria plataforma, é utilizado por milhões de pessoas que procuram informações, inspirações ou mesmo algo para diversão. A plataforma tem compromisso com a segurança e o conteúdo compartilhado entre seus usuários. Lá, as pessoas podem realizar cadastros e, a partir disso, compartilhar vídeos que podem variar dos

mais simples aos mais elaborados. O nome faz referência às palavras em inglês, *you*, que significa “você”, e *tube*, que era assim conhecido por conta de os aparelhos antigos possuírem tubos (tradução própria). De forma sucinta, o nome significa “Você na TV” (tradução própria), já que é possível compartilhar os próprios vídeos caseiros e publicá-los para atingir públicos maiores.

É considerado um dos mais conhecidos *sites* de compartilhamento de vídeos da internet, fundado em 2005 e comprado pelo *Google* em 2006. É também considerado uma ferramenta de pesquisa, em que se pode encontrar uma infinidade de conteúdos audiovisuais, como filmes, videoclipes, vídeos caseiros, programas convencionais de tv, entre outros (Góes; Lucírio, 2014), além de permitir que pessoas comuns aprendam a desempenhar tarefas minimamente complexas, por meio de vídeos explicativos postados por especialistas em seus canais. Isso reflete uma tendência de um movimento conhecido como “Faça você mesmo” ou, em inglês, *Do it yourself* (DIY), em que as pessoas faziam reparos caseiros com materiais que tinham em casa e sem recorrer à indústria ou a profissionais caros (Prado; 2011).

Pedagogicamente, esse ambiente virtual, se bem utilizado, pode servir como uma ótima ferramenta. Isso, porque pode auxiliar alunos que tenham dúvidas em determinados componentes curriculares ao assistirem a vídeos sobre os assuntos desejados e, ao mesmo tempo, pode ajudar professores a diversificarem seus recursos e até a publicarem suas próprias aulas. Há ainda a possibilidade de se deixar comentários (respeitosos, é claro) nessas publicações, de curtir-las e de compartilhá-las em diferentes redes sociais.

Como há a possibilidade de os alunos produzirem os seus próprios vídeos, o professor, no âmbito da Literatura, pode utilizar a plataforma para a divulgação de atividades desenvolvidas em sala de aula, como: pequenas encenações de livros que foram lidos conjuntamente ou, pelo menos, de alguns trechos deles; atuações teatrais de textos autorais, escritos ou reescritos a partir de temáticas previamente estudadas; apresentações de trabalhos, em geral, com ou sem exibição de slides; declamação de poemas; dentre outros.

#### 4.2.3 *WhatsApp*

Segundo informações constantes no site oficial (*Whatsapp*, 2023), o aplicativo fora inventado como uma possível alternativa ao SMS (*Short Message Service*), serviço de mensagens curtas (tradução própria) ou simplesmente mensagens de texto, como é popularmente conhecido. Além da troca de textos, esse produto incorporou outros suportes para

o envio e recebimento de variadas mídias, como: fotos, vídeos, áudios, localização e documentos e conta com uma criptografia de ponta a ponta para garantir a privacidade de seus usuários.

Ele foi fundado em 2009 por dois colegas de trabalho que atuaram juntos por 20 (vinte) anos no Yahoo, Jan Koum e Brian Acton. No princípio, foi desenvolvido apenas para iOS, sistema operacional exclusivo para os dispositivos *Apple*, e, somente no ano seguinte, foram desenvolvidas versões para os demais sistemas. Em 2014, foi associado ao *Facebook*, apesar de continuar a operar como um aplicativo separado e focado no serviço de possibilitar a troca de mensagens instantâneas e confiáveis entre usuários espalhados por todo o mundo, tornando a comunicação mais eficaz e sem barreiras (*WhatsApp*, 2023). Por meio do aplicativo, já é possível realizar chamadas de voz e/ou de vídeo, entre usuários ou grupos.

O nome do aplicativo é um trocadilho da expressão em inglês *What's up?* que nada mais é do que uma expressão coloquial que significa “E aí?”. Hoje, segundo a própria plataforma (*WhatsApp*, 2023), mais de 2.000.000.000 (dois bilhões) de pessoas em mais de 180 (cento e oitenta) países fazem uso desse meio para se conectar com amigos e familiares de qualquer local e em qualquer momento, além de ser gratuito e estar presente em áreas de baixa conectividade.

Outrossim, dada a popularização do *WhatsApp* verificada no parágrafo anterior, a sua utilização não se limita à comunicação entre familiares e amigos. Hoje, ele pode ser utilizado tanto no ramo dos negócios como no da educação, corroborando este último com os interesses desta pesquisa. Sobre isso, tem-se o exposto abaixo:

Desse modo, verifica-se a funcionalidade do aplicativo como ferramenta de interação, comunicação e para a prática da leitura, além de constituir-se como suporte para o envio de textos de diferentes formatos e gêneros, facilitando o compartilhamento de materiais didáticos pelo professor, tanto em sua forma presencial quanto remota (Bottentuit Junior; Baima; Costa; Coimbra, 2021, p.33746)

Assim, esse aplicativo pode vir a ser um grande aliado do professor, especialmente o de Língua e Literatura, pois por meio dele há a possibilidade de um estreitamento da relação professor-aluno e, conseqüentemente, de um maior entendimento dos gostos e preferências para uma melhor seleção de textos, obras literárias e outras mídias relacionadas ao assunto que se pretende abordar.

#### 4.2.4 *Google Forms*



Criar e compartilhar formulários e pesquisas on-line com análise das respostas em tempo real é o principal objetivo desse recurso. No momento da criação, pode-se optar por variadas formas de perguntas que podem ser objetivas, com ou sem textos, ou discursivas, com respostas curtas ou longas. Pode-se ordená-las, intercalá-las ou reordená-las com facilidade e ainda encadeá-las com determinadas respostas, se for o caso (*Google Forms*, 2023).

A plataforma também se preocupou com a estética dos documentos, sendo possível personalizar cores, imagens e fontes ou mesmo ajustar a aparência de modo a refletir as intenções que se deseja, seja para fazer referência a um determinado assunto que se esteja trabalhando, seja para reforçar o local da qual se faz parte (*Google Forms*, 2023). Isso tudo para deixar o ambiente muito mais leve e acolhedor.

Somado a isso, tem-se a benesse de acompanhar a atualização dos dados respondidos automaticamente, inclusive por meio de gráficos simples e coloridos. Há ainda a possibilidade de se restringir as pessoas que podem responder ao questionário, se somente as ligadas a uma determinada instituição, ou se qualquer pessoa, desde que esteja com um e-mail válido. Pode-se optar por enviar ou não uma cópia com as respostas para os e-mails cadastrados e, no caso das avaliações, indicar se os respondentes poderão editar suas respostas ou enviá-las uma única vez.

Como se percebe, são inúmeras as possibilidades que podem ser exploradas de modo a deixar as atividades ainda mais interessantes e com as características próprias de quem as criou ou para quem se criou. O público-alvo poderá responder aos questionários acessando-os com apenas um clique e no momento que se sentir mais confortável, dentro de uma janela de tempo estabelecida entre o professor e o grupo, é claro. Tudo isso faz com que os encontros, ultimamente tão reduzidos, possam ter um tempo ampliado, sem com isso perder a qualidade do que se visa propor.

#### 4.2.5 *Genially*

*Genially* (2023) se autodefine como uma ferramenta versátil, criada em 2015, na Espanha, para criar todo tipo de conteúdo e de modo fascinante. Tem como missão a criação de conteúdos visuais e interativos. Oferece 1001 (um mil e um) *templates* gratuitos para serem editados, conforme a necessidade do usuário. Pode ser utilizado para apresentações, *marketing*, infográficos, jogos, *quizzes*, imagens interativas, vídeos, formações, *e-learning*, currículos, brochuras digitais e como recurso pedagógico.

Dentre os recursos pedagógicos disponíveis na plataforma, cita-se: calendários escolares, horários acadêmicos, bingos educativos, sequências didáticas, *planners*, pôsteres, mapa-múndi tridimensional, cartões de apresentação ou *cards*, guia docente, galeria de fotos e/ou imagens, portfólios digitais com conteúdos didáticos, *flashcards* de perguntas e respostas, lousa animada, guias de leitura, materiais de reforço, obra-prima interativa, museu interativo, mulheres de livro e uma série de jogos (Genially, 2023).

Resumindo: é uma plataforma em que se pode mergulhar num mundo digital e interagir com pessoas, conteúdos, lugares, sons e imagens. É possível criar, por exemplo, um *escape room*, ou seja, uma sala em que os competidores estão presos e só saem se conseguirem desvendar os enigmas. Alguns modelos já aparecem prontos, carecendo apenas de alimentação por parte de seu criador com as perguntas e suas respectivas respostas.

Além disso, os alunos de Literatura, por exemplo, podem aproveitar para fazer um passeio virtual e conhecer mais sobre seus autores e obras favoritos. Dá para visitar espaços e fazer comparações com obras que tratam do mesmo assunto em tempos diferentes ou quem sabe até se estimular com os passeios aos museus e às cidades e escrever a sua própria história de ficção, colocando-se como personagem a partir das experiências vivenciadas nesse mundo digital.

#### 4.2.6 Canva

Essa plataforma on-line de *design* e comunicação visual foi lançada em 2013, com mais de 100.000.000 (cem milhões) de usuários mensais ativos e mais de 13.000.000.000 (treze bilhões) de *designs* criados. Está presente em 190 (cento e noventa) países, em mais de 100 (cem) idiomas, e tem como missão colocar a possibilidade de criação ao alcance de todas as pessoas do mundo, para que elas possam publicar seus próprios *designs* e publicar onde quer que queiram (Canva, 2023).

A empresa também é vencedora de importantes prêmios, como: Acessibilidade, em 2022, *Smarting*, na *Global Ready Conference*; *Disruptor 50* da CNBC em 2022; Empresas mais inovadoras, *Fast Company*, 2022; *Apple App, Connection*, em 2021; *Good Design Award*, 2020, Canva Vídeo. Além disso, seus desenvolvedores são livres para adicionares recursos à plataforma, integrando ferramentas de terceiros e criando uma experiência mais personalizável (Canva, 2023).

Por meio do *Canva* (2023), é possível criar cartazes, cartões de visita, convites, etiquetas, *flyers*, currículos, cardápios e vídeos editáveis. Para a educação, é capaz de inspirar

professores e motivar alunos ao personalizar planos de aula, infográficos, cartazes, relatórios, gráficos, ilustrações, animações, vídeos, GIFs (*Graphics Interchange Format* – Formato de Intercâmbio Gráfico – tradução própria), faixas de música e muito mais. Sem falar que mesmo os seus recursos pró (disponíveis apenas para assinantes) podem ser disponibilizados gratuitamente e de maneira simples a professores e alunos de escolas elegíveis, democratizando ainda mais o seu acesso.

Ainda no campo da educação, é possível, com essa ferramenta, aumentar o engajamento com conteúdo original, dar *feedback* significativo em tempo real, ajudar os alunos a desenvolverem habilidades, demonstrando aprendizado em diferentes formatos e a trabalharem em grupos, de forma colaborativa. O *Canva para a Educação* pode ser integrado com outras ferramentas educativas, como: *BlackBoard*, *Google Classroom*, *Moodle*, *Teams*, entre outros. Essa versão também permite a edição de PDFs (*Portable Document Format* – Formato Portátil de Documento – tradução própria) de forma on-line e gratuita (Canva, 2023).

No campo da Literatura, é excelente para desenvolver a autonomia dos alunos, pois eles podem explorar a obra que desejarem e apresentá-la da maneira que melhor lhes convier. Em outras palavras, podem criar cartazes, *slides*, vídeos, *cards* e ainda postarem em suas próprias redes sociais, se assim o desejarem, já que, como explicado acima, a plataforma permite essa parceria. Assim, o aprendizado pode se tornar ainda mais participativo e prazeroso, extrapolando os limites da sala de aula e conquistando novos adeptos.

#### 4.2.7 Padlet

Aqui se tem um *software* utilizado pelas pessoas para criar e partilhar conteúdos com outras pessoas. É suportado em mais de 40 (quarenta) línguas e se situa entre um documento e uma espécie de construtor de *sites*, criando conteúdos diversos que variam entre um rápido quadro de avisos a um *blog* ou portfólio. Dentre as suas principais características, destacam-se: fácil, intuitivo, inclusivo, colaborativo, flexível, portátil, bonito, privado e seguro (Sese, 2023).

De uma forma bem resumida, pode-se dizer que o *Padlet* (2023) é uma espécie de mural virtual, tem mais de 119 (cento e dezenove) papéis de parede e ainda permite que o usuário carregue o seu próprio, em que se pode postar fotos, áudios, vídeos, *slides*, textos ou *post-its*, de uma forma bem descontraída e colorida. O melhor de tudo é que se pode permitir a adição de curtidas e comentários, além de monitorar quem pode ou não fazer postagens, o que seria uma inovação em relação aos *sites* tradicionais, em que somente o seu criador pode construir ou moldar a plataforma.

Para a educação, ou mais precisamente para a Literatura, esses quadros visuais em que se pode organizar e compartilhar conteúdos são ferramentas riquíssimas. Isso, porque o aluno não só ganha autonomia para criar e gerenciar seus próprios conteúdos, como também pode apreciar as postagens criadas pelos colegas, permitindo a abertura para um olhar mais próximo do deles.

Logo, pode-se criar uma temática, uma escola literária, por exemplo, publicar toda a espécie de material para ajudar no entendimento, passar atividades ou mesmo pedir que os alunos postem o que encontrarem para dar corpo à página que é única e exclusiva daquele grupo. O melhor de tudo é que dá para postar e interagir com a página em tempo real, desde que se tenha internet, e utilizar a aula para visualizar e comentar o *padlet* criado, podendo, inclusive, fazer novas alterações.

Em relação à apresentação, pode-se fazê-lo também por meio de compartilhamento de *link* ou *QR Code*, incorporá-lo em qualquer lugar ou exportá-lo para PDF. Assim como o contrário também acontece: a plataforma recebe publicações advindas de sites e redes sociais, como *Youtube*, *Instagram*, *Twitter* etc. É uma variedade de possibilidades que só ampliam o desejo de ensinar e aprender.

#### 4.2.8 *Plickers*

De acordo com o *site* oficial (*Plickers*, 2023), é uma ferramenta educacional, acessível e gratuita. É utilizada por milhões de professores no mundo inteiro como uma forma de avaliação em que as respostas dos alunos são coletadas instantaneamente, em sala de aula. Por ser a acessibilidade a sua prioridade, ela acaba sendo perfeita para ambientes educacionais, especialmente, para as escolas de ensino público, em que somente os professores têm acesso à internet de qualidade e à tecnologia como um todo.

Os alunos recebem cartões personalizados e que foram pré-impressos pelo professor da disciplina. Nenhum deles é igual ao outro. Cada um dos lados do cartão corresponde a uma letra que varia de “a” à “d”. Os alunos, após serem perguntados, fornecerão as suas respostas segurando seus cartões e orientando-os para corresponder à letra almejada. O professor, por meio do aplicativo móvel, digitalizará as respostas apontando o seu dispositivo para os cartões de cada aluno. As respostas coletadas serão instantaneamente reveladas e, caso seja de interesse dele e da turma, poderá projetá-las para todos, comentar índices de acertos e de erros e discorrer sobre aqueles assuntos mais ou menos compreendidos.

Fica evidente que o trabalho do professor começa bem antes da aula. Isso ocorre, porque ele precisa entrar na plataforma, adicionar listas de alunos e atribuir um número para cada um. Feito isso, precisará montar sua biblioteca de questões de múltipla escolha que será exibida no momento da aula. Após a finalização daquela sessão, os resultados ficam armazenados em forma de relatórios e planilhas de pontuação que poderão ser usados para acompanhar o desempenho individual e coletivo de seus alunos.

Para o estudante de Literatura, pode ser utilizado para reforçar o aprendizado de conteúdos literários, como a leitura de livros e poemas, o estudo de autores e épocas e o entendimento de conceitos importantes. Às perguntas, podem ser adicionadas imagens, como capas ou trechos de obras relevantes, de lugares ou de poetas de uma determinada geração, tornando o aprendizado mais divertido e significativo.

Pode-se dizer, tendo por base a experiência da autora desta pesquisa, que esse aplicativo exerce um verdadeiro fascínio nos alunos, pois quando começam a ver suas respostas computadas em tempo real e exibidas no telão, sentem-se parte de todo aquele processo e começam a brincar, a dar risadas, a comentar suas próprias respostas e a dos colegas e a se instigarem durante as perguntas, transformando a sala de aula numa sala de diversões em que se aprende brincando.

#### 4.2.9 Instagram

Esse talvez seja o queridinho de todos e tem como foco a criação e o compartilhamento de conteúdos com amigos. É possível publicar momentos do dia a dia nos *Stories*, iniciar uma conversa com o *Messenger*, criar imagens, inclusive com filtros, exibir vídeos, fazer apresentações ao vivo (*lives*), navegar pelas últimas tendências de marcas e criadores favoritos, fazer compras, anunciar produtos, criar ou participar de comunidades com interesses afins e explorar o que há de novo com recursos que estão em constante evolução (Instagram, 2023).

Lá também é possível curtir e comentar os diversos tipos de postagens e ainda fazer chamadas telefônicas de voz ou de vídeo, sem falar no envio de arquivos diversos e na troca de mensagens de texto ou de áudio de forma privada. É uma gama de possibilidades e, por isso, tem se tornado cada vez mais popular, pois, segundo o próprio *Instagram* (2023), a plataforma já conta com mais de 1.000.000.000 (um bilhão) de usuários.

Para a educação, pode ser utilizada para divulgar trabalhos, eventos e experiências escolares, vídeos educativos e para a produção de aulas ao vivo. Essas aulas podem ficar registradas na página do seu criador pelo período que ele desejar. É possível criar contas

gratuitas para as instituições de ensino como forma de dar amplitude ao trabalho produzido e realizado pela comunidade acadêmica.

Em relação à Literatura, os alunos podem divulgar em tempo real, ou não, postagens sobre os livros que estão lendo; criar comunidades para debates; dar dicas sobre as obras mais lidas numa determinada semana; indicar leituras de autores desconhecidos, porém interessantes; postar memes envolvendo o dia a dia das pessoas que gostam de ler determinados gêneros; e exibir suas próprias produções, como a declamação de um poema próprio ou a composição de uma música e sua apresentação com acompanhamento de voz e violão, por exemplo.

#### 4.2.10 *Podcast*

Góes e Lucírio (2014), de forma simples, o definem como um arquivo de áudio transmitido pela internet. Dizem ainda que seu nome surgiu da combinação da palavra *iPod* (aparelho da Apple que toca mp3) com *broadcast* (transmissão por rádio) em 2004. Esse tipo de arquivo pode ser acessado por computadores, *tablets* e *smartphones*. Qualquer pessoa pode utilizá-lo para criar seu próprio conteúdo que pode variar de música à informação e transmiti-lo em qualquer plataforma ou rede social que desejar.

Para a educação ou, mais precisamente, para a Literatura, pode ser utilizado tanto por professores como por alunos, configurando uma aprendizagem auditiva e inclusiva, pois possibilita que pessoas com baixa ou nenhuma visão tenham acesso às obras ainda não disponibilizadas em braile, por exemplo. Os educadores podem indicar alguns canais com as temáticas mais alinhadas ao conteúdo proposto e pedir para que os alunos apresentem trabalhos nesse formato. Os discentes poderão criar seus próprios *podcasts*, convidar especialistas e debater de forma muito bem-humorada e descontraída as obras literárias de seu interesse. É bem prazeroso para quem ama leitura, mas não tem tido muito tempo para conhecer os clássicos e o que está no mercado

#### 4.2.11 *Wattpad*

De acordo com as informações contidas no site oficial (*Wattpad*, 2023), é a maior comunidade mundial de pessoas que são contadoras de histórias, cerca de 97.000.000 (noventa e sete milhões) e que democratizou a narrativa, especialmente, para escritores da geração Z, indivíduos nascidos entre 1990 e 2010, e seus fãs. Lá tem mais de 50 (cinquenta) recursos de escrita para os novos talentos, inclusive o compartilhamento da própria voz. É possível, aos

poucos, construir a própria base de fãs e, quem sabe, ter a sua história publicada ou mesmo adaptada para o cinema ou televisão. Para isso, tem que participar dos concursos de redação, ganhar prêmios e fazer parcerias. As melhores histórias são reconhecidas pelo programa anual de premiação, *The Wattys*.

A importância desse recurso para os alunos de Literatura dispensa comentários. Afinal, os alunos podem ler, escrever e interagir com outros autores, de forma direta, na língua que desejarem, sugerir roteiros, comentá-los, publicá-los e serem autores de suas próprias histórias, reforçando a sua autonomia e a sua criatividade e incentivando outros colegas a fazerem o mesmo. Além disso, esses jovens desenvolverão o seu poder de abstração e de interpretação e poderão escrever cada vez mais e melhor. Se levado para a sala de aula, poderá ser um ótimo aliado do professor.

#### 4.2.12 *Kindle*

Segundo informações do site oficial (*Amazon Kindle, 2023*), é uma plataforma virtual em que se pode procurar e comprar livros, revistas e quadrinhos e levar todas essas histórias para qualquer lugar, bastando para isso fazer um cadastro e acessar o conteúdo que quiser pelo dispositivo que desejar: computadores, *tablets*, *smartphones* e pelo próprio *kindle* que, além de software, também é *hardware*.

Com ele (*Amazon Kindle, 2023*), a leitura pode ser projetada para todos os tipos de leitores, atendendo às necessidades e às preferências de cada indivíduo, tanto no que se refere aos ajustes de tamanho, fonte, *layout*, margens, cor de fundo, como no destaque de trechos e na criação de notas. É possível pesquisar por palavras, frases, nomes, notas e ainda ver a definição de vocábulos desconhecidos em dicionários conceituados, bastando para isso pressionar e segurar a palavra que deseja conhecer.

Em outras palavras é um leitor de livro digital ou *e-book reader*. Uma característica importante é a portabilidade, já que basta ter acesso à internet para baixar os livros de sua preferência para a sua conta e, uma vez na sua biblioteca, poderá lê-los, mesmo que esteja off-line. Vale lembrar que os livros digitais são sempre mais baratos que os físicos e por vezes são gratuitos. Também há a possibilidade de se guardar textos da faculdade ou do trabalho no aplicativo.

Em relação ao seu dispositivo físico, existem versões diferentes que combinam leveza, simplicidade, telas antirreflexo, luz embutida e ajustável, modo noturno, bateria com duração estendida, memória com capacidade para armazenar milhares de livros, além de ser ideal para

aqueles que não suportam distrações, como a chegada de mensagens, ligações, *e-mails*. A tecnologia é pensada para que a tela se assemelhe a uma folha de papel e para minimizar interrupções durante a leitura.

Para os alunos de Literatura, é ideal para quem quer começar a enveredar pelo mágico literário, não fossem os preços tanto do dispositivo físico quanto de algumas obras importantes. Então, para se ter certeza de que essa combinação entre tecnologia e Literatura funciona mesmo, ou não, alguns desses recursos tecnológicos foram investigados *in loco*, com alunos do 2º ano do ensino médio, durante as aulas de língua inglesa, no Centro de Ensino Manoel Beckman, em São Luís-MA, como se verá no capítulo seguinte.



## 5 ENTRE PERGUNTAS E DÚVIDAS, NASCE UMA PESQUISA

Com o advento da inteligência artificial, entendida como uma série de dispositivos e de programas computacionais que reproduzem padrões de comportamento semelhantes ao humano (Guitarrara, 2023), esse mundo tão diverso e repleto de assistentes virtuais, como a *Alexa*, o *Google Nest*, a *Siri*, tem feito com que professores e especialistas em educação como um todo se questionassem a respeito das práticas pedagógicas adotadas pelas escolas e de como aliar a tecnologia à sala de aula, sem, contudo, desconsiderar as relações humanas que são tão importantes para a formação ética, moral, cidadã e afetiva dos indivíduos.

Pensando nisso, considerando a importância de se dar autonomia aos alunos, respeitando as suas individualidades e os seus gostos, é que se pensou iniciar essa pesquisa fazendo uma aliança entre o mundo colorido da tecnologia e o universo mágico da literatura, em especial, a de língua inglesa, foco desse trabalho, durante as aulas de língua estrangeira. A autonomia foi aqui buscada, especialmente, por meio do uso de metodologias ativas que, segundo Bacich e Moran (2018), nada mais são do que práticas pedagógicas em que o aluno assume uma postura mais participativa, em que resolve problemas, desenvolve projetos e constrói seu próprio conhecimento, como uma forma alternativa ao ensino tradicional. Como exemplo, tem-se a sala de aula invertida (*flipped classroom*), em que, ainda segundo os autores acima, os alunos adquirem os conteúdos e as instruções em casa ou de forma on-line, reservando a sala de aula para a parte prática: resolução, aplicação e discussão de problemas e projetos.

Em relação ao gosto dos alunos, vale acrescentar o pensamento de um dos maiores sociólogos do século XX, Pierre Bourdieu (Ortiz, 1983), entendendo, sucintamente, que o gosto de cada indivíduo depende de sua socialização, ou seja, de sua relação com a família, escola, comunidade em que mora ou trabalha, entre outros. Esse processo de formação de gosto, ou capital cultural incorporado, seria uma predisposição que cada pessoa teria para gostar ou não de determinados elementos culturais, como filmes, músicas e livros. Isso, entretanto, não quer dizer que todos vão acompanhar o gosto daqueles que estão à sua volta, mas que essa relação acaba por influenciá-lo em algum momento.

Por esse motivo, o respeito ao gosto individual deve sempre prevalecer, porque cada ser humano carrega em si toda uma cultura que não pode e nem deve ser posta de lado ou simplesmente ser suplantada por outras que se dizem mais importantes. Daí também a importância da literatura ao fazer com que indivíduos com gostos e comportamentos semelhantes se reconheçam e se complementem ou ainda que pessoas totalmente diferentes abram as suas mentes para algo novo, mágico e por vezes entristecedor e revoltante. A literatura

abre portas e precisa da tecnologia, especialmente, da digital, para chegar às casas de muitas pessoas que foram privadas de uma educação de qualidade, além de terem tido suas imagens associadas injustificadamente a comportamentos indesejados e humilhantes.

Assim, até o momento, foram apresentados alguns recursos digitais que são de fácil acesso tanto para professores quanto para alunos. Existem muitos outros, porém dado o tempo estimado para a pesquisa, optou-se pelos já apresentados. Dessa forma, como já explicado anteriormente, a pesquisa será iniciada como o objetivo de investigar se a utilização dessas mídias poderá influenciar o estudo de literatura em língua inglesa pelos alunos do 2º ano do ensino médio de língua estrangeira de uma escola pública de ensino médio em São Luís-MA, o Centro de Ensino Manoel Beckman, que será melhor apresentada no tópico seguinte.

### **5.1 A escola “Centro de Ensino Manoel Beckman”**

A escola fruto desta pesquisa está localizada numa área urbana do município de São Luís, estado do Maranhão, no Conjunto Bequimão, considerado um dos bairros mais populosos de São Luís, 18.442 (dezoito mil e quatrocentos e quarenta e dois) habitantes, ficando atrás do Anjo da Guarda, São Francisco, Vila Embratel, Coroadinho e Bairro de Fátima, segundo dados coletados em 1996 pela Fundação Nacional de Saúde, constantes no site da Prefeitura Municipal de São Luís (2023).

De acordo com informações do QEdU (2023), organização que, dentre outras funções, utiliza-se de tecnologias inovadoras para facilitar o acesso a dados educacionais, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Censo Escolar que são fornecidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), a escola alcançou nota 4,3 (quatro vírgula três) no IDEB de 2021 para o ensino médio. Em relação às matrículas, realizou 629 (seiscentos e vinte nove) no ano de 2022, sendo 570 (quinhentas e setenta) somente para o ensino médio, 59 (cinquenta e nove) para os anos finais do fundamental, 73 (setenta e três) para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e 22 para a Educação Especial, segundo os dados do Censo Escolar 2022.

Ainda segundo a plataforma QEdU (2023), no ENEM 2019, a escola obteve 506 (quinhentos e seis) pontos de média geral, excluindo redação, e, nesta última, atingiu 620 (seiscentos e vinte) pontos, tendo contado com a participação de 78% (setenta e oito por cento) dos seus alunos aptos para fazer o exame. Quanto ao SAEB 2019, 25% (vinte e cinco por cento) das mães dos alunos possuem ensino superior, 37% (trinta e sete por cento) dos pais costumam

conversar sobre o que acontece na escola e 30% (trinta por cento) dos alunos costumam ler livros que não são das matérias estudadas. Sejam as figuras 1 e 2 imagens da escola que acabou de passar por uma reforma:

**Figura 1- Fachada da Escola**



Fonte: de autoria própria

**Figura 2- Jardim e Corredores da Escola**



Fonte: de autoria própria

Já em relação à infraestrutura, a gestora geral informou que a escola conta com acessibilidade limitada (somente rampas) em todas as suas dependências, com bebedouros (água filtrada) e lanche gratuito com verbas para essa finalidade. Há, ainda, um laboratório de Informática; duas salas multimídia; uma sala de Inglês; um laboratório de Ciências; um laboratório de Arte; uma sala de leitura (temporariamente desativada); uma biblioteca; uma arena de *beach soccer* para treinos esportivos; um pátio forrado que é utilizado para as manifestações culturais, servindo também como área de lazer e/ou espaço para prática de atividade física; 14 (catorze) salas de aula climatizadas; uma sala multifuncional; uma cozinha ampla; um total de 11 (onze) banheiros; jardins; câmeras de vigilância na entrada principal, nas salas e nos corredores; secretaria; sala da direção; sala de supervisão.

## 5.2 Os participantes da pesquisa

Inicialmente, a pesquisadora foi recebida pela gestora geral e pelo gestor adjunto do turno diurno, momento esse em que as primeiras informações sobre o quadro de professores, horários escolares, distribuição de disciplinas e carga horária foram coletados, assim como o contato dos professores de língua inglesa. A direção da escola é composta por uma gestora geral e dois adjuntos, sendo um deles exclusivo para o turno diurno e o outro para o noturno e os seus nomes serão aqui preservados por questões éticas. Segundo dados do Censo Escolar 2022, constantes no QEdU (2023), a escola possui uma média de 50 (cinquenta) professores, sendo todos com ensino superior.

Em relação à quantidade de turmas do 2º ano do ensino médio, foco dessa pesquisa, a escola conta com 5 (cinco) turmas, sendo que 4 (quatro) delas funcionam no turno matutino e apenas 1 (uma) no turno vespertino. Logo, somente uma de cada turno servirá de objeto para este estudo, em virtude de incompatibilidade de horários, já que algumas têm aulas simultaneamente (com professores distintos) ou os horários não coincidem com os da pesquisadora e ainda por suspeitar que turnos diferentes tendem a ter comportamentos díspares entre si. Dentre as selecionadas, estão:

- Turma 201 Matutino - 43, quarenta e três, alunos matriculados, sendo que 7, sete, cancelaram as matrículas, 1, uma, recebe atividades em casa por estar grávida, e 14, catorze, não são frequentes, **restando apenas 21**, vinte e um, alunos (sendo 7 do sexo masculino e 14 do sexo feminino);

- Turma 201 Vespertino – 44, quarenta e quatro, alunos matriculados, sendo que 2, dois, cancelaram as matrículas, e 11, onze, são infrequentes, **restando apenas 31**, trinta e um, alunos (sendo 14 do sexo masculino e 17 do sexo feminino).

O turno matutino possui dois professores de língua inglesa, um do sexo masculino e outra do sexo feminino e ambos aceitaram participar da pesquisa. O turno vespertino possui uma única professora de língua estrangeira que se encontrava de licença no momento da pesquisa e, mesmo voltando pouco antes do encerramento do estudo, preferiu não ser entrevistada, apesar de ter acompanhado as etapas finais do processo e até se encantado com as atividades propostas.

### 5.3 A proposta metodológica

Esta pesquisa propõe uma abordagem qualitativa, pois busca “[...] explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32). Há tanto uma análise dos dados preenchidos nas pesquisas inicial e final, como um acompanhamento durante a execução do projeto: como foi recebido, o que está sendo mais ou menos aceito, o que merece mais ou menos atenção; e a avaliação e a escolha dos instrumentos vão se moldando de acordo com as respostas obtidas.

Quanto à finalidade, ou natureza, ela é considerada aplicada, pois não visa à satisfação e ao desejo de adquirir conhecimento (Andrade, 2018), mas às aplicações práticas de educadores para que atendam às exigências da vida moderna, aliando o conhecimento que detêm à utilização de recursos tecnológicos, sejam eles *softwares* ou *hardwares*, analógicos ou digitais, mas que, para isso, estudem e planejem a melhor forma de fazê-lo, valendo-se da investigação, por meio de levantamento de dados relevantes, para utilizá-los como parâmetros na escolha de funcionalidades e aplicativos que o ajudarão em suas aulas.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa intervencionista, pois desenvolve a capacidade de seus praticantes terem consciência de sua atividade para, “[...] contando apenas com a mediação de um pesquisador-intervencionista, encontrarem razões e soluções para a mudança planejada e adequada com a sua própria atividade” (Cassandre; Querol, 2014, p.20).

Quanto às técnicas da pesquisa qualitativa, serão utilizados o questionário eletrônico (Apêndices A, B e C), a observação do comportamento dos alunos nas aulas da pesquisadora,

sejam elas presenciais e/ou virtuais, e o desempenho deles durante a aplicação de atividades com recursos tecnológicos que vão desde a resposta aos questionários, como *quizzes*, até a postagem em *padlets* ou a criação de *podcasts*.

Para finalizar, os dados são confrontados com a literatura, por meio de pesquisas documentais - materiais que não receberam tratamento analítico (Gil, 2008) - e bibliográficas - pesquisas, estudos, análises feitas por estudiosos no assunto (Gil, 2008) - em meio físico e/ou eletrônico, que corroboram para o desenvolvimento deste estudo. No tópico a seguir, tem-se os detalhes sobre todo esse processo.

#### **5.4 Aplicação da pesquisa**

Antes de iniciar devidamente o estudo, a pesquisadora, que trabalhou por 10 (dez) anos naquele centro de ensino, de 2009 a 2019, fez algumas visitas àquele recinto, em meados de outubro de 2022, com a finalidade de antecipar aos gestores o interesse em fazer pesquisa naquela instituição e, desde então, tomou conhecimento de que a carga horária de língua inglesa, em decorrência da implementação da lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, já mencionada no início da introdução deste trabalho e popularmente conhecida como a nova lei do Ensino Médio, passou a ser de 1h/a que corresponde a apenas 50min de aula por semana.

Em 01 de março de 2023, obteve-se formalmente a autorização da escola para a realização da pesquisa e esta foi encaminhada, juntamente com o cronograma, o orçamento, o termo de consentimento livre e esclarecido e termo de assentimento para menores (Apêndices D e E), os questionários (Apêndices A, B e C), o projeto com os avais do coordenador do programa de pós-graduação, da orientadora e da própria pesquisadora, e outros documentos para o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, por meio da Plataforma Brasil, da qual se obteve aprovação em 25 de setembro de 2023.

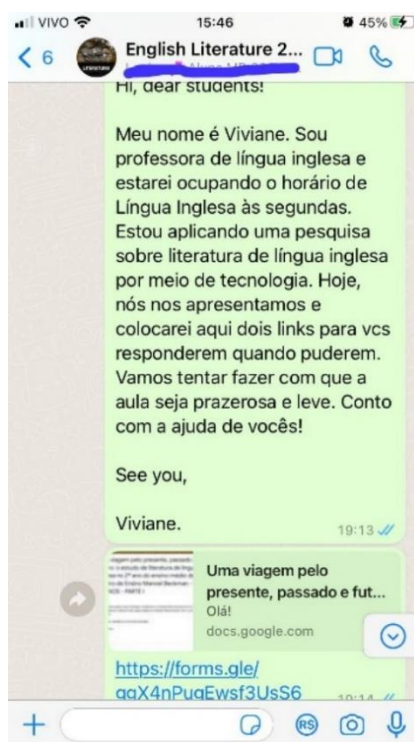
Após isso, em 20 de outubro, a gestora geral disponibilizou um horário por semana em cada sala selecionada para o estudo, sendo que as aulas do turno matutino ocorreriam às sextas-feiras (das 8h50min às 9h40min) e as do turno vespertino, às segundas-feiras (das 16h às 16h50min). Naquela mesma data, a pesquisadora foi apresentada para os alunos da turma do turno matutino, ocasião em que explicou como funcionaria a pesquisa e em que foi muito bem recebida. Vale destacar que, em ambos os turnos, a pesquisadora ocupou horários vagos e os professores de Língua Inglesa preferiram continuar com os seus horários, embora estivessem de total acordo com a pesquisa e contribuindo com relatos e com a participação pelo *Google Forms*. Eles não estavam presentes na sala de aula durante a aplicação da pesquisa.

De imediato, os alunos do turno matutino foram questionados se conheciam o *Google Classroom* e se gostariam de que o grupo fosse criado por essa plataforma ou pelo *WhatsApp*. A turma em consenso respondeu que preferia o *WhatsApp* pela facilidade de acesso, tendo em vista alguns problemas que enfrentaram durante a pandemia para se cadastrar e utilizar a primeira plataforma suscitada. Um dos alunos daquela turma logo se habilitou para criar o grupo, ficando a pesquisadora e o aluno como seus administradores.

Na segunda-feira seguinte, 23 de outubro, foi a vez dos alunos do vespertino que se mostraram muito mais curiosos e interessados que os primeiros e também preferiram o *WhatsApp* ao *Google Classroom*. Antes mesmo que se pedisse, uma aluna já havia criado o grupo, ficando ela, a pesquisadora e mais outro aluno como administradores. Assim como na outra turma, todas as instruções para o bom funcionamento dos grupos foram passadas e as dúvidas esclarecidas.

Naquele primeiro encontro, houve ainda a apresentação de um questionário elaborado no *Google Forms* (Apêndice A). Todas as perguntas foram lidas e explicadas e os alunos teriam que preencher o link que foi posteriormente enviado ao grupo criado. Essa informação foi reforçada um dia antes da aula seguinte, conforme postagens no *WhatsApp*, figuras 3 e 4:

**Figura 3 - Apresentação ao Grupo do WhatsApp - Matutino**



Fonte: de autoria própria

**Figura 4 - Postagem do link do Questionário I – Alunos – Apêndice A**



Fonte: de autoria própria

No segundo encontro, na semana seguinte, utilizou-se a plataforma *Mentimeter* para receber *feedback* dos alunos em relação às suas preferências pessoais no que tange aos gêneros literários e ao seu conhecimento prévio em relação à literatura. À medida que os alunos respondiam ao conceito de Literatura, preenchendo cada um dos três retângulos com a palavra que mais se aproximava de sua definição, a ferramenta do *Word Cloud*, ou nuvem de palavras, daquela plataforma ia criando uma nuvem específica, colocando ao centro e em tamanho maior as palavras que mais se repetiam, conforme figuras 5 e 6:





**Figura 7 - Ranking - MAT**



Fonte: de autoria própria

**Figura 8 - Ranking - VESP**



Fonte: de autoria própria

De posse dessas informações, ficou mais fácil planejar as atividades e aulas futuras, pois estabeleceu-se uma dimensão do conhecimento que eles já possuíam em relação à literatura e aos gostos de cada um, além de provocar uma maior interação entre a pesquisadora e os alunos.

Outro fator que mereceu destaque é que em virtude de a escola não disponibilizar acesso à internet gratuita aos alunos dentro das salas de aula, alguns não conseguiram preencher e participar da atividade, mas ficaram eufóricos com as respostas dos colegas, abrindo um rápido debate sobre familiaridade ou não com alguns gêneros ou identificação e descrença com a maneira de gostar dos outros colegas. Ouviu-se nomes de autores, obras e filmes, inclusive. Uma tarefa simples, mas bem empolgante.

No terceiro encontro, os alunos de ambas as salas já chegaram entusiasmados, falando inglês e fazendo perguntas sobre as próximas atividades. Isso, porque desde o início, entre uma atividade e outra, a pesquisadora falava algumas palavras e frases em inglês ou fazia referências a obras e a autores de língua inglesa, além de tirar algumas dúvidas deles sobre essas temáticas. Em todas as aulas, o projetor multimídia esteve sempre montado e conectado ao computador e à internet para, se necessário, mostrar algo sobre o que estava sendo estudado: imagens, informações, vídeos, *podcasts*, etc.

Dentre os questionamentos surgidos, apareceu uma pergunta que envolvia gramática, feita por um aluno do turno matutino, que perguntou “*Teacher*, por que em inglês as palavras ficam sempre invertidas?” e a pesquisadora respondeu que na língua inglesa os adjetivos vêm obrigatoriamente antes dos substantivos, demonstrando que é possível ensinar gramática na aula de literatura e vice-versa e ainda indicou uns canais do *Youtube*, como o Tecla SAP, do Ulisses Carvalho, e o *English in Brazil*, da Carina Fragozo para que pudessem aprender, por conta própria, algumas dicas e curiosidades sobre aquela língua.

Em seguida, ainda na terceira semana e já de posse das respostas ao questionário aplicado pelo *Google Forms* (Apêndice A) por meio do *WhatsApp*, a pesquisadora colocou um vídeo do *Youtube*, intitulado “5 Minutos Sobre: Definição Literatura” do canal LíteraBrasil que, no tempo em que se propôs, o apresentador fala sobre o conceito de literatura e o faz usando uma linguagem bem jovial, com uso de gírias modernas, o que fez com que os alunos se identificassem e prestassem ainda mais atenção, como eles mesmos disseram após a apresentação do vídeo.

Outros vídeos foram sugeridos, como os do canal do Professor Noslen, e alguns alunos disseram que, quando precisavam tirar dúvidas sobre língua portuguesa ou literatura, recorriam a esse canal. Outros, gostaram da possibilidade de poder estudar sozinhos. Quanto aos comentários sobre literatura, um aluno do turno vespertino exclamou: “Professora, não sabia que era realmente possível alguém amar ler livros. Pensei que só duas pessoas fizessem isso: a minha irmã, que é *nerd*, e uma colega aqui da sala que é extremamente inteligente”. Nesse

momento, várias pessoas riram e disseram que gostavam muito de ler, mas que não gostavam quando o faziam por obrigação ou por nota e que sentiam falta desses estímulos.

No quarto encontro, os alunos entraram e encontraram vários livros físicos de literatura em língua inglesa, aproximadamente 30 (trinta), e um aparelho *kindle* em cima da mesa. Naquela ocasião, ficaram livres pela metade da aula para contemplar, pegar, manusear e ler o que quisessem. A pesquisadora aproveitou para falar de algumas obras e autores de sua preferência e a importância de cada uma delas, especialmente, as africanas que acabam por desmistificar falácias que são perpetuadas há muitas décadas pelos países mais ricos. Depois, de acordo com os livros que escolheram, foram divididos em grupos com interesses afins. Assim, 4 (quatro) equipes foram formadas. Dali, tinham que escolher uma única obra para a equipe inteira.

Após isso, a pesquisadora passou em todas as equipes, deixando claro que também poderiam escolher livros que não estivessem ali, desde que publicados originalmente em língua inglesa e com acesso facilitado. Aproveitou para comentar aquelas primeiras escolhas e pediu que lessem e conversassem entre si sobre as obras e autores selecionados. Uma observação importante foi a de que não podiam compartilhar suas informações com as outras equipes naquele momento. Na semana seguinte, mais instruções seriam dadas. Abaixo, figura 9, os alunos em contato com as obras<sup>5</sup>:

**Figura 9 - Alunos em contato com as obras**



Fonte: de autoria própria

---

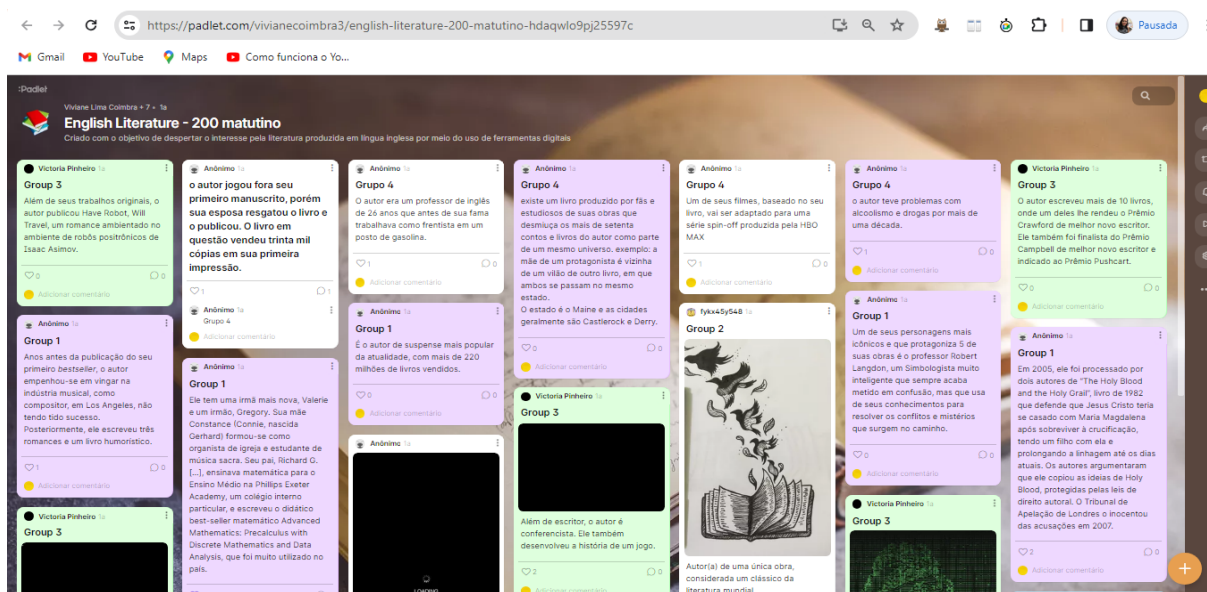
<sup>5</sup> Foi utilizado um efeito na imagem para preservar os rostos dos alunos que são menores de idade.

No quinto encontro, alguns alunos já foram logo comentando com a pesquisadora sobre as obras escolhidas e perguntando sobre como seria a atividade. Ela explicou, em seguida, as instruções para realizá-la. Primeiramente, ela perguntou aos alunos se conheciam o *Padlet*. Boa parte já tinha ouvido falar dele, porque alguns professores daquela escola o utilizaram durante o período pandêmico. Poucos não o conheciam. A professora mostrou o *Padlet* que criou para aquela atividade e explicou como a plataforma funcionava.

Posteriormente a isso, pediu que postassem por 5 (cinco) dias consecutivos um *Guess Who ...* (Adivinha quem ...) no *Padlet* com dicas e curiosidades sobre os autores escolhidos para aquela tarefa. Na aula seguinte, as outras equipes tentariam adivinhar de que autor se tratava. Os membros das equipes leriam as dicas que haviam sido postadas em português ou inglês e a pesquisadora as deixaria visíveis por meio de projeção. Nesta tarefa, os alunos da tarde se mostraram mais participativos. Os da manhã somente demonstraram motivação depois que as dicas começaram a ser lidas.

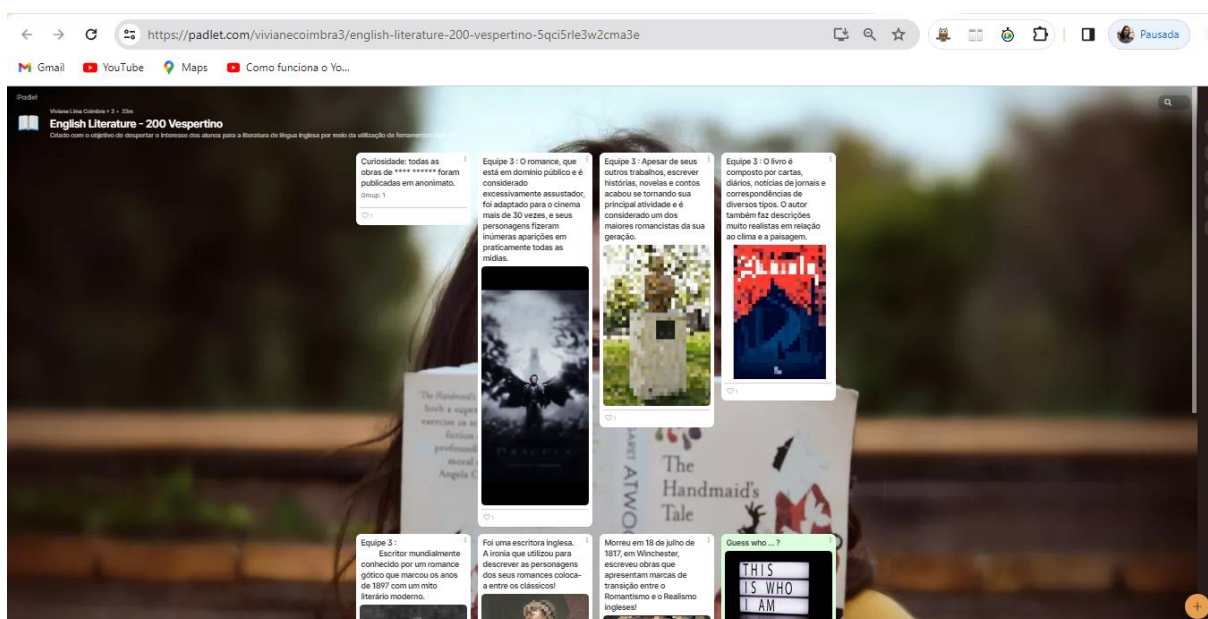
A segunda tarefa era similar. Desta vez, os alunos tinham que adivinhar qual era a obra ou *Guess What ...* (Adivinha qual ...) e foi realizada na semana seguinte, sexto encontro. Em todos eles, os alunos se divertiam e tentavam adivinhar o nome das obras e faziam comentários engraçados, como “Não pode ser essa obra, porque esse autor é brasileiro” ou “Ah, eu achava que Drácula era só um filme”. No geral, a participação dos estudantes foi considerada muito boa em ambas as turmas. Abaixo, figuras 10 e 11, um registro das atividades virtuais desenvolvidas pelas duas salas:

Figura 10 - *Padlet* MAT



Fonte: de autoria própria

**Figura 11 - Padlet VESP**



Fonte: De autoria própria

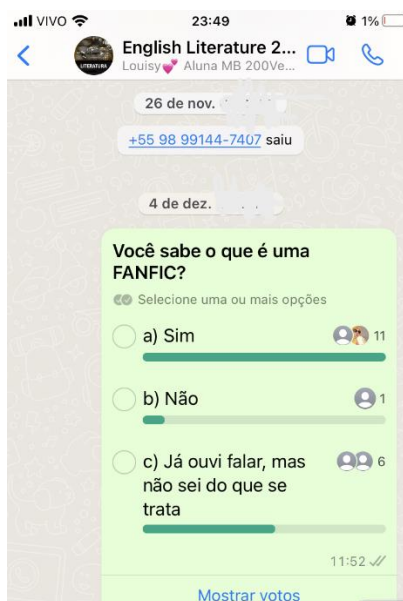
No dia seguinte àquelas aulas, foi publicado nos grupos do *WhatsApp* uma enquete sobre *fanfics* (abreviatura de *fan fiction* ou ficção de fã – tradução própria – uma espécie de narrativa criada por fãs amadores). No turno da manhã, todos os que responderam, 14 (catorze) pessoas, informaram que já conheciam o termo, enquanto no turno vespertino, dos 18 (dezoito) respondentes, apenas 1 (um) não conhecia e 6 (seis) só tinham ouvido falar, restando 11 (onze) que já o conheciam, conforme figuras 12 e 13 a seguir:

**Figura 12 - Enquete WhatsApp MAT**



Fonte: de autoria própria

**Figura 13 - Enquete WhatsApp VESP**



Fonte: de autoria própria

No sétimo encontro, a aula começou com os alunos falando sobre as suas *fanfics* favoritas e a pesquisadora apresentou o aplicativo *Wattpad*. Apenas um aluno de cada sala conhecia o aplicativo, mas a maioria demonstrou interesse em conhecê-lo. Após isso, a pesquisadora projetou um quiz básico sobre literatura no quadro, distribuiu cartões para todos os alunos, de forma preordenada, e os orientou a indicar a resposta que pretendiam apenas virando seus cartões, pois para cada lado correspondia uma letra e nenhum dos cartões era igual ao outro. A pesquisadora cadastrou previamente os cartões, conforme os números da chamada, no aplicativo denominado *Plickers*.

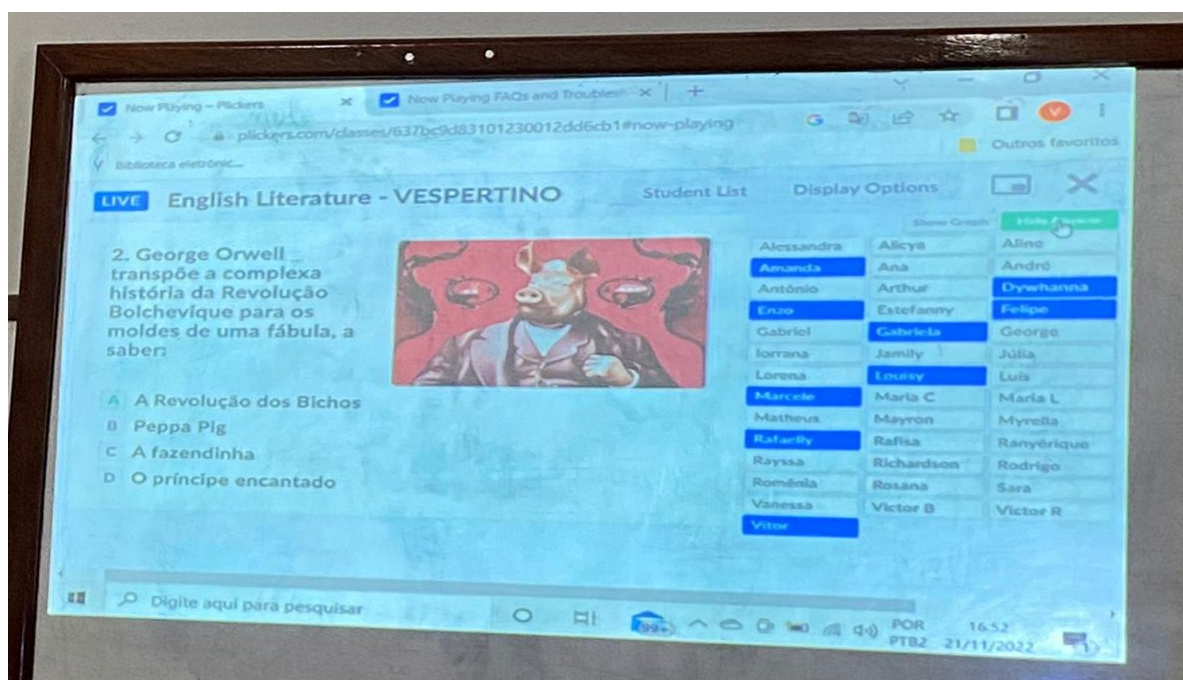
Essa foi, sem dúvida, a atividade de que os alunos mais gostaram. No turno da manhã, estudantes de outras turmas pediram para participar da aula e lamentaram não terem sido escolhidos para a aplicação desta pesquisa. A participação de todos foi intensa, principalmente quando perceberam que à proporção que a pesquisadora apontava seu celular para os cartões deles, as respostas eram computadas no telão e com cores verde, se estivessem corretas, e vermelhas, se estivessem erradas. Além disso, os cartões eram reconhecidos pelos próprios nomes dos alunos que foram pré-cadastrados e ficavam em destaque, na cor azul, quando eram identificados ou sem destaque enquanto não tinham suas respostas reconhecidas.

É importante frisar que essa pesquisadora só selecionou esse recurso digital quando percebeu logo nas duas primeiras semanas que apenas os professores tinham acesso à internet dentro das salas de aula. Por esse motivo, pesquisou por um aplicativo em que os alunos não precisariam estar conectados. Foi assim que, por meio de uma pesquisa rápida pela internet,

encontrou um convite para assistir a uma apresentação, cujo palestrante seria um de seus professores do Programa de Mestrado em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, prof. João Bottentuit Júnior, que sugeriu o uso desse aplicativo nesses casos e foi verdadeiramente um sucesso.

Infelizmente, por um problema de comunicação, alguns alunos do turno vespertino não foram informados de que haveria uma mudança de sala naquela ocasião e acabaram não participando das atividades daquele dia. Assim que tomaram conhecimento de que haviam perdido a aula, pediram desculpas pela ausência por meio do *WhatsApp* e também pessoalmente na aula seguinte. Abaixo, figuras 14, 15 e 16, com registro dos alunos em atividade:

**Figura 14 - Aplicação do *Plickers***



Fonte: de autoria própria

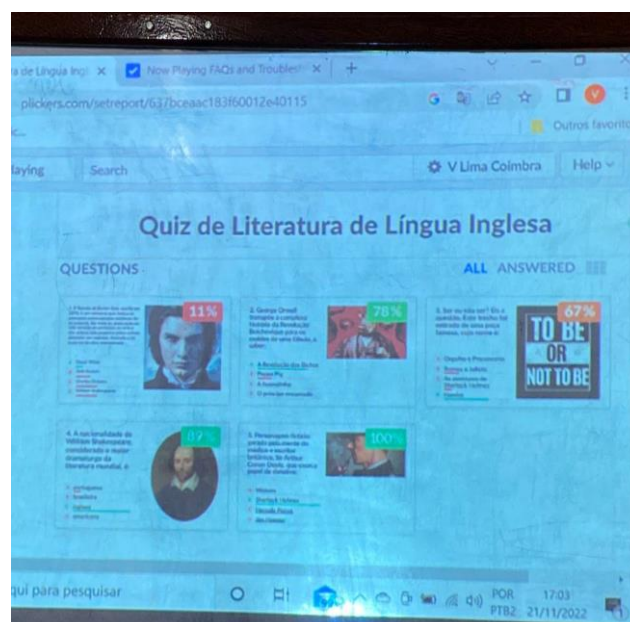


**Figura 15 - Leitura dos Cartões *Plickers***



Fonte: de autoria própria

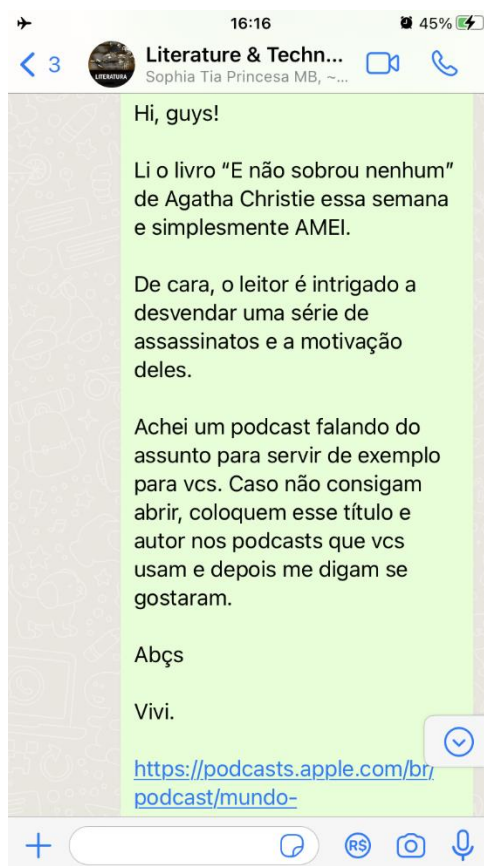
**Figura 16 - Quiz *Plickers***



Fonte: de autoria própria

Antes do oitavo encontro, a pesquisadora fez a seguinte postagem (Figura 17):

**Figura 17 - Postagem de *Podcast***



Fonte: de autoria própria

No oitavo encontro, a pesquisadora apresentou alguns recursos digitais que poderiam ajudar os alunos tanto no estudo de literatura em língua inglesa quanto nos demais componentes curriculares, visando a sua autonomia na busca pelo saber. Começou falando dos *podcasts* e perguntando se eles tinham conseguido acessar o link postado pelo *WhatsApp* e se tinham o hábito de estudar com esse método, escutando debates e comentários por meio dessa plataforma. A maioria disse que o conhecia, mas só o utilizava para saber mais sobre os seus cantores favoritos. A pesquisadora pontuou que era um ótimo recurso para aqueles que desejassem despertar o gosto pela literatura, pois, a depender do que escutassem, ficariam curiosos para adquirir e ler a obra.

A pesquisadora perguntou ainda se conheciam o *Canva*. Na turma da manhã, de 18 (dezoito) alunos, apenas 8 (oito) não o conheciam. Na turma da tarde, de 20 (vinte) alunos, 10 (dez) nunca tinham ouvido falar dele. Todos gostaram das possibilidades e da facilidade de inserir e editar as informações. Uma outra plataforma, *Genially*, também foi apresentada a eles. O que mais lhes chamou a atenção nela foi a possibilidade de gamificação, especialmente de se criar uma *Escape Room* (uma espécie de sala de fuga em que, trazendo para a educação, pode-

se desenvolver enigmas que destravam portas e só conseguirá sair dessa sala aquele que resolver todos os desafios). Nenhum aluno de nenhuma das duas turmas conhecia a plataforma. Todos demonstraram interesse nas explicações.

Depois disso, todos os alunos tiveram a oportunidade de ver, manusear e observar como funcionavam tanto o aparelho *Kindle* quanto o seu aplicativo. Apresentados todos esses recursos, os alunos ficaram livres para pensar em uma dessas plataformas ou em quaisquer outras que quisessem, como *Instagram* e *Tiktok*, por exemplo, para, na aula seguinte, a última, apresentarem um resumo descontraído sobre a obra previamente escolhida (subentendendo-se que a equipe inteira já a teria lido) e seu (ua) respectivo(a) autor (a). Para isso, cada equipe iria dispor de, no máximo, 10 (dez) minutos.

Assim, na última aula, houve uma conversa bem leve e interessante sobre as obras que trouxeram, como: *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen; *Drácula* e *As Joias das 7 Estrelas*, de Bram Stoker; *Ponto de Impacto* de Dan Brown; *O Morro dos Ventos Uivantes* de Emily Brontë; *It: A coisa* de Stephen King; *Secret Wars* de Jonathan Hickman. Os recursos mais utilizados foram os *podcasts*, o *Instagram*, o *Tiktok* e o *Canva*. Os alunos não só apresentavam suas obras e falavam de seus autores, como também comentavam as dos colegas. Comentários, como “Dan Brown escreveu muitos livros e muitos viraram filmes”, “Achava que Bram Stoker só havia escrito o Drácula”, “Li outras obras de Jane Austen e todas elas são maravilhosas”, “Não tive coragem de assistir ao filme *It: A coisa* e nem sabia que era um livro”, foram os que mais se destacaram, além de ficarem fascinados com a facilidade e praticidade de realizar suas apresentações com o uso de tecnologias simples e acessíveis.

A pesquisadora deu a aula por encerrada, agradeceu o carinho a ela dispensado e a participação de todos. Em seguida, lembrou que o *link* para a avaliação da pesquisa seria disponibilizado pelo WhatsApp e assim o fez. Por fim, a pesquisadora utilizou o *site* <sorteador.com> para sortear 3 (três) livros em cada turno, conforme figuras 18 e 19:

**Figura 18 - Livros para Sorteio**

Fonte: de autoria própria

**Figura 19 - Sorteio Virtual**

Fonte: de autoria própria

No tópico a seguir, serão apresentados os resultados, fruto das respostas dos questionários aplicados no primeiro e no último dia de pesquisa (Apêndices A, B, C). Assim, será possível avaliar se o uso dos recursos digitais aqui utilizados para o estudo de literatura em língua inglesa é realmente eficaz com alunos do 2º ano do ensino médio.

## 5.5 Resultados da Pesquisa

Como informado no tópico anterior, foram aplicados dois questionários com alunos de duas turmas do 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman, um antes do primeiro encontro (Apêndice A) e outro logo após o último (Apêndice B), além de um outro com os dois professores de inglês do turno matutino (Apêndice C). A professora do turno vespertino, mesmo chegando de licença na última semana do estudo, preferiu não se envolver diretamente com a pesquisa.

Importante se faz destacar que, em virtude do pouco tempo disponibilizado para esta análise, um único horário por semana em cada turma, em apenas 2 (dois) meses, o estudo ficou limitado exclusivamente às aulas de literatura em língua inglesa e o professor da disciplina continuou ocupando os seus horários normalmente. Isso foi possível, porque essas turmas ou tinham horários vagos ou, no caso do vespertino, o professor estava de licença. A pesquisadora contou com o suporte da gestão e da coordenação da escola, no período de 20 de outubro até 16 de dezembro, ocupando esses horários sem a presença de um outro professor. A seguir, os resultados obtidos.

### 5.5.6 Alunos

Em relação ao primeiro questionário (Apêndice A), 11 (onze) alunos responderam a ele no turno matutino e 16 (dezesesseis) no turno vespertino. Quanto à idade dos respondentes, tem-se no turno matutino 9 (nove) alunos com 16 (dezesesseis) anos e apenas 2 (dois) com 17 (dezesete). Já no turno vespertino, 10 (dez) pessoas têm 16 (dezesesseis) anos, 5 (cinco) têm 17 (dezesete) e apenas 1 (um) tem vinte. Isso demonstra que os alunos do vespertino têm idades mais variadas e são mais maduros, nesse quesito, em relação ao turno matutino.

Quanto às respostas para a primeira pergunta “O que você entende por literatura?”, os alunos do matutino responderam: “É uma arte literária. Onde seu objetivo é expor textos”, “Algo que exprime o espírito nacional de um povo de modo natural, espontâneo”, “Entendo que é uma história onde contém obras escritas, que é ótimo para nossa expressão individual contém também prosas em verso etc.”, “A literatura nos proporciona um novo Universo, seja ele clássico ou não. Um Universo mágico ou assustador, romântico ou trágico e assim segue as infinitas possibilidades”, “É uma arte feita com palavras, juntas expressam alguma coisa ou um sentimento em quem consome”, “Um tipo de arte só que com palavras”, “Acho que é uma forma que a arte encontrou de ser expressa através das palavras, textos e livros”, “Ato de ler, que

desenvolve, estimula e diverte”, “Livros, ler e etc”, “que serve pra aprendermos mais e ter conhecimento de várias coisas”, “É uma forma de expressão, de arte.”.

Ainda na primeira pergunta, os alunos do vespertino responderam: “A Literatura é uma arte produzida com palavras. Sua definição específica depende de questões diversas, tais quais de ordem social, histórica, cultural etc. A Literatura tem papel fundamental na construção do desenvolvimento”, “Literatura é onde os autores expressam suas emoções, criam histórias fictícias e trabalha com a nossa imaginação”, “Quase nada”, “Palavra, livro, leitura”, “A literatura remete para um conjunto de habilidades de ler e escrever”, “Melhorar as agilidades de leitura e escrita”, “São livros com ótimas narrativas”, “Basicamente nada, não chego nem perto do básico infelizmente”, “É a arte de criar e compor textos, uma forma de interação social”, “Nada”, “Literatura é arte literária”, “Texto dissertativo” e 5 (cinco) responderam “nada”.

De forma geral, os alunos até se aproximam do conceito de Literatura, alguns mais e outros menos. No vespertino, apesar de se encontrar algumas respostas bem elaboradas, também se observou muitos alunos sem a mínima ideia do que dizer, achando melhor, inclusive, responder “nada”, o que denota um distanciamento deles com esse tão importante componente curricular. Uma aluna chega a usar o advérbio “infelizmente” para lamentar a sua falta de conhecimento, deixando uma brecha para a interpretação de que eles estão dispostos a aprender, porém tal estudo ou não está sendo oferecido ou não está sendo satisfatório, como se pode perceber nas questões seguintes.

Na segunda pergunta “Você já estudou a literatura de língua inglesa?”, 10 (dez) alunos do matutino responderam que “não” e apenas 1 (um) respondeu que “sim”. No vespertino, 13 (treze) alunos responderam que “não” e apenas 3 (três) que “sim”. Na terceira pergunta “No ano letivo de 2022, o professor de língua inglesa trabalhou algum autor ou obra literária?”, todos os alunos do matutino responderam que “não”. No vespertino, 13 (treze) alunos responderam “não” e apenas 3 responderam que “sim”.

Na quarta pergunta “Marque somente os autores que você conhece ou já ouviu falar”, os alunos do matutino destacaram os autores William Shakespeare, Jane Austen e Agatha Christie, porém sequer mencionaram Daniel Defoe e Chimamanda Ngozi Adichie. No turno vespertino, os destaques foram para William Shakespeare, Charles Dickens, Dan Brown e Jane Austen e sequer mencionaram Arthur Conan Doyle, Chimamanda Ngozi Adichie, Mark Twain e Oscar Wilde.

Isso leva a concluir que cânones da literatura inglesa e autores fora do eixo Inglaterra-Estados Unidos estão sendo esquecidos pela falta de um estudo mais aprofundado. O aluno

pode até já ter ouvido falar das obras deles, mas não consegue fazer esse *link* ou tecer um comentário mais denso. Também não há uma preocupação em disponibilizar obras de autores que não sejam exclusivamente americanos e ingleses, excluindo uma série de possibilidades de adentrar em mundos e culturas que são até mais próximas da realidade do aluno brasileiro.

Na quinta pergunta “Você gosta de literatura?”, no turno matutino, 8 (oito) alunos responderam que “sim” e 3 (três) que “não”. No vespertino, 8 (oito) alunos responderam que “sim” e 8 (oito) que “não”. Na sexta pergunta, “Dentre os gêneros listados abaixo, qual o que você mais gosta?”, os alunos do matutino destacaram o “romance” com 6 (seis) votos, a “aventura” com 3 (três), “terror” e “história em quadrinhos” com 1 (um) voto cada. No vespertino, 6 (seis) alunos votaram no “romance”, 3 (três) na “comédia”, 2 (dois) em “terror”, 2 (dois) em “história em quadrinhos”, 2 (dois) em “aventura” e 1 (um) em “biografia.”

Aqui, o gosto pela literatura prevalece, embora alguns alunos tenham respondido que não têm prazer em ler. O que falta, talvez, é começar a cativá-los pelos gêneros que eles mais se identificam e, a partir daí, deixar que se desenvolvam ao ponto de se dispuserem a ler qualquer obra, desde que entendidas a finalidade e a relevância em fazê-lo, momento esse em que já terão a tão sonhada maturidade literária.

Na sétima pergunta “Você prefere ler livros físicos ou digitais?”, 9 (nove) alunos do matutino responderam “físicos” e apenas 2 (dois) responderam “digitais”. No vespertino, 10 (dez) responderam “físicos” e 6 (seis) responderam “digitais”. Na oitava pergunta, “Você já leu algum livro pelo *smartphone*, computador ou *kindle*?”, 10 (dez) alunos do matutino responderam que “sim” e apenas 1 (um) respondeu que “não”. No vespertino, 9 (nove) responderam que sim e 7 (sete) que “não”. Na nona pergunta “O que chama mais a sua atenção nos livros?”, 9 (nove) alunos do matutino responderam que é o “enredo”; 2 (dois), a “capa”; 1 (um), “estar entre os *best-sellers*” (mais vendidos); e 1 (um), o “gênero literário”. No vespertino, 6 (seis) alunos responderam que é a “capa”; 5 (cinco), o “gênero literário”; 4 (quatro), o “enredo”; e 1 (um), “nenhum” daqueles motivos.

Nesse momento, é interessante pontuar que o livro físico também é uma tecnologia, porém, de acordo com essa pesquisa, o livro digital, seu sucessor, ainda não foi plenamente capaz de sobrepô-lo. Os alunos disseram no decorrer da pesquisa que algumas características do livro impresso são bem marcantes, como o fato de emanar um cheirinho próprio, a possibilidade de mudar manualmente de página e sentir que já se está concluindo a leitura pela mudança de espessura das páginas faltantes, dentre outras.

Na décima pergunta “Você prefere ler poesia ou narrativa? Por quê?”, 8 (oito) alunos do matutino responderam “narrativa” e justificaram dizendo que é “mais longa”, “fragmenta a

história”, “ajuda na concentração”, “chama mais a atenção”, “prende mais”, “conta acontecimentos”, “não é entediante”, “não tem palavras confusas e nem é monótona como o é a poesia”; 1 (uma), “poesia”, porque “é menor”; 1 (um) “nunca tinha parado para pensar”, pois gosta muito dos dois; 1 (um), “tanto faz”, depende de “quem chamar melhor a atenção” dele no começo ou no primeiro capítulo. No vespertino, 9 (nove) responderam “narrativa” e justificaram dizendo que “chama mais atenção”, “não gosto muito de poesia”, “porque gosto de ótimas histórias de diferentes gêneros”, “entender um universo completo criado por alguém me parece mais interessante do que poesias, além de que criando histórias tbm são uma maneira de expressar sentimentos de uma forma mais extensa”, “gosto de ler livros que chamem a minha atenção, e com bons enredos”, “pela história”, “é um ponto de vista do alto sobre história de outra pessoa”; 4 (quatro), poesia, pois “sinto as emoções do próprio autor”, “fala mais do sentimento do autor”; 2 (dois), não gostam de ler; e 1 (um), não soube dizer.

Nos casos acima, a preferência foi pela narrativa. Pode-se inferir que os alunos ou não estão predispostos a se debruçar e sentir as emoções emanadas pelo eu-literário, abstraindo-se de suas próprias realidades, ou realmente preferem se envolver em histórias que lhes são contadas e que ficam cada vez mais envolventes até chegarem aos seus ápices. A metodologia ativa do *storytelling*, inclusive, é uma excelente estratégia para captar a atenção de todos e incentivar a leitura.

Na décima-primeira pergunta “Você gosta de saber informações adicionais sobre os livros e autores que costuma ler?”, 7 (sete) alunos do matutino responderam “sim” e 4 (quatro) “não”. No vespertino, 8 (oito alunos) responderam “sim”; 6 (seis), “não têm o hábito da leitura”; e 2 (dois), “não”. Na décima-segunda pergunta “Você concorda que a tecnologia pode facilitar o acesso aos livros?”, tanto os alunos do matutino quanto os do vespertino foram unânimes em responder “sim”. Na décima-terceira pergunta “Você acredita que a leitura pode ser um meio de crescimento pessoal?”, mais uma vez os alunos dos dois turnos responderam “sim” por unanimidade.

Para finalizar o primeiro questionário (Apêndice A), foi solicitado que deixassem comentários opcionais e os alunos do matutino escreveram: “indicar livros famosos”, “Eu não escolheria necessariamente terror, escolheria suspense com plottwist que envolve uma pitada de romance” e “o problema de livros físicos é que estão muito caros no Brasil, então recorreremos aos meios digitais com a pirataria”. Os alunos do vespertino deixaram as seguintes contribuições: “Até força tem que se curvar perante a sabedoria” Annabeth Chace - Percy Jackson e o ladrão de raios”, “Comecei a realmente me interessar pela leitura esse em julho



desse ano, desde então sempre que tenho um tempo livre tô lendo”, “Livro digital em PDF é melhor”.

Em relação às respostas acima, constata-se que a maioria dos alunos querem obter mais informações sobre os livros e autores que leem e sabem que a tecnologia pode ser um facilitador para esse processo, além de serem unânimes no entendimento de que a leitura contribui para o seu crescimento pessoal.

Como dito anteriormente, esse foi o primeiro questionário (Apêndice A), aplicado antes da primeira aula, logo no primeiro contato. A seguir, o resultado da aplicação do segundo questionário (Apêndice B), após a aplicação da pesquisa lá na escola. Vale destacar que dado o período de encerramento de ano letivo, os alunos estavam assoberbados de trabalhos para compor as suas notas finais nos demais componentes curriculares e, por isso, nem todos responderam esse questionário (Apêndice B).

Para esse segundo momento, 13 alunos do matutino e 12 do vespertino responderam ao questionário (Apêndice B). Em relação à primeira pergunta “O que você entende por literatura?”, no matutino, tem-se como respostas: “Entendo como uma arte produzida usando palavras, com certo valor estético pertencente a uma época, país, gênero etc.”, “História tipicamente escrita por alguém que havia conhecimento, ou narrativas para passar adiante”, “é uma arte produzida com palavras”, “Literatura é algo que eleva as imaginações a criatividade, o desenvolver da leitura e o conhecimento”, “Todo aquele conhecimento q pode ser obtido por livros”, “Todo tipo de conhecimento registrado por escrita”, “Uma forma de expressão artística que utiliza palavras escritas ou faladas para contar histórias, transmitir ideias e emoções.”, “Existe um grande debate do que é literatura, então pra mim existem TIPOS de literatura. Então tudo é (ou potencialmente pode) ser literatura. É algo fundamental na minha vida”, “Eu entendo que a literatura é uma forma de expressão e comunicação artística que utiliza a linguagem escrita para criar obras de ficção, não ficção, poesia, drama e uma variedade de outros gêneros”, “Literatura é a forma de expressão artística por meio da escrita, que utiliza palavras e linguagem para criar obras de ficção, poesia, drama, ensaios, entre outros gêneros, com o objetivo de transmitir ideias, emoções e reflexões”, “Uma forma estética da escrita”, “Normal”, “Literatura é tudo que possa ser achado por escrito, e que passe uma imagem”.

O turno vespertino respondeu a primeira pergunta da seguinte forma: “mundos e universos criados através de palavras”, “Uma arte por palavras”, “é uma arte produzida com palavras”, “livros”, “É a arte produzida com palavras”, “É a arte da palavra como postura, ideologia, expressividade, ampliar o significado das palavras e dos sentimentos humanos”, “Achei muito interessante!”, “Aprimora nossos conhecimentos”, “são artes antigas”, “Estudo

da língua, arte de se expressar por meio da escrita”, “É uma modalidade de entender”, “Literatura é uso de conhecimentos aprofundados sobre determinados meios de comunicação e gostos sobre a linguagem com criação de histórias e personagens”.

Na segunda pergunta “Você acha que após a aplicação da pesquisa o seu entendimento sobre literatura foi aprimorado?”, 12 (doze) alunos do matutino responderam “sim” e apenas 1 (um) respondeu “não”. No vespertino, 11 (onze) responderam “sim” e 1 (um), “não”. Na terceira pergunta, “Cite ao menos 3 autores de literatura em língua inglesa”, os alunos do matutino responderam prontamente, citando George Orwell, J.K. Rowling, Agatha Christie, William Shakespeare, Lord Byron, Jane Austen, Charles Dickens, J.R.R. Tolkien, Stephen King, Edgar Allan Poe, Ernest Hemingway; 1(um) disse não conhecer nenhum; e 1 (um) citou os autores brasileiros Castro Alves, Machado de Assis e José de Alencar.

No vespertino, para essa pergunta, somente 2 (dois) alunos disseram “não lembro”, os demais citaram todos os três autores, dentre eles: Jane Austen, Agatha Christie, Emily Brontë, Poeta de Pearl, Geoffreu Chaucer, Samuel Richardson, George Eliot, Virgínia Woolf, Shakespeare, George Orwell, Stephen King, Lord Byron, James Joyce, Aldous Huxley, Mary Shelley, John Milton, Daniel Defoe, John Dryden, Charles Dickens e Charlotte Brontë.

Na quarta pergunta “Cite ao menos 3 obras de literatura em língua inglesa”, os alunos do matutino citaram *1984*, *Assassinato no Expresso Oriente*, *Harry Potter*, *Viagem ao Centro da Terra*, *Romeu e Julieta*, *Hamlet*, *Orgulho e Preconceito*, *Great Expectations*, *Amor e Sensibilidade*, *Oliver Twist*, *O Senhor dos Anéis*, *Mrs. Dalloway*, *Emma*, *O velho e o Mar*, *As viagens de Gulliver*, *Pamela* e apenas um aluno disse não conhecer nenhuma. Os do vespertino citaram: *Orgulho e Preconceito*, *Romeu e Julieta*, *O Grande Gatsby*, *Paraíso Perdido*, *Robinson Crusoe*, *As viagens de Gulliver*, *A rainha das fadas*, *Sherlock Holmes*, *Percy Jackson*, *Hamlet*, *Pamela*, *Drácula*, *Alice no País das Maravilhas*, *Mary Poppins* e somente dois alunos disseram não lembrar de nenhuma.

Percebe-se com as respostas das 4 (quatro) primeiras perguntas que em ambas as salas os alunos evoluíram muito no entendimento do que é literatura e eles não só reconhecem esse crescimento, como o atribuem à pesquisa. Uma prova disso foi a facilidade com que listaram ao menos 3 (três) nomes de autores e obras de literatura em língua inglesa. Outro aspecto interessante é que os poucos alunos que relataram ou apresentaram alguma dificuldade e/ou desinteresse, 2 (dois) de cada turno, foram justamente os mais faltosos ou os que chegaram no fim da experiência.

Na quinta pergunta “Quais das atividades da pesquisa você mais gostou de participar?”, eles podiam responder mais de uma alternativa e 7 (sete) alunos do matutino disseram das

enquetes, questionários e nuvens de palavras - *Mentimeter*; 7 (sete), do projetor com os cartões *QR Codes - Plickers*; 5 (cinco), das postagens no *Padlet*; 4 (quatro), da possibilidade de ganhar livros por meio de sorteio virtual; 4 (quatro), de assistir ao vídeo sobre literatura no *Youtube*; 2 (dois), das enquetes do *WhatsApp*; 1 (um), de gravar e ouvir *podcasts*. No vespertino, 7 (sete) de assistir ao vídeo sobre literatura no *Youtube*; 4 (quatro), do projetor com os cartões *QR Codes - Plickers*; 4 (quatro), da possibilidade de ganhar livros por meio de sorteio virtual; 3 (três), das enquetes, questionários e nuvens de palavras - *Mentimeter*; 3 (três), de gravar e ouvir *podcasts*; 2 (dois), das enquetes do *WhatsApp*; e 1 (um), das postagens no *Padlet*.

Na sexta pergunta “Você gostou de estudar literatura em língua inglesa por meio de tecnologia?”, 12 (doze) alunos disseram “sim” e 1 (um) disse “não”. No vespertino, todos disseram “sim”. Na sétima pergunta “Em algum momento da pesquisa, você teve vontade de saber mais sobre determinado autor ou obra de literatura em língua inglesa?”, 11 (onze) alunos do matutino responderam “sim” e 2 (dois) responderam “não”. No vespertino, 11 (onze) responderam “sim” e apenas 1 (um), “não”.

Na oitava pergunta “De uma forma geral, comente o que achou da sua participação nessa pesquisa”, os alunos do matutino responderam: “Acho que fui bem, falei o nome dos escritores famosos e suas obras, pq são os livros que tenho deles e alguns são meus favoritos”, “uma rica oportunidade de receber conhecimentos derivados, fazendo com que eu tenha um conhecimento mais culto sobre os assuntos literários em língua inglesa”, “Muito produtiva”, “Achei muito bom porque através dela pude saber mais sobre a literatura inglesa”, “Interessante modernizar um método de conhecimento que temos desde a Antiguidade”, “Satisfatória”, “Acho que mostra que a professora realmente se importa em saber se aprendemos ou não”, “Participei daquela de descobrir o autor e amei muito”, “Achei muito interessante a mistura entre literatura e tecnologia, pois fez com que eu me interessasse de forma genuína por um assunto em que eu não era habituada”, “Muito boa!”, “Insignificante”, “Boa”, “Muito apropriado e evidente o quão preparada a professora estava para fazer a pesquisa”.

Ainda na oitava pergunta, os alunos do vespertino responderam: “por mais que eu não tenha participado tanto como deveria, achei gratificante”, “Achei muito bom, tive bastante conhecimento”, “Achei uma iniciativa incrível da professora Viviane em nos mostrar a importância da literatura inglesa e através de meios que precisam ser usados por outros professores também”, “muito divertido”, “achei muito bom”, “Muito positiva”, “Perfeito”, “Achei bastante interessante, foi muito legal e privilegiado ter uma oportunidade dessas de lembrar sobre a aula de literatura”, “Gostei de ajudar, a partir do conhecimento que adquiri”,

“Achei muito legal, conheci livros muito legais”, “Foi muito boa, pois despertou um certo interesse em literatura inglesa”.

Nas respostas acima, ficou evidente o quanto a tecnologia foi um fator determinante para desencadear um interesse inicial para o assunto que se havia proposto, que as tecnologias mais modernas, aquelas que permitem interação entre os participantes, foram as que mais agradaram os alunos, e que os discentes realmente se sentiram motivados a continuar suas leituras. Além disso, o preparo do professor tanto na escolha das tecnologias quanto na contribuição para a escolha das obras, sua preocupação em se fazer entender e os seus comentários ao longo das aulas são também importantes para conquistar seu público que parece sempre estar atento a isso, como o fez uma aluna do turno matutino.

Na nona questão “Caso queira, deixe aqui sua contribuição para melhorar a pesquisa”, os alunos do matutino responderam “Debates sempre ajudam”, “Debates mais ativos” e 1 (um) colocou um coraçõzinho. No vespertino, responderam “Nada a declarar”, “Está perfeito! Não precisa melhorar nada”, “Adorei essa experiência” e aqui termina a experiência avaliativa com os alunos.

De forma geral, as respostas acima demonstraram o quão satisfeitos os dois grupos de alunos ficaram, ao ponto de sentirem falta de mais espaços para debater e comentar os autores e obras, algo que ficou comprometido, devido ao pouquíssimo tempo destinado à pesquisa. Ficou evidente também que entraves como a falta de conexão dos alunos com a internet não são impeditivos para se fazer um trabalho mediado por tecnologias digitais de informação e comunicação. No tópico seguinte, será apresentado o resultado da pesquisa com os professores de língua inglesa do Centro de Ensino Manoel Beckman.

### 5.5.7 Professores

Em relação ao questionário aplicado aos dois professores de língua inglesa (Apêndice C), tem-se a primeira pergunta “Qual a carga horária de língua inglesa disponibilizada na sua escola?” e os 2 (dois) responderam “1h por semana que corresponde a 40h por ano”. Na segunda pergunta “Você aplica questionários diagnósticos para tentar acessar o conhecimento prévio dos seus alunos?” e 1 (um) respondeu “sim” e o outro, “não”. Na terceira pergunta “O seu planejamento prevê o estudo de literatura?”, todos responderam “sim”. Na quarta pergunta “Você estimula a leitura de obras literárias nas suas aulas?”, todos responderam “sim”.

Já na quinta pergunta “Você disponibiliza parte de sua carga horária para trabalhar exclusivamente os conteúdos de literatura em língua inglesa?”, os 2 (dois) responderam “sim”.

Novamente, na sexta pergunta “Você acredita que as ferramentas digitais podem ser aliadas do ensino de literatura?”, ambos concordaram e responderam “sim”. Na sétima pergunta “Marque as ferramentas digitais que você já utilizou em sala de aula”, os 2 (dois) marcaram o *Youtube*; 1 (um) marcou *Google Classroom*; 1 (um), *Google Forms*; 1 (um), o *WhatsApp*; e 1 (um), o celular e/ou TV.

Na oitava pergunta “Quais as maiores dificuldades para se trabalhar literatura em sala de aula? Considere 1 a maior dificuldade e 4 a menor”, ambos concordaram com a seguinte ordem: baixa carga horária, falta de material didático, falta de interesse e falta de habilidade dos alunos. Na nona pergunta “Quais as maiores dificuldades para se utilizar tecnologia em sala de aula? Considere 1 a maior dificuldade e 4 a menor”, 1(um) entendeu a falta de espaço adequado na escola, seguido de nenhum ou pouco acesso à internet, falta de habilidade dos professores e desinteresse dos alunos e o outro considerou o desinteresse dos alunos e a falta de habilidade dos professores como as maiores dificuldades e a falta de equipamentos tecnológicos e espaço na escola como as menores.

Na décima pergunta “Você tenta adaptar a ementa de sua disciplina com a realidade vivenciada pelos seus alunos?”, os dois professores responderam “sim”. Na décima-primeira pergunta “Você pede para os alunos avaliarem o seu trabalho em sala de aula?”, 1 (um) professor respondeu “sim” e o outro, “não”. Na décima-segunda pergunta “Você costuma se autoavaliar?”, os dois responderam “sim”. Na décima-terceira pergunta “Qual o seu nível de instrução”, 1 (um) é graduado e o outro, especialista.

Já na décima-quarta pergunta “Nos últimos 3 anos, quantos cursos ou eventos na área da educação você participou?”, (um) respondeu “de 1 a 3” e outro, “acima de 7”. Na décima-quinta pergunta “Você sente prazer em atuar na sua profissão?”, os 2 (dois) responderam “sim”. Na décima-sexta pergunta “Há algo que você gostaria de compartilhar sobre as questões que foram feitas (algum projeto que desenvolve ou alguma insatisfação)? Se sim, qual?”, 1 (um) respondeu “Gostei muito da questão que sugere que os alunos façam avaliação da aula também” e o outro respondeu que desenvolve “um projeto sobre as lendas locais cruzando com o Halloween”.

Logo, pelo observado na pesquisa, os professores demonstraram muito preparo intelectual para a profissão que exercem, mas são tolhidos pela baixa carga horária da disciplina, pela falta de material didático apropriado e pela falta de espaço físico adequado para realizar algumas atividades relacionadas à tecnologia e à língua inglesa, além dos problemas de conexão com a internet. Entendem também o quão importante é o processo de avaliação e autoavaliação de suas aulas. Também se percebeu a pouca utilização de recursos tecnológicos mais modernos,

que propõem maior interação, como *Mentimeter*, *Plickers* e *Padlet*. Em contrapartida, utilizam bem o *Youtube*, o *WhatsApp*, algumas ferramentas do *Google*, TV e aparelho celular.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, realizou-se uma jornada pelo universo mágico da literatura em língua inglesa, visando à investigação do uso de recursos digitais como instrumentos de auxílio no estudo de literatura em língua inglesa com estudantes do 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman, em São Luís - MA. Para isso, respeitou-se todos os trâmites legais para uma pesquisa ética envolvendo seres humanos (Apêndices D, E e Anexo A), a fim de se obter dados sólidos e verdadeiros que pudessem ajudar tanto professores quanto alunos nesse árdua e gratificante tarefa de ensinar e aprender.

Inicialmente, fez-se um levantamento sobre alguns conceitos de literatura, sua importância e função. Em seguida, mostrou-se as diferenças e semelhanças entre Literatura e outras ciências igualmente importantes, como por exemplo, a Filosofia e a História, demonstrando ser a primeira mais propensa a questionar os acontecimentos existenciais e a despertar esse olhar crítico em busca de respostas sobre a existência dos seres (humanos ou não). A segunda, por sua vez, preocupa-se com os fatos acontecidos ao longo do tempo, buscando explicá-los, compreendê-los e, se necessário, reutilizá-los de forma mais consciente e equilibrada.

A literatura, por seu tempo, não tem compromisso com a verdade, apesar de prezar pela coerência, seja ela interna ou externa. Sua única preocupação é com o belo e com a arte. No caso, a arte das palavras. Por meio dela, pode-se entender melhor o presente, refletindo sobre o passado e projetando o futuro. Isso, porque ela se vale de fatos para fazer denúncias, apelos, críticas, por meio da recriação, com objetivos diversos que vão desde a ironia ou aclamação até a pura contemplação do belo pelo belo. Ao deixar correr solta a imaginação, acaba suscitando elementos ou situações futuristas, antecipando reflexões importantes sobre um futuro que pode estar prestes a acontecer ou aparentemente longe de chegar.

Foi exatamente dessa forma que a literatura conquistou o mundo: sugestionando, refletindo e surpreendendo. Por meio dela, é possível analisar com a sutileza de seus detalhes todo o contexto envolto no momento de sua escrita e ter uma ideia de como pensavam, ou pensam, as pessoas de cada época. É uma verdadeira viagem em que se esquece o momento presente e passa-se a dar cor e tons a personagens e tramas que são narrados e descritos de forma muito precisa, a ponto de transportar o leitor não só para outro lugar, mas para um outro tempo.

Por esse motivo, como professora de língua inglesa e pesquisadora, procurou-se entender o quão fascinantes e intrigantes são as clássicas obras da literatura, pois além de seu

caráter atemporal, conseguem debater questões universais de uma forma lógica e natural e que são cada vez mais necessárias na atualidade. Sem falar que seus leitores se sentem teletransportados, no tempo e no espaço, para um lugar em que os problemas são irreais, mas passíveis de serem vencidos e solucionados, num tempo bem diferente do que se conhece.

Nessa jornada, houve a preocupação em mergulhar no mundo das letras, respeitando todo o seu percurso histórico, especialmente, da literatura em língua inglesa. Desse modo, eram dadas ao leitor informações sobre o momento econômico, social e político em que se vivia e, em seguida, as principais obras, autores e estilos literários de cada uma dessas épocas eram apresentadas.

Assim, provou-se que mesmo obras antigas são capazes de provocar medo, fúria e muita ação. Algumas dessas produções, por exemplo, serviram de base para obras contemporâneas que, de tanto sucesso, viraram filmes e conseguiram estourar as bilheterias, como *O Senhor dos Anéis*, que se baseou no poema épico *Beowulf*, provando que as narrativas antigas eram tão excitantes quanto as de agora.

Além disso, durante este estudo, foram apresentados conceitos diversos no que tange aos gêneros discursivos e a importância de o aluno identificar aquele que mais o satisfaz, visando não a um aprendizado de um determinado conteúdo, mas a satisfação pessoal que, por sua vez, é uma das características da literatura. Por isso, fez-se referência aos estudos sobre gosto cultural do já mencionado sociólogo Bourdieu.

Por se tratar de um estudo literário, é de fundamental importância que tanto o professor quanto o aluno estejam de mente aberta para mergulhar nesse fantástico oásis das letras. Para isso, a utilização de tecnologias, notadamente, as digitais e mais modernas, podem ser de grande valia. Isso, porque tal como a literatura, a tecnologia tem o mesmo poder de encantar e romper as barreiras de tempo e de espaço, como foi demonstrado ao longo deste trabalho.

Assim, foi constatado com essa pesquisa que os alunos continuam ávidos por conhecimento, especialmente, o de literatura em língua inglesa. O que falta, porém, é uma metodologia mais moderna que chame a sua atenção, tal qual o faz o *smartphone*, por exemplo, que entrega o mundo inteiro na palma de suas mãos, desviando o foco que está cada vez mais difícil de ser alcançado.

É bom que se destaque que essas tecnologias são recursos e não há como se abdicar deles, dada a constante exposição a que o ser humano vem se submetendo nos últimos tempos. Foi dito aqui que o homem de hoje é híbrido, metade homem e metade máquina; afinal, precisa-se de tecnologia para se locomover, para enxergar melhor, para se comunicar e, da mesma forma, para ensinar e aprender.



Entretanto, nem toda tecnologia é útil e satisfatória. Como visto na pesquisa, apesar dos bons resultados obtidos com o uso de recursos tecnológicos, os alunos ainda preferem ler livros impressos aos digitais (Questionário I – alunos – questão 7 – Apêndice A) e, quando o fazem, é por falta de recurso financeiro para tirar cópias ou comprar livros que estão cada vez mais caros, infelizmente. Sem falar nos perigos que esse turbilhão de informações em tempos cada vez mais recordes podem causar, como depressão e ansiedade.

Desse modo, percebeu-se que em apenas dois meses, com uma única aula por semana, por meio do uso de recursos tecnológicos, conseguiu-se não apenas despertar o interesse dos alunos para a literatura em língua inglesa, como também vencer as dificuldades enfrentadas em relação ao uso de tecnologias, como a falta de conexão com a internet ou a falta de computadores, e a ausência de material didático para as leituras, além, é claro, de provocar uma reflexão sobre a importância da formação pedagógica continuada.

Por fim, por meio dos relatos deixados nos questionários da pesquisa (A, B e C), ficou evidente que boa parte dos estudantes conseguiu, inclusive, ampliar seus gostos literários, pois à medida que a pesquisadora comentava obras clássicas da literatura por meio da metodologia ativa do *storytelling*, contação de histórias, ou de atividades envolvendo os recursos tecnológicos, como o *quiz* e o *Plickers*, os alunos ficavam curiosos para conhecer melhor as obras e os autores, provando que a pesquisa foi além do ensino sobre literatura, e foi, de fato um despertar para o mundo literário; assim como os professores, no mínimo, se sentiram mais reflexivos em relação às suas práticas.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela Regina N. **Literatura: tempos, leitores e leituras** (suplemento de revisão). Volume único. São Paulo: Moderna, 2010.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **Ideia de prosa**. Tradução, prefácio e notas: João Barrento. Lisboa: Edições Cotovia, 1999.

ALMEIDA, Patrícia Vasconcelos; VIEIRA, Mauriceia Silva de Paula; AMORIM, Márcia Fonseca de (Orgs.). **Tecnologias digitais e formação docente**. Campinas: Pontes Editores, 2020.

AMAZON KINDLE. **Amazon kindle**: Leve suas histórias para onde você for. Disponível em: <https://read.amazon.com/landing>. Acesso em 07 dez. 2023.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 10ed. São Paulo: Atlas, 2018.

ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (Orgs.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ÁVILA, Milena Abreu. Colonialidade e Decolonialidade: você conhece esses conceitos? In **Politize** (2021). Disponível em: <https://www.politize.com.br/colonialidade-edecolonialidade/#:~:text=A%20decolonialidade%20%C3%A9%20considerado%20como,%C3%A0%20modernidade%20e%20ao%20capitalismo>. Acesso em 19 jul 22.

BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BORGES, Jorge Luis. **Curso de Literatura inglesa**. Organização, pesquisa e notas: Martín Arias e Martín Hadis. Tradução: Eduardo Brandão. 2ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016).

BOTTENTUIT JÚNIOR, João Batista; BAIMA, Girlene Miranda; COSTA, Luiz Máximo Lima; COIMBRA, Viviane Lima. O uso do *WhatsApp* como ferramenta didática: possibilidades e desafios em aulas de Língua Portuguesa. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v.7, n.4, p.33740-33751, 01 abr. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/27496/21780>. Acesso em 23nov. 2023.

BRASIL ESCOLA. **Como surgiu a internet?**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/como-surgiu-a-internet.htm>. Acesso em 04 nov. 2023.

BRASIL. Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Conversão da Medida Provisória nº 746, de 2016. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 16 fev. 2017. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=17/02/2017>. Acesso em 19 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BROWN, Dan. **O Código da Vinci**. Tradução: Celina Cavalcante Falck-Cook. Rio de Janeiro: Sextante 2004.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANVA. **Empresa**: sobre: o poder do design ao seu alcance. Disponível em: [https://www.canva.com/pt\\_br/about/](https://www.canva.com/pt_br/about/). Acesso em 02 dez. 2023.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá**: inclui ilustrações originais de John Tenniel. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CASEY, Edward S. **Remembering: a phenomenological study**. Bloomington e Indianópolis: Indiana Press, 1987.

CASSANDRE, Márcio Pascoal; QUEROL, Marco Antonio Pereira. Metodologias intervencionistas: contribuição teórico-metodológica Vigotskyanas para aprendizagem organizacional. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**. Rio de Janeiro, v.8, n.1, jan/mar. 2014, p.17-34. ISSN 1982-2596. DOI: <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v8i1.330>. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/11159-Texto%20do%20Artigo-45024-1-10-20180810.pdf>. Acesso em 30 dez. 2023.

CLOUD, Nancy; GENESEE, Fred; HAMAYAN, Else. **Literacy instruction for English language learners: a teacher's guide to research-based practices**. Portsmouth (USA): Heinemann, 2009.

COSTA, Cleide Aparecida. A importância da ludicidade na educação infantil. Revista **Primeira Evolução**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 12, 2021. Disponível em: <http://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/14>. Acesso em: 30 jul. 2022.

COSTA, Lúcia Militz da. **A poética de Aristóteles**: mimese e verossimilhança. São Paulo: Ática, 1992).

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do Texto 1**: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1995.

DEITEL, Paul; DEITEL, Harvey. **Java**: como programar. Tradução: Edson Furmankiewicz. 8ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoe**. Ilustração: Francesc Ràfols. Tradução: Fábio Teixeira. Barueri: Ciranda Cultural, 2016.

DICKENS, Charles. **Uma canção de natal**. Tradução: Rodrigo Lacerda. Ilustrações: John Leech. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Tradução: Denise Bottmann. 3ed. Porto Alegre: L&PM, 2021.

FARIAS, Sandra Aparecida Lima Silveira. **Gêneros textuais em livros didáticos: uma análise de duas coleções do ensino médio**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24475/1/Sandra%20Aparecida%20Lima%20Silveira%20Farias.pdf>. Acesso em 31 out. 2023.

FERNANDES, Márcia. Gêneros Textuais. **Toda Matéria**, [s.d]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/generos-textuais/>. Acesso em 31 out. 2023.

FESTINO, Cielo Griselda; BANDEIRAS, Marília Fátima. **Literaturas de Língua Inglesa**. São Paulo: UNIP Interativa EaD, 2012.

*GENIALLY*. **Quem somos**: criamos o *Genially* pois não existia *Genially*. Disponível em: <https://genial.ly/pt-br/quem-somos/>. Acesso em 29 nov. 2023.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**: coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 14 dez. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓES, Denise; LUCÍRIO, Ivonete. **Manual de Tecnologia**. São Paulo: FTD, 2014.

*GOOGLE FORMS*. **Gere insights facilmente com o Google Forms**: crie e compartilhe facilmente formulários e pesquisas on-line e analise as respostas em tempo real. Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>. Acesso em 23 nov. 2023.

GUITARRARA, Paloma. Inteligência artificial. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/informatica/inteligencia-artificial.htm>. Acesso em: 13 dez. 2023.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. Tradução: Silvana Cobucci Leite. 9ed. São Paulo: Cortez, 2011.

*INSTAGRAM*. **Quem somos**: nós trazemos você mais perto das pessoas. Disponível em: <https://about.instagram.com/about-us>. Acesso em 07 dez. 2023.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e à distância**. 4ed. Campinas: Editora Papirus, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos dos textos**. 3ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

LANZONI, Hécio. **Literatura Inglesa I**. Rio de Janeiro: Seses, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução: Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Tradução: Adail Sobral ... [et al]. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAYRINK, Mônica Ferreira; ALBUQUERQUE-COSTA, Heloísa (Orgs.). **Tecnologia, formação docente e ensino de línguas em diálogo**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

**MENTIMETER. Faça vozes, lições, tempo, reuniões valerem**: obtenha *insights* valiosos de todas as pessoas ao seu redor com nuvens de palavras, *quizzes* e questionários. Disponível em: <https://www.mentimeter.com/pt-BR>. Acesso em 14 nov. 2023.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.

OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ORTIZ, Renato (Org.). **Bourdieu: Sociologia**. Série: Coleção Grandes Cientistas Sociais. v.39. São Paulo: Ática, 1983.

ORWELL, George. **1984**. Tradução: Karla Lima. Jandira: Principis, 2021a.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. Tradução: Karla Lima. Jandira: Principis, 2021b.

**PADLET. Como funciona**: para educação. Disponível em: <https://pt-br.padlet.com/site/product>. Acesso em 06 dez. 2023.

PLATÃO. **A República**: obra completa. Tradução: Ciro Mioranza. 2ed. São Paulo: Escala, 2007.

**PLICKERS. Explorar Plickers**: o que é *Picklers*? Disponível em: <https://help.plickers.com/hc/en-us/articles/360009395854>. Acesso em 06 dez. 2023.

PRADO, Ana. A volta da cultura do “faça você mesmo”. **Revista Superinteressante**. Publicado em 12 out. 2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/a-volta-da-cultura-do-faca-voce-mesmo>. Acesso em 16 nov. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS. **São Luís:** uma leitura da cidade. Disponível em: [https://www.saoluis.ma.gov.br/midias/anexos/1442\\_sao\\_luis\\_uma\\_leitura\\_da\\_cidade\\_parte2\\_pag28a47-.pdf](https://www.saoluis.ma.gov.br/midias/anexos/1442_sao_luis_uma_leitura_da_cidade_parte2_pag28a47-.pdf). Acesso em 14 dez. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QEdU. Use dados: transforma a educação. **Centro de Ensino Manoel Beckman.** Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/21021015-centro-de-ensino-manoel-beckman>. Acesso em 14dez. 2023.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução: Alain Françoise [et al]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo.** Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTANA, Christine Arndt de. A arte a serviço da formação moral: o Elogio a Richardson. **Discurso**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. 153-168, 2015. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.2015.102545. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/102545>. Acesso em: 25 jul. 2022.

SESE, Carla. **O que é o Padlet?** Disponível em: <https://padlet.help/1/pt/article/cpfiutfzsb-o-que-o-padlet>. Acesso em 06 dez. 2023.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura inglesa para brasileiros:** curso completo de literatura e cultura inglesa para estudantes brasileiros. 2ed. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.

TADEU, Tomaz (org). **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TAG – EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS. **Curiosidades literárias:** 5 Escritores contemporâneos da Índia. Publicado em 04 de janeiro 2019. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/escritores-contemporaneos-da-india/>. Acesso em 12 JUN 2023.

THEOBALD, Pedro; MINUZZI, Luara Pinto. Apresentação do dossiê: Viagem e Literatura. **Letrônica**, Porto Alegre, v.7, n.2, p.821-825, jul/dez, 2014. DOI: 10.15448/1984-4301.2014.2.20067. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/download/20067/12711>. Acesso em 29 jan. 2023.

VERASZTO, Estéfano Vizconde; SILVA, Dirceu da; MIRANDA, Nonato Assis; SIMON, Fernanda Oliveira. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Prisma.com:**

Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação, Porto (Portugal), nº 8, p.19-46, 2009. Disponível em:  
<http://aleph.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2065/1901>. Acesso em 03nov2023.

**WATTPAD. Olá, somos o wattpad.** Disponível em:  
<https://www.wattpad.com/?language=null>. Acesso em 07 dez. 2023.

**WHATSAPP. Quem somos:** sobre o *WhatsApp*. Disponível em:  
<https://www.whatsapp.com/about>. Acesso em 23nov. 2023.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2002.

**YOUTUBE. Sempre quis saber como o Youtube funciona?** Disponível em:  
[https://www.youtube.com/howyoutubeworks/?utm\\_campaign=ytgen&utm\\_source=ythp&utm\\_medium=LeftNav&utm\\_content=txt&u=https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fhowyoutubeworks%3Futm\\_source%3Dythp%26utm\\_medium%3DLeftNav%26utm\\_campaign%3Dytgen](https://www.youtube.com/howyoutubeworks/?utm_campaign=ytgen&utm_source=ythp&utm_medium=LeftNav&utm_content=txt&u=https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fhowyoutubeworks%3Futm_source%3Dythp%26utm_medium%3DLeftNav%26utm_campaign%3Dytgen). Acesso em 14nov. 2023.

ZIERER, Adriana; FEITOSA, Márcia Manir Miguel (Orgs.) **Literatura e História Antiga e Medieval: diálogos interdisciplinares**. São Luís: EDUFMA, 2011.

## APÊNDICE A – Questionário Alunos I

**Título:** Uma viagem pelo presente, passado e futuro: o estudo de literatura de língua inglesa no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman

Olá!

O questionário abaixo visa investigar o interesse e o conhecimento de alunos do 2º ano do ensino médio por Literatura em Língua Inglesa e a relação desse estudo com o uso de tecnologias. De antemão, agradeço a vossa participação! Cordialmente, Viviane

Preencha com a sua idade: \_\_\_\_\_

1. O que você entende por literatura? \_\_\_\_\_

2. Você já estudou a literatura de língua inglesa? ( ) Sim ( ) Não

3. No ano letivo de 2022 (ou 2023), o professor de língua inglesa trabalhou (ou ainda pretende trabalhar) algum autor ou obra literária? ( ) Sim ( ) Não

4. Marque somente os autores que você conhece ou já ouviu falar.

- |                             |                       |                        |
|-----------------------------|-----------------------|------------------------|
| a. Agatha Christie          | b. Arthur Conan Doyle | c. Charles Dickens     |
| d. Chimamanda Ngozi Adichie | e. Dan Brown          | f. Daniel Defoe        |
| g. Jane Austen              | h. Mark Twain         | i. Oscar Wilde         |
| j. Sidney Sheldon           | k. Virgínia Woolf     | l. William Shakespeare |
| m. Nenhum                   |                       |                        |

5. Você gosta de ler literatura? ( ) Sim ( ) Não

6. Dentre os gêneros listados abaixo, qual o que você MAIS gosta?

- |                           |              |            |            |           |
|---------------------------|--------------|------------|------------|-----------|
| a) Aventura               | b) Biografia | c) Comédia | d) Conto   | e) Drama  |
| f) História em quadrinhos | g) Memórias  | h) Novela  | i) Romance | j) Terror |

7. Você prefere ler livros físicos ou digitais? \_\_\_\_\_

8. Você já leu algum livro pelo smartphone, computador ou kindle? \_\_\_\_\_

9. O que chama mais a sua atenção nos livros? ( ) Capa ( ) Enredo ( ) Número de páginas ( ) Gênero literário ( ) Estar entre os *best-sellers* ( ) Outro

10. Você prefere ler poesia ou narrativa? Por quê? \_\_\_\_\_

12. Você concorda que a tecnologia pode facilitar o acesso aos livros? ( ) Sim ( ) Não

13. Você acredita que a leitura pode ser um meio de crescimento pessoal? ( ) Sim ( ) Não

Caso queira, poderá deixar aqui algum comentário adicional. \_\_\_\_\_



## APÊNDICE B – Questionário Alunos II

Olá!

Chegamos ao final de nossa pesquisa e gostaríamos da ajuda de vocês para avaliar o nosso trabalho. A nossa pesquisa objetiva investigar o ensino de literatura em língua inglesa por meio de ferramentas digitais no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís - MA. De antemão, agradeço a vossa participação! Cordialmente, Viviane.

Idade: \_\_\_\_\_

1. O que você entende por literatura? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2. Você acha que após a aplicação da pesquisa o seu entendimento sobre literatura foi aprimorado? ( ) Sim ( ) Não

3. Cite ao menos 3 autores de literatura em língua inglesa. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4. Cite ao menos 3 obras de literatura em língua inglesa. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5. Quais das atividades da pesquisa você mais gostou de participar?

- a) De assistir ao vídeo sobre literatura e comentar com os colegas em sala de aula.
- b) Das enquetes, questionários e nuvem de palavras virtuais sobre os nossos conhecimentos prévios de literatura e tecnologia.
- c) Das postagens sobre curiosidades de autor e obras de literatura em língua inglesa no Padlet.
- d) De responder perguntas apresentadas no projetor utilizando QR Codes.
- e) Das enquetes e discussões pelo WhatsApp.
- f) De gravar ou ouvir podcasts sobre literatura em língua inglesa.
- g) Da possibilidade de ganhar livros de literatura através do sorteio on-line.

6. Você gostou de estudar literatura em língua inglesa por meio de tecnologia? ( ) Sim ( ) Não

7. Em algum momento da pesquisa, você teve vontade de saber mais sobre determinado autor ou obra de literatura em língua inglesa? ( ) Sim ( ) Não

8. De uma forma geral, comente o que achou da sua participação nessa pesquisa

9. Caso queira, deixe aqui sua contribuição para melhorar a pesquisa. \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### APÊNDICE C – Questionário Professores

Olá!

O questionário abaixo objetiva investigar o ensino de literatura em língua inglesa por meio de ferramentas digitais no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís - MA. De antemão, agradeço a vossa participação! Cordialmente, Viviane

1. Qual a carga horária de língua inglesa disponibilizada na sua escola?
  - a) 1h por semana/40h por ano
  - b) 2h por semana/80h por ano
  - c) 3h por semana/120h por ano
  - d) 4h por semana/160h por ano
2. Você aplica questionários diagnósticos para tentar acessar o conhecimento prévio dos seus alunos? ( ) Sim ( ) Não
3. O seu planejamento prevê o estudo de literatura? ( ) Sim ( ) Não
4. Você estimula a leitura de obras literárias nas suas aulas? ( ) Sim ( ) Não
5. Você disponibiliza parte de sua carga horária para trabalhar exclusivamente os conteúdos de literatura em língua inglesa? ( ) Sim ( ) Não
6. Você acredita que as ferramentas digitais podem ser aliadas do ensino de literatura? ( ) Sim ( ) Não
7. Marque as ferramentas digitais que você já utilizou em sala de aula:
  - a) Google Classroom
  - b) Google Forms
  - c) Youtube
  - d) WhatsApp
  - e) Instagram
  - f) Canva
  - g) Mentimeter
  - h) Plickers
  - i) Padlet
8. Quais as maiores dificuldades para se trabalhar literatura em sala de aula? Considere 1 a maior dificuldade e 4 a menor.
  - ( ) Baixa carga horária
  - ( ) Falta de interesse dos alunos
  - ( ) Falta de habilidade dos alunos
  - ( ) Falta de material didático
9. Quais as maiores dificuldades para se utilizar tecnologia em sala de aula? Considere 1 a maior dificuldade e 5 a menor.
  - ( ) Nenhum ou pouco acesso à internet
  - ( ) Falta de equipamentos tecnológicos
  - ( ) Falta de espaço adequado na escola
  - ( ) Desinteresse dos alunos
  - ( ) Falta de habilidade dos professores
10. Você tenta adaptar a ementa de sua disciplina com a realidade vivenciada pelos seus alunos? ( ) Sim ( ) Não
11. Você pede para os alunos avaliarem o seu trabalho em sala de aula? ( ) Sim ( ) Não
12. Você costuma se autoavaliar? ( ) Sim ( ) Não
13. Qual o seu nível de instrução? ( ) Graduado(a) ( ) Especialista ( ) Mestre (a)

Doutor(a)       Pós-doutor(a)

14. Nos 3 últimos anos, quantos cursos ou eventos na área da educação você participou?

a) Nenhum      b) De 1 a 3      c) De 4 a 6      d) Acima de 7

15. Você sente prazer em atuar na sua profissão?  Sim  Não

16. Há algo que você gostaria de compartilhar sobre as questões que foram feitas (algum projeto que desenvolve ou alguma insatisfação)? Se sim, qual? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## **APÊNDICE D – Termo de Assentimento [Pesquisa Experimental] com menores de dezoito anos ou legalmente incapazes**

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada **UMA VIAGEM PELO PRESENTE, PASSADO E FUTURO**: o estudo de literatura em língua inglesa por meio de ferramentas digitais no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís - MA, cujo objetivo geral corresponde a investigar a utilização de ferramentas digitais como instrumentos de auxílio para o estudo de obras de literatura em língua inglesa no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís – MA. A Pesquisa conta com a orientação do(a) professora Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir e não terá nenhum custo para você. A pesquisa será feita através de questionários eletrônicos e de aulas expositivas envolvendo ferramentas digitais e o estudo de literatura em língua inglesa. Iremos perguntar sobre as suas preferências de leitura e sua relação com as tecnologias digitais. Suas respostas e as fotos referentes as etapas de aplicação da pesquisa serão coletadas e serão utilizadas exclusivamente nesta pesquisa e você terá toda a assistência que precisar, antes, durante e após a aplicação do estudo.

Essa pesquisa poderá suscitar cansaço ou aborrecimento ao responder questionários por serem eletrônicos; desinteresse, por não haver relação direta com as notas da disciplina de Inglês da escola; e medo por achar que os professores terão acesso às atividades, o que não ocorrerá, pois a sua identificação será mantida em sigilo e as perguntas se referem unicamente ao estudo e são de ordem técnica: simples e objetivas, com duração de três (3) minutos, no máximo, para preenchimento e com um tempo estendido para ser acessado, podendo ser respondido em sala de aula ou algum tempo depois. Quanto aos benefícios, ela poderá despertar o prazer pela leitura, aprofundar os conhecimentos sobre literatura e apontar algumas ferramentas digitais que poderão ser úteis e mais interessantes no processo de ensino e de aprendizagem como um todo, otimizando o tempo de aula.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas. Os resultados do estudo serão apresentados ao Centro de Ensino Manoel Beckman e, se assim desejarem, aos participantes. Poderão ser também divulgados em eventos científicos e publicados em revistas, mas sem identificar quem participou da pesquisa. Se você tiver alguma dúvida ou problema, você pode me contatar, esclarecer ou consultar o Comitê de Ética em Pesquisa que é um grupo não remunerado, formado por diferentes profissionais e membros da sociedade que avaliam um estudo para julgar se ele é ético e garantir a proteção dos participantes. O contato está no rodapé deste documento. Você também receberá uma cópia deste termo.

Declaro que recebi uma cópia deste termo e que entendi para que essa pesquisa será feita e como vou participar dela, assim como as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que é um direito meu, a qualquer momento, dizer “não” e desistir, sem nenhum problema por conta disso. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus pais/responsáveis. Declaro que concordo em participar desta pesquisa.

São Luís, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
ASSINATURA DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Polegar direito (Quando a pesquisa incluir a participação de pessoas que não saibam ler e escrever).

Atesto que expliquei, cuidadosamente, a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao participante. Acredito que o participante tenha recebido todas as informações necessárias, fornecidas em linguagem adequada e compreensível.

São Luís, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

\_\_\_\_\_  
Viviane Lima Coimbra  
98 99607-7612 / viviane.coimbra@discente.ufma.br  
UFMA – prédio CCH – sala PGCult

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos da pesquisa, você poderá consultar o **Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Maranhão (CEP/UFMA)** que está localizado na Avenida dos Portugueses, 1966, Prédio CEB Velho, em frente ao Auditório Sérgio Ferretti, Bacanga, cujo e-mail é [cepufma@ufma.br](mailto:cepufma@ufma.br). Se preferir, ligue para 98 3272-8708

## APÊNDICE E – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

Caro (a) Participante,

Estou realizando uma pesquisa de Mestrado intitulada **UMA VIAGEM PELO PRESENTE, PASSADO E FUTURO**: o estudo de literatura em língua inglesa por meio de ferramentas digitais no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís - MA, cujo objetivo geral corresponde a Investigar a utilização de ferramentas digitais como instrumentos de auxílio para o estudo de obras de literatura de língua inglesa no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís – MA. A Pesquisa conta com a orientação do(a) professora Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa.

Sua participação nessa pesquisa é uma opção, você pode não aceitar participar ou desistir em qualquer fase dela, a qualquer momento, sob qualquer condição, sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com a pesquisadora, com a UFMA ou qualquer outra instituição envolvida.

Vale ressaltar que não há compensação financeira relacionada à sua participação, pois esta pesquisa será desenvolvida sem nenhum orçamento lucrativo. Os riscos relacionados com sua participação na pesquisa poderão ser no âmbito emocional, tais como, medo de exposição e/ou receio em responder alguma questão, desinteresse, cansaço ou aborrecimento em responder questionário eletrônico, porém, você pode não responder ou não querer mais participar da pesquisa sem nenhum tipo de prejuízo e/ou implicações a você, à Pesquisa e à UFMA. Contudo, o desenvolvimento deste estudo ocorrerá de forma adequada, protegendo a sua identidade, visando a não ocorrência de tais desconfortos, contando com a formação teórico-prática da pesquisadora na área.

Quanto aos riscos físicos, não haverá possibilidades de ocorrer, visto que a coleta de dados ocorrerá em espaços seguros, dentro da escola e/ou caso se faça necessário, por meio virtual. Você terá como benefício direto, além do recebimento de maiores esclarecimentos e de conhecimentos sobre a pesquisa, poderá desenvolver o gosto pela leitura, aprofundar os conhecimentos sobre literatura e uso de ferramentas digitais que otimizam o tempo das aulas, bem como contribuir para ações institucionais da escola a que pertence.

Será garantido a você, caso se faça necessário, o ressarcimento das despesas geradas ao vir participar da pesquisa, assim como o direito à garantia de assistência e de indenização, no caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Caso aceite gostaria que soubesse que será realizada coleta de dados por meio de aplicação de um questionário misto. Os resultados serão utilizados exclusivamente para fins científicos, como divulgação em revistas e congressos, em que sua identidade será preservada.

Você receberá uma via deste termo, assinada por ambas as partes, onde consta o telefone e o endereço eletrônico da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Agradeço sua participação e me coloco à disposição para maiores esclarecimentos através do e-mail [viviane.coimbra@discente.ufma.br](mailto:viviane.coimbra@discente.ufma.br) ou (98) 9 99607-7612 – Viviane Lima Coimbra - Mestranda em Cultura e Sociedade pelo PGCULT da UFMA.

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos CEP/UFMA, grupo não remunerado formado por diferentes profissionais e membros da sociedade que avaliam um estudo para julgar se ele é ético e garantir a proteção dos participantes, poderá ser contatado para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo e-mail: [cepufma@ufma.br](mailto:cepufma@ufma.br), telefone: 3272-8708 ou pelo endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho, Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética. UF: MA Município: SAO LUIS. CEP: 65.080-040.

**Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar voluntariamente.**

Local e data \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora Responsável

\_\_\_\_\_  
Participante

OBS: o local de assinaturas nunca pode estar separado do contexto do texto, isto é, em uma lauda separada do texto.

**ANEXO A – Autorização Comitê de Ética – Parecer Consubstanciado**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
MARANHÃO - UFMA



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** UMA VIAGEM PELO PRESENTE, PASSADO E FUTURO: o estudo de literatura em língua inglesa por meio de ferramentas digitais no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís - MA

**Pesquisador:** VIVIANE LIMA COIMBRA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 67937523.5.0000.5087

**Instituição Proponente:** Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.323.275

#### **Apresentação do Projeto:**

Trata do estudo de literatura em língua inglesa por meio de ferramentas digitais no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman, em São Luís – MA, e o faz mediante a um convite para uma viagem literária pelo presente, passado e futuro. Os sujeitos da pesquisa serão, portanto, os alunos e professores de língua inglesa do 2º ano do ensino médio do CE Manoel Beckman em São Luís-MA. Será escolhida uma turma do turno matutino e outra do vespertino com aproximadamente 30 alunos, cada. Serão aplicados questionários eletrônicos no primeiro encontro com alunos. Em seguida, por aproximadamente 3 meses, serão apresentadas algumas ferramentas digitais para o estudo de literatura em língua inglesa. Os alunos irão participar ativamente das atividades propostas, como: responder a enquetes virtuais sobre as suas preferências por gêneros textuais, autores e obras e poderão publicar no Padlet criado para a

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado

**Bairro:** Bacanga

**CEP:** 65.080-805

**UF:** MA

**Município:** SAO LUIS

**Telefone:** (98)3272-8708

**E-mail:** cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 6.323.275

turma,  
adivinhações e curiosidades sobre essa temática, bem como produzir Podcasts sobre as obras literárias em questão. Ao final, será aplicado um novo questionário eletrônico com eles e com os professores de língua inglesa da escola para avaliar se o uso de ferramentas digitais ajudou ou não o estudo de literatura em língua inglesa. Para essa atividade, os professores de língua inglesa irão disponibilizar parte de suas aulas para a aplicação da pesquisa e poderão inclusive participar ativamente de todo o processo. Caso a carga horária deles esteja comprometida, serão utilizados os horários vagos ou extras das turmas escolhidas. Serão avaliados a motivação, o envolvimento, o conhecimento prévio e adquirido dos alunos, bem como as condições, dificuldades e interesse dos professores.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Investigar a utilização de ferramentas digitais como instrumentos de auxílio para o estudo de obras de literatura em língua inglesa no 2º ano do ensino médio do Centro de Ensino Manoel Beckman em São Luís-MA.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

- Cansaço ou aborrecimento ao responder os questionários;
- Desinteresse dos alunos por não necessariamente contar como avaliação na instituição a qual pertence;
- Medo, por parte dos professores, de que suas práticas sejam mal avaliadas.

Benefícios:

- Os alunos poderão aprofundar seus conhecimentos sobre literatura;
- Alunos e professores poderão conhecer novas ferramentas digitais ou aprimorar seus conhecimentos prévios;
- Os alunos poderão ser despertados para o prazer da leitura;

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado

**Bairro:** Bacanga

**CEP:** 65.080-805

**UF:** MA

**Município:** SAO LUIS

**Telefone:** (98)3272-8708

**E-mail:** cepufma@ufma.br



Continuação do Parecer: 6.323.275

-Os professores poderão otimizar seu tempo em sala de aula com a utilização de ferramentas digitais.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Conforme a autora, estudar uma língua estrangeira moderna, notadamente, a língua inglesa, cuja raiz se difere da língua portuguesa, e ter como objetivo apenas a aquisição do idioma, desconsiderando seus aspectos culturais, sociais e filosóficos, acarretará certamente num problema. Isso, porque o ensino de qualquer língua presume essa contextualização e uma das inúmeras funções da literatura é servir de veículo entre uma cultura e outra, diminuindo as diferenças e os abismos existentes entre elas. Por esse motivo, de acordo com a experiência da autora que vos fala, que atua há 20 (vinte anos) no ensino de língua inglesa nos ensinos: fundamental, médio e superior, em escolas públicas do estado do Maranhão, especialmente, da capital, São Luís, tem-se percebido uma frustração por parte dos alunos que não veem conexão da língua que se dispõem a aprender com o contexto em que atualmente vivem e reclamam também da falta de conexão entre culturas que poderia ser estabelecida durante a aula, através do estudo de literatura comparada, por exemplo, visando favorecer o autoconhecimento através da análise do comportamento alheio.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O protocolo apresenta documentos referente aos "Termos de Apresentação Obrigatória": Folha de rosto, Cronograma com etapas detalhadas, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Projeto de Pesquisa Original na íntegra.

#### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não observam-se pendências e inadequações. Considero o protocolo de pesquisa APROVADO.

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado

**Bairro:** Bacanga

**CEP:** 65.080-805

**UF:** MA

**Município:** SAO LUIS

**Telefone:** (98)3272-8708

**E-mail:** cepufma@ufma.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
MARANHÃO - UFMA**



Continuação do Parecer: 6.323.275

O (A) pesquisador (a) possui o compromisso explícito de iniciar o estudo somente após a aprovação final do Sistema CEP/Conep em conformidade à NORMA OPERACIONAL CNS Nº 001 de 2013.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2047486.pdf	23/06/2023 18:05:06		Aceito
Outros	Carta_Resposta.pdf	23/06/2023 18:02:59	VIVIANE LIMA COIMBRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_VIVIANE.pdf	23/06/2023 17:56:35	VIVIANE LIMA COIMBRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_VIVIANE.pdf	23/06/2023 17:56:13	VIVIANE LIMA COIMBRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Plataforma_Brasil_Viviane.pdf	23/06/2023 17:55:36	VIVIANE LIMA COIMBRA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	23/06/2023 17:54:38	VIVIANE LIMA COIMBRA	Aceito
Outros	Carta_Auth_Coleta_de_Dados.pdf	10/03/2023 18:43:08	VIVIANE LIMA COIMBRA	Aceito
Orçamento	OrCamento.pdf	10/03/2023 18:37:02	VIVIANE LIMA COIMBRA	Aceito
Folha de Rosto	Plataforma_Brasil_atualizada.pdf	10/03/2023 18:35:02	VIVIANE LIMA COIMBRA	Aceito
Outros	Questionario_Professores.pdf	09/03/2023 17:16:53	VIVIANE LIMA COIMBRA	Aceito
Outros	Questionario_Alunos_I.pdf	09/03/2023 17:15:36	VIVIANE LIMA COIMBRA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado

**Bairro:** Bacanga

**CEP:** 65.080-805

**UF:** MA

**Município:** SAO LUIS

**Telefone:** (98)3272-8708

**E-mail:** cepufma@ufma.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
MARANHÃO - UFMA



Continuação do Parecer: 6.323.275

SAO LUIS, 25 de Setembro de 2023

---

**Assinado por:**  
**Emanuel Pércles Salvador**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho Cidade Universitária Dom Delgado

**Bairro:** Bacanga

**CEP:** 65.080-805

**UF:** MA

**Município:** SAO LUIS

**Telefone:** (98)3272-8708

**E-mail:** cepufma@ufma.br